REVISTA DA SEMANA

N. 37 12-9-1953 Cr$ 5,00 em todo o Brasil



O PRESIDENTE ODRIA NO BRASIL

•

MATA-SE EM CAXIAS A METRALHADORA

•

AS CONFISSÕES DE BÉRIA

1º CENTENÁRIO DO PARANÁ

1853 1953



VISITEM A EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ E FEIRA DE CURITIBA

DEZEMBRO DE 1953 A MARÇO DE 1954

INFORMAÇÕES

A. Campos de Oliveira
Alvim, 37 — S. 801
Fone 22-2293

EM SÃO PAULO:
José Lemos Freitas
Rua Líbero Badaró, 152 — 4º
Fone 35-4848

EM CURITIBA:
Departamento Administrativo
Rua Comendador Araújo, 795
Fone 3861

O PRESIDENTE ODRIA NO BRASIL

EXTENSO PROGRAMA DE HOMENAGENS NO RIO E EM SÃO PAULO ★ O PRIMEIRO CHEFE DE ESTADO PERUANO A VISITAR O BRASIL ★ ASSINATURA DE IMPORTANTES TRATADOS CULTURAIS E ECONÔMICOS ★ DADOS BIOGRÁFICOS DO ILUSTRE ESTADISTA VISITANTE

DEIXOU o Brasil, no dia 2 de setembro, um dos mais ilustres chefes de Estado que já nos visitaram. O general Manuel A. Odria, Presidente da República do Peru, neto do herói Manuel Odria e uma das figuras mais destacadas nos setores militar e político daquêle país irmão nestes últimos cinqüenta anos, trouxe o abraço fraternal de uma das repúblicas mais progressistas de nosso continente.

Acompanhado por sua comitiva, o General Odria desembarcou no Aeroporto Santos Dumont, sendo recebido pelas mais altas patentes civis e militares do nosso país; foi alvo de carinhosa manifestação por parte do povo carioca em todo o trajeto para o Palácio das Laranjeiras, onde ficou hospedado.

Como não podia deixar de ser, foi enorme o programa organizado para comemorar a visita do Presidente do Peru. No dia 25 de agôsto, data de sua chegada, o general Odria compareceu à sessão solene da Reitoria da Universidade do Brasil, ali recebendo carinhosa homenagem. Na manhã do dia 26, concedeu aos jornalistas brasileiros e aos correspondentes estrangeiros, uma entrevista coletiva. Na tarde do mesmo dia efetuou uma visita de cortezia ao Senado e à Câmara Federal. À noite, compareceu ao banquete que lhe ofereceu o Presidente Getúlio Vargas, tendo recebido pouco antes o colar da Ordem do Cruzeiro do Sul, ofertado pelo nosso Ministério das Relações Exteriores.

O dia 27 de agôsto foi destinado às homenagens do Exército brasileiro ao general de divisão do Exército peruano, eleito Presidente daquela nação amiga. Após várias demonstrações de nossas fôrças terrestres, o Presidente Odria dirigiu-se ao Panteon, onde depositou uma palma no túmulo de Caxias. Finalmente, no salão nobre do Palácio Guanabara, teve lugar uma recepção, durante a qual o Chefe de Estado do Peru foi agraciado com a Grã Cruz da Ordem do Mérito Militar, sendo os oficiais da sua comitiva condecorados em outros graus da Ordem do Mérito Militar.



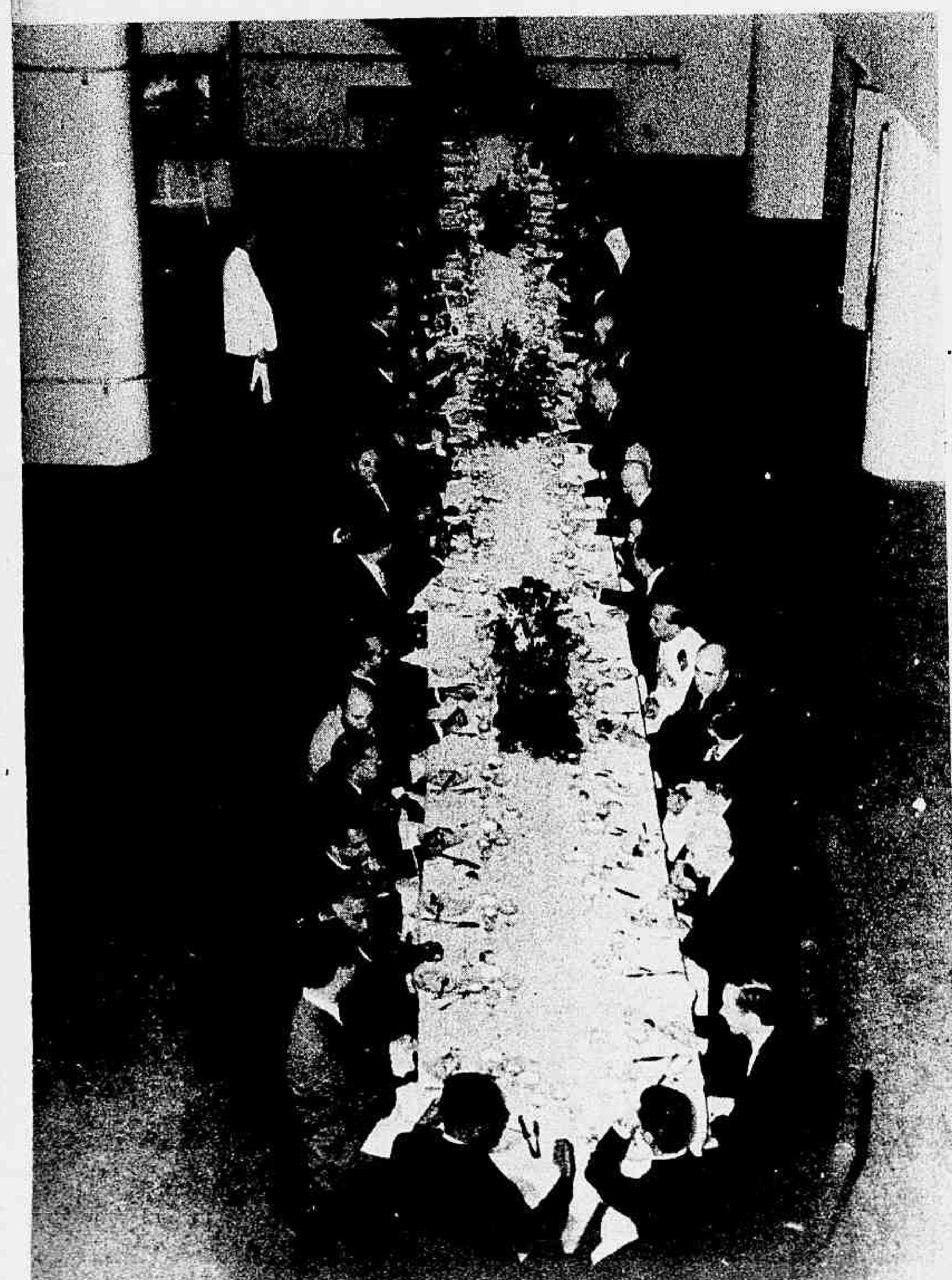
Os Chefes de Estado, general Odria, do Peru, e Getúlio Vargas, trocam impressões em uma recepção oferecida ao ilustre visitante andino.

O PRESIDENTE ODRIA NO



O ex-embaixador Pimentel Brandão exibindo suas numerosas comendas, saboreia um charuto no decorrer da recepção à comitiva peruana.





Cerimônia da entrega de condecorações ao Presidente da República do Peru e a ilustres oficiais de sua comitiva. O general Manuel Odria

No dia 28, às 11 horas, foram assinados tratados de natureza econômica e cultural entre os dois países. O primeiro dêles é uma reafirmação dos princípios e ideais democráticos das nações americanas e dos sentimentos de confraternização dos povos brasileiro e peruano. O segundo trata de um convênio perúvio-brasileiro no sentido de declarar livres os portos fluviais de Manaus e Iquitos e outros que venham a revelar-se de interêsse e conveniência recíproca, na Bacia Amazônica. O terceiro é um acôrdo sôbre recenseamento. O quarto, quinto e sexto, visam, respectivamente, o desenvolvimento do intercâmbio comercial, o aproveitamento de matérias primas e os transportes aéreos.

Seguiram-se um almôço oferecido pela Associação Brasileira de Imprensa e uma visita ao Supremo Tribunal Federal.

Na sexta-feira, 28, coube ao general Odria homenagear o Presidente Getúlio Vargas, com a entrega solene da Grã Cruz com brilhantes da Ordem «Al Merito por Servicios Distinguidos», seguida de um banquete e um baile.

Aspecto do banquete com que a Associação Brasileira de Imprensa homenageou o general Manuel Odria, Presidente da República do Peru.

que se v
nistro da

No dia
sidente d
No dom
em comp
membros
gem até
na Pauli
nagens
políticos
seu país

Dados
de Tarm
Escola M
após su
Maior e

O Emb
lo Nún

NO BRASIL





O Ministro José Linhares, quando pronunciava o seu discurso no Supremo Tribunal, na recepção oferecida ao Presidente Manuel Odria.

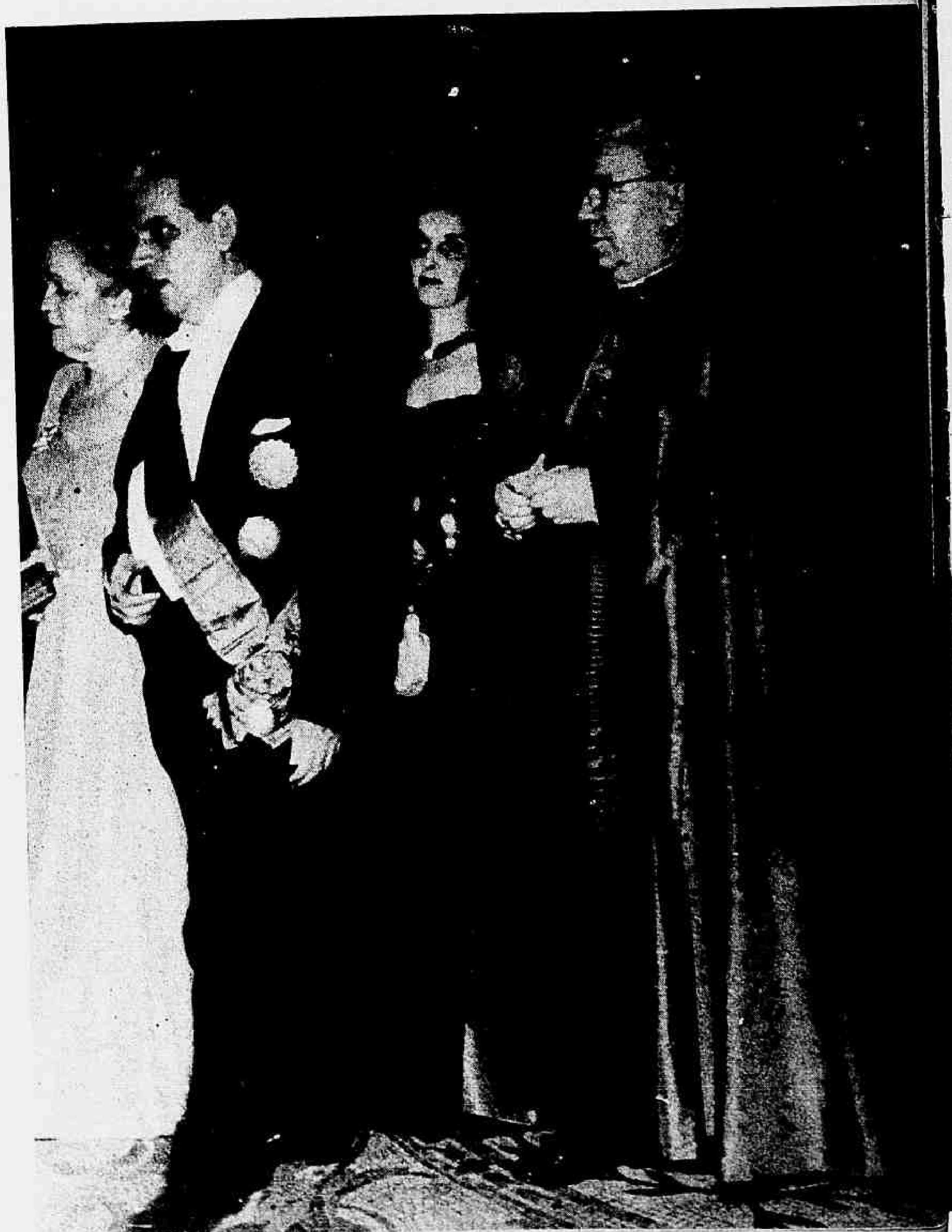
que se vê na foto ladeado pelo Presidente Getúlio Vargas e pelo Ministro da Guerra, recebeu a comenda da Ordem do Mérito Militar.

No dia 29, o Governador do Estado do Rio ofereceu um almôço ao Presidente do país irmão, em Petrópolis, no Palácio Itaboraí.

No domingo, 30, o Chefe de Estado do Peru embarcou para São Paulo, em companhia de sua espôsa, sra. Maria Delgado Odria, e dos demais membros de sua comitiva, onde foi recebido em caráter oficial (na viagem até o nosso país, o Presidente da República irmã ficara hospedado na Paulicéia, ali chegando no dia 24 de agôsto). Após receber as homenagens que lhe eram devidas e efetuar visitas aos principais setores políticos do progressista Estado brasileiro, o general Odria retornou ao seu país, levando consigo o afeto de todos os brasileiros.

Dados biográficos do general Manuel A. Odria — Nasceu na cidade de Tarma, na região central do Peru. Muito jovem ainda, ingressou na Escola Militar de Chorrillos onde permaneceu como instrutor e professor, após sua graduação. Já em 1930 era promovido à classe de Sargento Maior e nomeado chefe do Batalhão de Infantaria da referida Escola

(Continua na página 47)



O Embaixador Lourival Fontes e senhora Magnani, seguidos pelo Núncio Apostólico, D. Carlos Chiarlo e senhora Antônio Balbino.

O PRESIDENTE ODRIA NO BRASIL



A senhora Rivera Schreiber abotoando a pulseira da senhora Maria Delgado Odria, espôsa de S. Excia. o Presidente da República do Peru



Homenagem que o general Odria prestou a Duque de Caxias, patrono do nosso Exército, no Panteon em frente ao Ministério da Guerra.



O Presidente senhor Getúlio Vargas, condecorando o Presidente do Peru, general Odria, numa solenidade realizada no palácio da Guerra.



No primeiro plano, o sr. Getúlio Vargas dando o braço à sra. Maria Delgado Odría, seguindo-se o Presidente do Peru com a sra. Darcy Vargas, e, logo atrás, o sr. Café Filho e sra. Rivera Schreiber.

Casada ou Solteira

Quando levar uma quéda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação dêstes importantes órgãos útero-ovarianos use *Regulador* Gesteira.

Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas

Use *Regulador* Gesteira

***Regulador* Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, pêso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e tôdas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.**

***Regulador* Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações**

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* Gesteira

C O R R E I O   D A   R E V I S T A

★ Natal, 20 de agôsto de 1953

Sr. Diretor: Lendo a conceituada REVISTA DA SEMANA, edição de 18 de julho p.p. páginas 54 e 58, observei que, em sua parte histórica, referente às homenagens fúnebres aos restos mortais da Princesa Isabel e do Conde d'Eu, a taça de ouro e a «Rosa de Ouro», **ofertas do papa Pio XIII**, àquela Redentora, há terrível engano, notadamente, em se tratando de fatos concretos e ligados à nossa história, os quais jamais poderão ser desvirtuados. Note-se, porém, que o pontífice **Pio XIII** nunca existiu. Pois, o atual papa é Pio XII. Portanto, corrija-se para Leão XIII, (Joaquim Pecci) que pontificou naquela época, tendo sido as referidas ofertas feitas por êsse pontífice, à Princesa Isabel e, jamais por um papa imaginário.

Na qualidade de professor de português, condeno como os demais Mestres da língua, esta expressão, conforme se lê na página 54 da referida REVISTA DA SEMANA: «numa evocação da luta que antecedeu ao GESTO magnânimo da Redentora», por ser uma frase manchada de galicismo intolerável. GESTO tem o significado lógico de movimento do corpo, das mãos, dos braços etc. Dizemos corretamente: O marinheiro fazia GESTOS com as mãos, indicando a presença de um barco inimigo. Mas, no caso da Redentora, foi, apenas, um ATO magnânimo, em virtude de ter sido digno, nobre, elevado, humanitário etc. Aqui, em Natal, publico constantemente, em secção especializada de alguns jornais, questões de português, com o título de «Erros de Linguagem». Ficarei bastante agradecido com a provável publicação desta carta e assino-me atenciosamente — **Auneliano Madeiros Filho** — Rua Açu, 567 ou Redação do Diário de Natal.

★ **L. da S. F.** (Rio) — O «ALBUM-REVISTA DA SEMANA» vai até 31 de dezembro próximo, quando se encerrará, com o sorteio de Natal.

★ **Graziela Garcia** (Salvador — Bahia) — Embora não esteja mais em vigor o «Concurso de Contos», pode mandar o seu. Se estiver bom...

★ **Cangaceiro** (S. Paulo) — O assunto é com a nossa co-irmã, a «Cena Muda». Pode dirigir-se à sua direção, no mesmo endereço desta Revista.

★ **Um leitor** (Rio) — Já foi publicado o cromo a que se refere, em uma de nossas últimas edições. Pode adquirir o número em nosso balcão, na loja. **(Continua na página 12)**

a REVISTA há 50 anos

Domingo, 13 de Setembro de 1903

CHRONICA

A semana concentrou-se nesses tres dias festivos que passaram, de glorificação a Santos Dumont. Entendo bem festas assim, porque são espontaneas, nascidas da vontade liberrima das massas, que não obedecem a nenhumas determinações. São a extravasão de mil sentimentos affectivos, que não poderiam ser contidos, que afogariam a alma da gente.

As festas de recepção ao homem que viu o mundo inteiro, a não sei quantas mil milhas acima da Torre Eiffel, revestiram-se d'esse caracter, emancipadas de traçados officialmente prescriptos. Nem poderiam ser de outra maneira. As festas que os governos delineam com programmas são de uma solemne frieza, não passando nunca do discurso official e das luminarias.

O povo olha para ellas com a mais eloquente indifferença. Como essas festas são obrigadas a convites, o povo não as acceita, que para o seu temperamento não traduzem sinceridade cousas preparadas á guiza de cortezias diplomaticas.

Vibra a alma da multidão, quando toda ella conhece o motivo do regosijo que deve ser celebrado, quando ella, por todos os seus individuos, um a um, pode ser representada. Dumont teve as suas festas, dentro da patria amada, que o esperava para estreital-o nos braços, depois de haver recebido os amplexos de estranhos povos, assim popular, assim cordeal, assim alma.

Valeu-lhe mais, certamente, a apotheose d'esses tres dias, no Rio de Janeiro, do que se o houvessem posto em throno, reinando em vastas terras, com exercitos armados a moverem-se ao seu mando. É que representam mais do que isso tudo os sentimentos de gratidão da patria expressados pelas acclamações do povo.

★ AVILOVRAC

A proposito das questões dos vinhos.
Uma criança pergunta, angelicamente, ao pae:
— Oh papá, de onde é que vem o vinho do Porto?
O pae, depois de reflectir um instante, e com grande convicção:
— Meu filho, o vinho do Porto, vem quasi todo da... Praia Grande.

FRANCISCO MANOEL

● Acha-se aberta uma subscripção, para o seu producto ser applicado em um busto de bronze do saudoso maestro brasileiro Francisco Manoel, insigne autor do nosso formosissimo HYMNO NACIONAL, busto esse que será erigido no jardim do Passeio Publico. Essa grandiosa idéa tem sido muito bem acceita pelo publico, e brevemente será o bello monumento inaugurado com toda a solemnidade. O trabalho artistico de esculptura será graciosamente executado pelo apreciado esculptor brasileiro, Benevenuto Berna. A redacção do «Jornal do Brazil», tem uma lista á disposição das pessoas que a queiram assignar.

OS THEATROS

★ A REVISTA DA SEMANA publica hoje os retratos do tenor Caruso e da soprano Carelli, que cantou a **Tosca**.

Sobre a **Tosca** nos occuparemos na proxima semana. Quem não conhece entre vós a estimada artista Carelli? Não prejudica pois a nossa demora, a ninguem, nem muito menos ao merito da sympathica cantora.

★ Quanto aos outros theatros pouco temos a dizer nesta chronica. Em materia de novas representações apenas tivemos no S. José **O Poeta Bocage**, opereta que muito deleitou os assiduos frequentadores da companhia José Ricardo.

★ No Recreio tivemos a **réprise** do drama **Remorso Vivo**, apresentando novos e bellissimos scenarios devido ao gosto artistico do scenographo Carrancini.

★ No Apollo, a **Boneca** consegue todas as noites enchentes á cunha. Palmyra Bastos tem ali uma das suas melhores creações; é uma boneca encantadora.

★ O Casino com as suas constantes estréas não dá tempo aos seus **habitués** nem para um minutozinho de descanso. No proximo numero nos occuparemos d'ellas mais detidamente.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 37 ★ 12-9-1953

SUMÁRIO

O Presidente Odria no Brasil	3/ 7
A Grécia devastada	11/15
Depois do Vendaval	20/21
As confissões de Béria	26/31
A Índia sem inglêses	43/46
Em Caxias mata-se a metralhadora	53/57
Domadores de pulgas	9
Oito centavos (conto)	19
A Bem Amada	22/23
Semana Literária	24
Francesca da Rimini	34/35
O jubileu de Júlio de Castilhos	36/37
A Revista há 50 anos	8
A Semana em revista	10
De Rádio	14
De Cinema	15
De Teatro	16
Janela sôbre o mundo	32/33
Arabelle	49
Último flash	58
A luz da psicanálise	18
Modelos da primavera	38/39
Sugestões para o lar	40
Um pouco de beleza	41
Week-end na cozinha	42

Capa: TERRY MOORE
(Kodachrome T. C. Fox)

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

●

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia, Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.
Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS.

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400.00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

Domadores de Pulgas



(Foto United Artists)

EDMUNDO LYS

NESSE último filme de Carlitos, há o capítulo do domador de pulgas. O «clown» em decadência apresenta seu número, com a paródia do domador que amestra pulgas. O melhor é que nem as pulgas existem. Êle faz de conta. A mímica que êle emprega, fingindo que as pulgas saem da caixa, vêm à mesa, dão saltos mortais — eis o número. Lembramo-nos dessa chapliníada diante dêsse vasto escândalo que se instalou no Brasil e que, rompendo as comportas, escachoou por todos os lados o ímpeto de suas torrentes de lama. Em última análise, vivemos entre domadores de pulgas. Êsses senhores que por aí supunhamos grandes capitães de indústria, heróis do mundo dos negócios, mestres-de-forjas, todos êles podem meter a casaca vermelha do «clown» e seu «haute de forme», trazer para o palco a caixinha das pulgas e iniciar o jôgo. Upa! lá vai uma pulga fazendo o primeiro salto mortal... Upa! lá vai outra pulga amestrada.

● Estamos vivendo a idade dos domadores de pulgas. Por tôda parte estão êles saltitando, como suas próprias pulgas, ensaiando os saltos mortais que não chegam a dar, que não sabem dar. Tal qual suas pulgas. Se o panorama político do país é uma arena «clownesca», por todos os lados, como numa sala de espelhos, o espetáculo se repete. Estamos todos trajados como o «clown» de Carlitos, vestidos na casaca vermelha de nossa decadência, sem glória prévia. Nada aprendemos neste meio século de democracia. Ninguém conseguiu domar, não diremos um tigre de Bengala, um leão da África, mas, sequer, uma simples onça pintada, que diremos — um mero gato do mato. E, brandindo o chicote do «dompteur», fazemos apenas manobrar às miseráveis pulgas, as únicas feras que cederam à nossa improvisada bravura. O mais curioso é que êsse triste «show» ainda consegue impressionar a muita gente. A platéia, ao invés de chorar lágrimas copiosas de acerbo pranto, diante do espetáculo dêsses domadores de pulgas, apanhados no seu embuste, ainda se preocupa em encontrar perdões para o «clown» que em certa hora confundiu, por causa da casaca nova, como um verdadeiro domador, ousado senhor das selvas e das jaulas e que, afinal, de altas botas de verniz e cartola lusidia — apenas exibia as suas pulguinhas amestradas...

● Figuras dignas de passar à história, pelo lápis dos caricaturistas, com orelhões asnáticos, os zurros próprios, a respectiva cauda e as quatro patas apoiadas sôbre cascos enlameados, a dêsses «maîtres de forges» que envergonhariam a sub-literatura do próprio Ohnet e o seu herói pechisbeque, a êle comparado no título. Êsses «clowns» que engordaram nos negócios financeiros mais escusos e, depois do espetáculo, estão certos da nossa aceitação e do nosso conformismo — ao declarar que não sabem o que se fêz, que não se lembram de coisa alguma, que ignoram tudo isso e o céu também... Bom seria que êsses domadores de pulgas estivessem, ponhamos, na Bolívia, onde os postes de iluminação costumam ter serventia mais útil ao país, já que não pretendem seguir o exemplo de Stawiski que, por muito menos, meteu uma bala nos miolos.

Afinal, o povo parece interessar-se por êsse jôgo de pulgas, distraindo-se com êle, apesar de custar sangue, suor e lágrimas dêsse mesmo povo... O povo é o único entrujado pelos domadores de pulgas e o único que, por fim, paga para o ato e as casacas vermelhas... Sua alma, sua palma.

A PERSONAGEM DA SEMANA



OCORREU a 7 de setembro, o primeiro centenário da fundação da cidade mineira de Teófilo Otoni, plantada voluntária e conscientemente pelo grande brasileiro, que batizou com o nome de Filadélfia, um dos frutos da Companhia do Comércio e Navegação do Rio Mucuri. Teófilo Otoni começou sua luta em prol do aproveitamento do vale do Mucuri, a 4 de setembro de 1847, seguindo do Rio com uma expedição de dezoito pessoas, a bordo do vapor «Princesa Imperial». A onze do mesmo mês chegavam a S. José do Pôrto Alegre. Subiu então o Mucuri com uma comitiva de mais de 50 pessoas, encontrando-se depois com expedições terrestres do Jequitinhonha, em Santa Clara. Empreendeu, então, êsse segundo Mauá, a mais terrível luta contra a natureza, a mesquinhez humana, as surprêsas do deserto, as moléstias tropicais, a hostilidade do selvagem. Mas venceu. A 7 de setembro de 1853, o imortal Teófilo Benedito Otoni fundava Filadélfia, cujo local foi considerado por êle, «belíssima situação, que, em breve, deve ser o principal centro de todo o comércio do norte de Minas». Em homenagem ao civilizador do Mucuri e fundador da bela cidade, Filadélfia passou a denominar-se Teófilo Otoni. Homenageando a data, exaltamos a figura excelsa do grande patrício.



A VOLTA DE "PANFLETO"

Durante a semana que passou, tôda a cidade soube, pela publicidade, do reaparecimento de uma revista de combate, cujo batismo refletiu sempre o seu conteúdo: «Panfleto». Mas, o que traz de novo em sua ressurreição, é o nome de Edmar Morél como um dos seus dirigentes e responsáveis. Êsse jornalista que se especializou em reportagens, sendo, sem favor, um dos maiores escrafunchadores de homens e coisas por todo êsse mundo, é garantia do êxito da publicação reaparecida, tanto mais que conta agora com uma equipe de profissionais da pena e homens de letras dos mais combativos do país.



GENERAL COSTA LEITE

Acaba o nosso Exército de perder um dos seus mais destacados oficiais, tanto pela cultura e vocação militar, como pelos mais relevantes serviços à pátria: o general Pedro da Costa Leite. Nascido a 14 de março de 1900, iniciou sua vida militar em 1916, chegando ao oficialato em 1922 e a coronel em 1949. Fêz parte do Gabinete dos generais Eurico Dutra e Canrobert P. da Costa, tendo exercido as mais elevadas funções em tempo de paz e em tempo de guerra. Oficial da Ordem do Mérito Militar e várias condecorações, era, ao falecer, presidente da Biblioteca do Exército, à qual muito se dedicava.

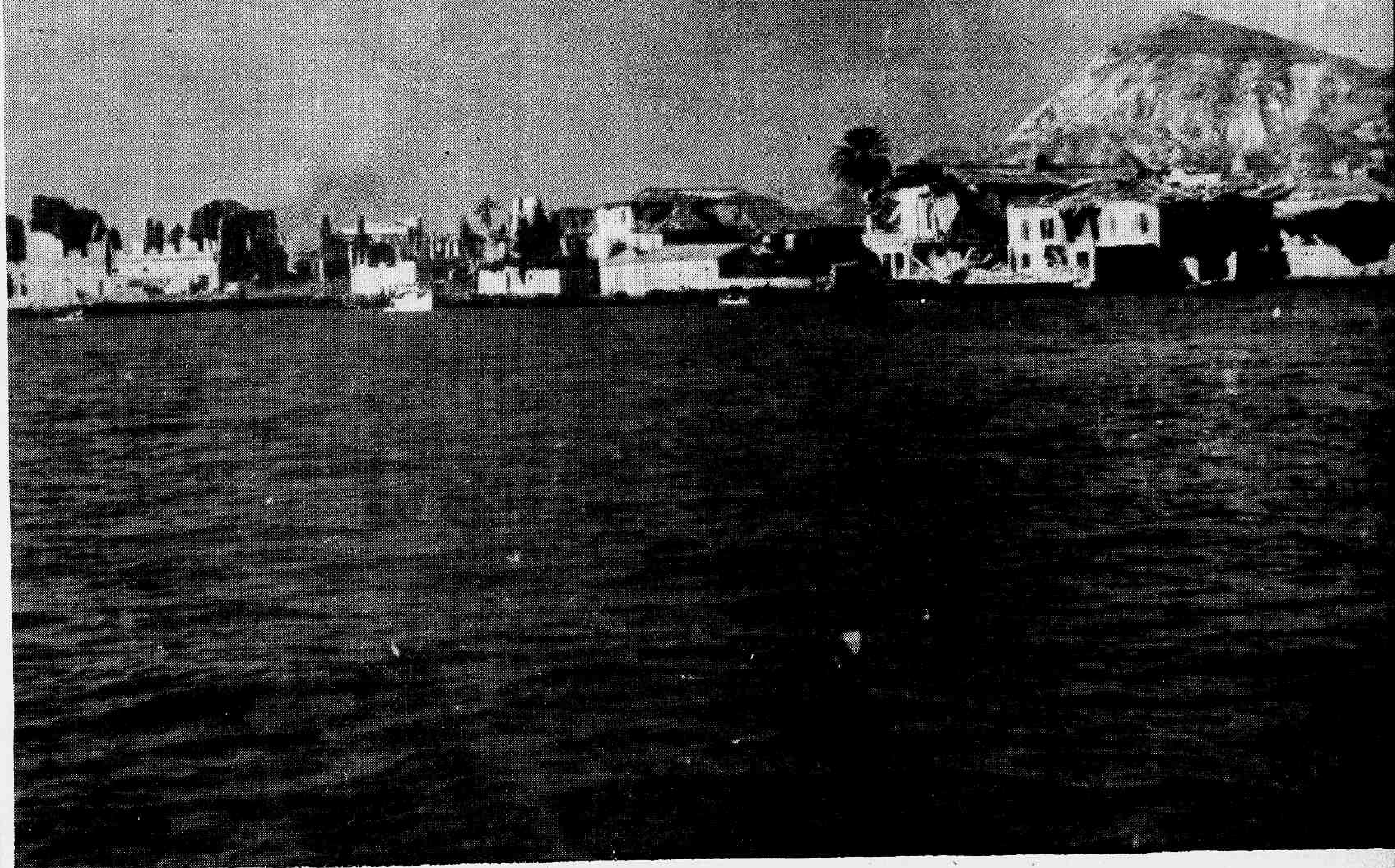
A SEMANA EM REVISTA



O BRIGADEIRO CONDECORADO

Na data do sesquicentenário do nascimento do Duque de Caxias, ocorrido a 25 de agôsto dêste ano, dentre muitas condecorações conferidas pelo sr. Presidente da República, foi registrada a do Brigadeiro Eduardo Gomes, agraciado pelo Chefe da Nação, com a Ordem do Mérito Militar. Do ato publicamos êste flagrante, quando o sr. Getúlio Vargas, auxiliado pelo Ministro da Guerra, colocava a fita ao pescoço do homenageado, chamando a atenção de quem vir esta foto, o sorriso enigmático do sr. Vicente Rao, Ministro do Exterior, que parecer estar pensando com Horácio: «Melius nil celibe vita».

A GRÉCIA DEVASTADA



Cefalônia, vista do mar, depois do terremoto que a devastou. Além da destruição dos edifícios, grandes incêndios irromperam por entre os destroços ocasionados pelo traiçoeiro abalo sísmico, aumentando dolorosamente e já desesperadora situação dos habitantes de Argostoli.

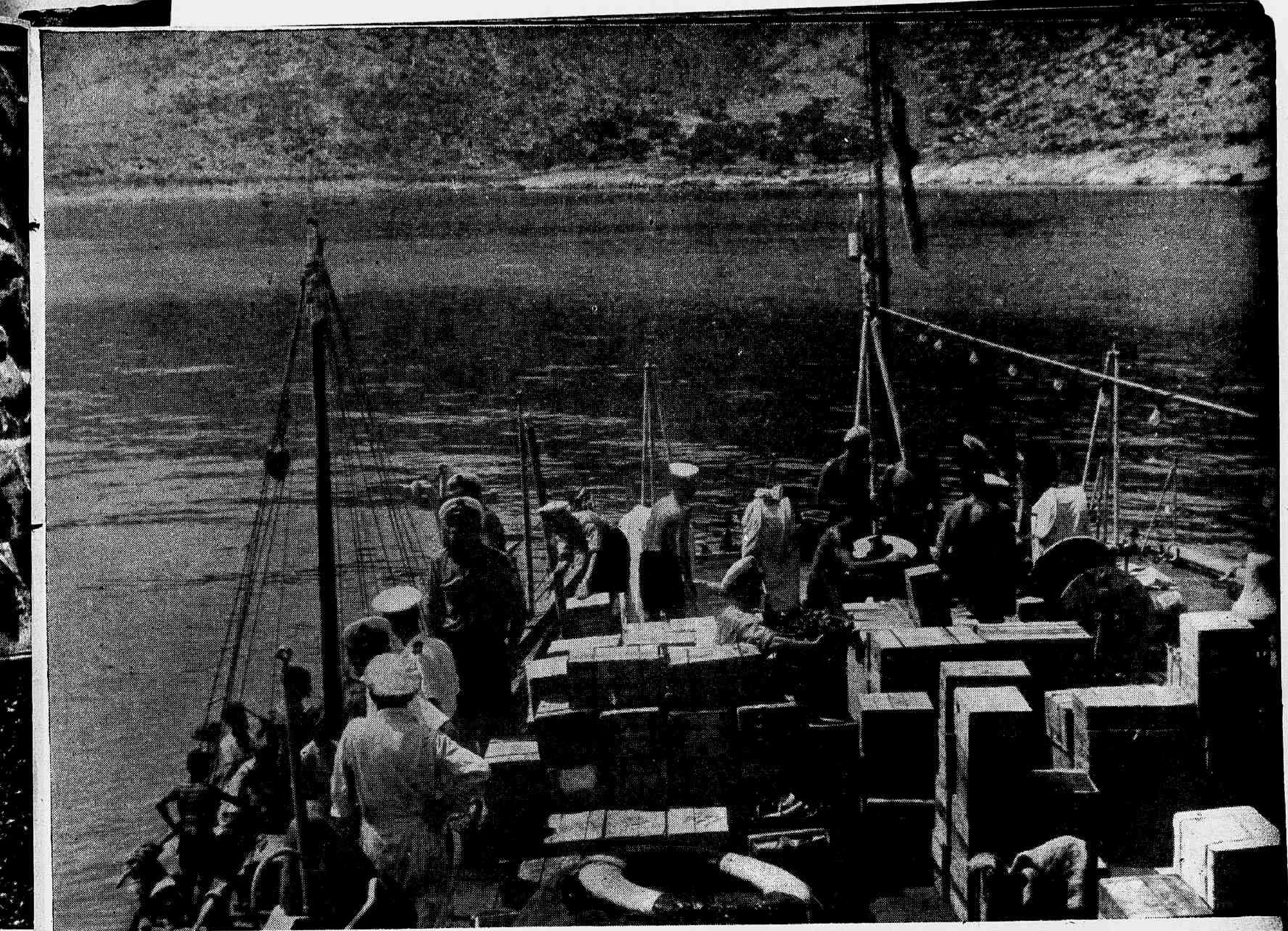
VÁRIAS ILHAS DO MAR JÔNIO SACUDIDAS PELO TERREMOTO ★ O COMANDO INGLÊS DO MEDITERRÂNEO ORDENA IMEDIATOS SOCORROS ★ LADY E O CONDE MOUNTBATTEN CHEGAM A CEFALÔNIA PARA PRESTAR AJUDA ÀS POPULAÇÕES SACRIFICADAS

NOVA documentação fotográfica sôbre os horrores dos abalos sísmicos das ilhas gregas do mar Jônio, publicamos nesta página. Durante uma semana, nos meados de agôsto próximo passado, uma série de terremotos causaram estragos desastrosos em cidade e vilas deixando milhares de pessoas desabrigadas, destruindo todos os serviços essenciais e ocasionando centenas de mortes. Os países vizinhos enviaram prontamente auxílio e suprimento aos ilhéus atingidos. As nações membros da NATO, com fôrças no Mediterrâneo, organizaram grupos de emergência com pessoal médico e suprimentos para auxiliar o sobrecarregado govêrno grego. A primeira a entrar em ação com gêneros alimentícios, pelotões de salvamento, equipamento e médicos, foi a Marinha Real Britânica. Os navios da esquadra do Mediterrâneo estacionados em Malta foram enviados, com presteza, para as ilhas Jônias. Outros que se achavam em exercícios no mar, ou em viagem pelo Mediterrâneo, foram avisados pelo Comandante em Chefe do Mediterrâneo, Almirante Mountbatten, que, acompanhado de sua espôsa, Lady Mountbatten, comandante da Brigada de Ambulâncias de St. John, dirigiram-se para as áreas devastadas. Helicópteros, destróiers, fragatas, cruzadores, barcaças de desembarque, voluntários, homens e mulheres disponíveis das três fôrças, — todos os recursos disponíveis da Marinha no Mediterrâneo — foram enviados. Cêrca de cem mil gregos desamparados, muitos feridos, grande número de mortos não identificados, são as cifras das baixas até o momento. Argostoli, capital da Cefalônia, é o local mais atingido; Zaquintos, capital de Zante, já não existe; e o pôrto de Vati, capital de

A C[illegible]ASTADA









Argostoli, a florescente capital de Cefalônia, vista do ar parece uma cidade devastada por bombardeios. Noutras fotos, uma rua destruída na mesma cidade e marinheiros inglêses e habitantes gregos procurando salvar residentes soterrados, ali e na vila de Samos. O navio que vemos ancorado perto de Samos é o «Wrangler» carregado com gêneros e medicamentos.

DE RÁDIO

GUARACY

EMILINHA BORBA HOMENAGEADA



EMILINHA Borba foi homenageada no dia 31 de agôsto, numa grande festa realizada no Teatro João Caetano em comemoração do seu aniversário natalício, contando a mesma com a participação de elementos de destaque do nosso rádio, e com o apoio da Associação Brasileira de Rádio. Isso vem provar o prestígio que a Rainha do Rádio de 1953 goza entre seus colegas de profissão. Ela bem merece, pois é sem dúvida uma intérprete de talento da música popular brasileira, possuindo uma grande legião de fãs, que não se cansa de aplaudi-la.

● Linda Batista empreendeu uma excursão artística ao sul do país, tendo visitado várias cidades do Rio Grande do Sul, onde conseguiu obter grande êxito. Linda já se encontra atuando ao microfone da Rádio Nacional, apresentando aos domingos o programa «É Uma Coisa Linda», transmitido às 20 horas.

ENCONTRA-SE escrevendo para a Rádio Nacional de São Paulo o produtor e locutor esportivo Antônio Maria, que pertence ao «cast» da Rádio Mayrink Veiga.

A EXEMPLO de sua irmã, Dircinha Batista também empreendeu uma excursão artística pelo interior do Estado de São Paulo, depois de atuar na capital, na «boîte» Lord e na Rádio Nacional.

● Completou 4 anos de irradiações consecutivas, no dia 7 de setembro, o programa escrito por Paulo Roberto e intitulado «Honra ao Mérito», que é apresentado ao microfone da Rádio Nacional tôdas as quartas-feiras, às 21,35 horas, sendo comemorado com uma audição especial, transmitida diretamente da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, em homenagem às Fôrças Armadas Brasileiras, com radioteatralizações de episódios da Independência do Brasil.

DEPOIS de rescindir o seu contrato com a Rádio Tupi, Luiz Alves iniciou uma excursão pela América do Sul, começando em Buenos Aires, onde atuará na Rádio Splendid e na «boîte» Embassy.

RENOVARAM contrato com a Rádio Tamoio as rádio-atrizes Heloisa Helena, Marina Gonçalves, Neli Vilanova e Lúcia Câmara e os locutores José Viana e Paulo Ferreira.

● No dia 1 de setembro, o rádio-ator Paulo Pôrto comemorou a passagem de seu aniversário natalício e de suas atividades ao microfone da Rádio Tupi. Esta festa foi transmitida diretamente do auditório, tendo daquela emissora sido distribuídos prêmios no valor de sessenta mil cruzeiros, além de contar de um grande desfile de artistas de cinema e teatro.

● Será oferecido um grande almôço ao prefeito do Distrito Federal, coronel Dulcídio do Espírito Santo Cardoso, por iniciativa da Associação Brasileira de Rádio. Êste almôço contará com a presença de quase todos os trabalhadores de nossas emissoras.



Milton de Andrade

MILTON de Andrade é o novo cantor que dia a dia vem se impondo aos rádio-ouvintes, [illegible] graças às suas [illegible] qualidades de intérprete das nossas músicas populares. Tendo [illegible] nas Rádio Cultura da Bahia e Rádio [illegible] de Recife, [illegible] das Associadas, onde terminou [illegible] o seu contrato, estará breve entre nós [illegible] numa das emissoras cariocas. Boa chance, é o que lhe desejamos.

ACABA de ser lançada uma nova novela de Álvaro [illegible] ao microfone da Rádio Tamoio: «As Duas Irmãs», substituindo «A Menina dos Sonhos Dourados», de Jerônimo [illegible].

ARLETIA GRANADA, intérprete espanhola, depois de um grande sucesso na «boîte» [illegible] e na Rádio Tupi de São Paulo, encontra-se atuando na «boîte» «Três Bossas», do Rio de Janeiro.

QUANDO ENCERRÁVAMOS as notícias desta edição chegaram-nos [illegible] o compositor Ary Barroso, os cantores [illegible] Costa, Dora Lopes, Edson Lopes e [illegible], [illegible] organizada pelo compositor de «Aquarela do Brasil», depois de uma [illegible] excursão artística.

A GRÉCIA DEVASTADA

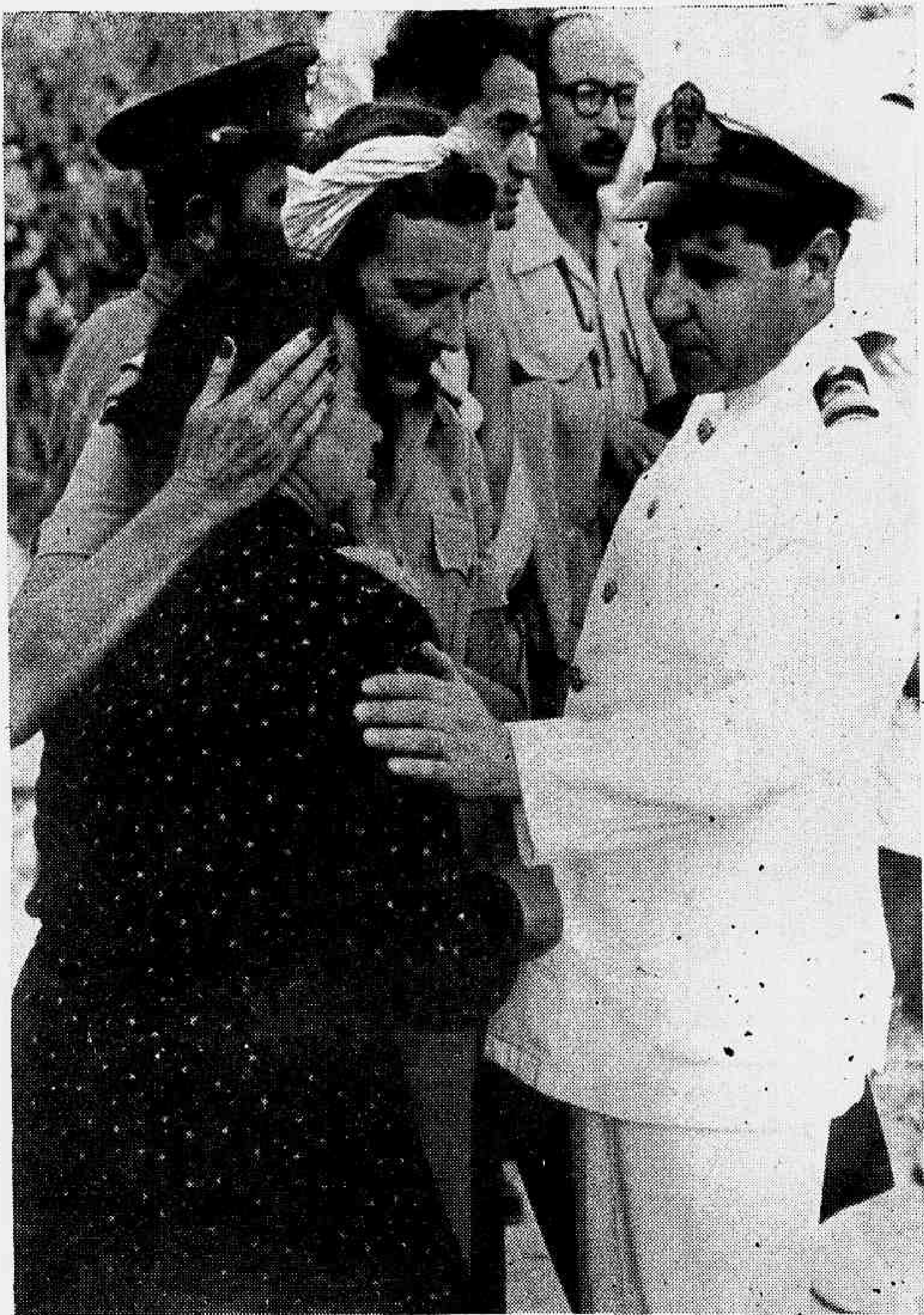


Antes mesmo de instalados os centros médicos para a necessária assistência à população, os marujos inglêses prestaram os primeiros socorros.

Ítaca está em ruínas. A lenda de que as ilhas Jônias retornarão ao fundo do mar, submersas pelas águas (e os ilhéus assim acreditam), não se tornou desta vez realidade. E talvez nunca se torne. A Marinha Britânica possui experiência dêsses terremotos nas ilhas gregas. Encontrava-se em Corinth em 1928 e na Macedônia em 1932, com ajuda imediata para as vítimas do terremoto naqueles dias. E ali, outra vez, se encontrou para o mesmo fim humanitário. O Brasil também se incorpo-



Lady Mountbatten, comte. da brigada de Ambulâncias, conversa com enfermeiras gregas, que trabalham ao lado de câmaras da marinha britânica.



Lady Mountbatten e o Comandante grego M. Mavrojannis, residente em Cefalônia, conformam uma pobre senhora grega que perdera tudo.

rou ao número dos povos que acorreram em socorro da Grécia, tendo partido a 30 de agôsto, do pôrto do Rio, o navio «Vasaland», transportando auxílios às vítimas do terremoto das ilhas devastadas. Consistiram os socorros, em mantimentos, remédios e agasalhos, arrecadados num movimento conjunto da Cruz Vermelha Brasileira, da Legação e do Consulado da Grécia nesta capital. Todos os que ainda queiram colaborar nessa campanha de amparo às populações flageladas do mar Jônio, poderão enviar seus donativos à Legação da Grécia, ou ao Consulado Geral. E' preciso que se lembre, que as populações gregas daquele arquipélago, perderam tudo o que possuíam, desde seus lares, às mais simples coisas de uso doméstico e pessoal.



O Almirante Mountbatten, Comandante em Chefe do Mediterrâneo, que ordenou imediatamente a ajuda britânica às abaladas Ilhas Jônias.

DE CINEMA

NEWTON COUTO

A CRUZ DE MINHA VIDA

BASEADO numa peça teatral de William Inge, apresentada no palco pelo «The Theatre Guild», «A Cruz de Minha Vida» (Come Back, Little Sheba) é uma produção de Hal B. Wallis para os estúdios da Paramount Pictures, sèndo o argumento e roteirização de Ketti Frings. «A Cruz de Minha Vida» serviu para dar o prêmio da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, como a melhor intérprete principal do ano de 1952, à atriz Shirley Booth, famosa nos palcos da Broadway, que resolveu aderir ao cinema, fazendo-o com grande sucesso, pois obteve logo a consagração de um artista cinematográfico: ser premiado com o «Oscar». Shirley Booth vive a figura de Lola Delaney, ao lado de Burt Lancaster, responsável por alguns trabalhos de grande aceitação artística, como, «Assassinos» (The Killers), dirigido por Robert Siodmak, e «Brutalidade», produzidos pelo falecido Mark Hellinger, sem dúvida alguma, um excelente produtor cinematográfico. Secundando-os, aparecem Terry Moore, Richard Jaeckel, Philip Ober, Lisa Golm e Walter Kelley. A fotografia foi entregue a êsse notável esteta da câmara, que é James Wong Howe, que nos deu trabalhos fotográficos de grande sensibilidade artística, isto é, «Corpo e Alma» (Body And Soul), produzido pela Enterprise, uma nova produtora, e distribuído pela Metro Goldwyn Mayer, sob a direção de Robert Rossen — seu melhor trabalho no cinema — onde o fotógrafo chinês conseguiu impressionar bastante, apresentando uma fotografia com composições muito valorizadas pela iluminação, pintando quadros com rara felicidade. Seu claro e escuro dêste filme, deixaram patente o seu extraordinário conhecimento da pintura com a luz, e o seu grande talento. «Em Cada Coração o Pecado», que fêz para os estúdios da Warner Bros., onde passou maior parte de sua carreira, James conseguiu surpreender também pela excelência da fotografia, auxiliado por êsse outro extraordinário William Cameron Manzies, que desenhou tôda a planificação do celulóide, magnìficamente dirigido pelo falecido Sam Wood. Poderíamos continuar citando outras películas de James Wong Howe, mas tomaríamos conta de todo êste espaço, e nós precisamos descrever outros fatos sôbre êsse filme.



SHIRLEY BOOTH — premiada pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood — e Terry Moore numa cena de «A Cruz de Minha Vida», da Paramount Pictures.

● Franz Waxman, foi o encarregado da música. Franz é o compositor mais cinematográfico do cinema norte-americano, superado, apenas, no que se refere ao valor sinfônico, por êsse admirável compositor, Erich Wolfgang Korngold, seu colega nos estúdios da Warner, que conseguiu reunir o maior conjunto de músicos, chefiados por Leo F. Forbistein, que faleceu alguns anos atrás, exercendo as funções de diretor musical, cargo que é interpretado mal por muita gente, que não conhece bem o que significa um departamento musical num estúdio cinematográfico. Faziam parte dêsse departamento, Hugo Friedhoff, que se encarregava das orquestrações; Max Steiner, que ainda se encontra na Warner; Adolf Deutsch, Frederic Hollander, Erich Wolfgang Korngold e Franz Waxman. Um «team» respeitável. Franz, que escreveu uma das partituras mais esplêndidas do cinema, em «Um Lugar ao Sol» (A Place In The Sun), aquêle belo filme interpretado por Montgomery Clift, Shelley Winters e Elizabeth Taylor, deu-lhe o prêmio da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, como a melhor partitura do ano de 1951, deverá apresentar outra composição capaz de arrancar os maiores aplausos, neste seu novo trabalho para os estúdios da Paramount, «A Cruz de Minha Vida». Shirley Booth faz nesta sua estréia no cinema, um dos papéis mais difíceis, porque compõe um tipo altamente dramático e de complexo sentido psicológico, que só uma atriz de muita experiência poderia fazê-lo. Desde a estréia de «A Cruz de Minha Vida», que a crítica e o público norte-americano foram unânimes em apontá-la como a legítima candidata ao «Oscar», de melhor atriz de 1952. A Academia só ratificou êste julgamento, além de obter outras honrarias ofertadas por jornais, revistas e associações classistas dos Estados Unidos. Merecem, também, crédito, os trabalhos de Burt Lancaster, que consegue apresentar um desempenho realmente sincero, de Terry Moore, e Richard Jaeckel. A direção é do novato Daniel Mann, que tem oportunidade, pelo excelente material humano e intelectual, de criar uma realização de alto valor artístico.

O ATOR CECIL DE MILLE

● Retribuindo o gesto simpático de Bob Hope, que concordou em aparecer como «extra» no filme «O Maior Espetáculo da Terra», o famoso produtor e diretor Cecil De Mille aceitou o convite para desempenhar uma «ponta» no tecnicolor de Hope, «O Filho do Treme Treme». Nesta comédia, o mestre De Mille aparece como um fotógrafo à moda antiga, e atua com muito desembaraço e naturalidade.

ESCLARECIMENTO

● Em nossa crítica sôbre o filme «Depois do Vendaval» (The Quiet Man), citamos, apenas, que o diretor de fotografia Winton Hoch, havia sido premiado pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, pelos seus trabalhos em «Joana D'Arc», da RKO Radio Pictures, ao lado de seus colegas Joseph Valentine e William V. Skall, e «She Wore A Yellow Ribbon», sob a direção de John Ford, mas acontece que êle foi premiado pela terceira vez no celulóide «Depois do Vendaval», prêmio conquistado o ano passado. Aliás, as três películas foram premiadas na categoria de filmes em tecnicolor.

DE TEATRO

J. TEIXEIRA

LUIZA BARRETO LEITE NO TEATRO DE BÔLSO



ESTREOU no Teatro de Bôlso a companhia de Luíza Barreto Leite com a peça de Pirandello «O Homem, a Bêsta e a Virtude», adaptada recentemente para o cinema, na Itália, com Totó, Orson Welles e Viviane Romance nos principais papéis. «O Homem, a Bêsta e a Virtude» é interpretada por Luíza Barreto Leite, José Lewgoy, Labanca, Nelson Dantas, João Sérgio e Luís Alberto, sob a direção artística de Silva Ferreira.

● Fazem parte do elenco da revista «Os 7 Pecados de Mulher», de Jean Cartier, que está em cartaz no Teatrinho Jardel, os artistas Evilázio Marçal, que retorna aos teatros de Copacabana, desta vez como primeiro cômico, depois de atuar no Teatro de Madureira com a companhia de Zaquia Jorge; Sady Cabral, Fininho (Almeidoca), Alan Lima, Nick Nicola, Jaime Silva, Celeste Aída, Valéria Amar, Anilza Leoni, Terezinha e Auri, o primeiro bailarino José Moleta e a «vedette» Lilian Reis.

«GRÊMIO ALDA GARRIDO» é o nome dado pelos amadores de teatro de Niterói, ao seu grupo recentemente criado, como uma homenagem à grande caricata do teatro nacional, que fêz a sua primeira apresentação com a peça «Maria Cachucha», de Joracy Camargo, despontando em seu elenco os nomes de Norma Soares, Lia Martinez, Arlindo Trindade, Paulo Roberto, Luís Henrique, Ézio Ginza, José Carlos e Nilson Chamberlain.

O CÔMICO ALMEIDINHA, que foi integrando a Companhia Ferreira da Silva em sua excursão artística a Portugal, no ano passado, embarcou no princípio dêste mês para o Brasil, a bordo do vapor «Vera-Cruz». Ao regressar a Companhia Ferreira da Silva, Almeidinha deixou-se ficar em Lisboa em companhia de sua espôsa e «partenaire» Juju, onde conseguiu obter um grande sucesso, principalmente na revista portuguêsa «Cantigas, ó Rosa», encenada no Teatro Maria Vitória. Juju permanece em Lisboa cumprindo contratos.

● No Primeiro Centenário de Curitiba serão apresentadas as peças «Atire a Primeira Pedra», de Didi Fonseca e editada pela revista «Dionysos»; «Quando os Anjos Choram», de Ery Antônio Franciosi, e a famosa sátira de Molière «As Preciosas Ridículas», que serão representadas pelo Teatro do Estudante do Paraná, além da peça de Ernani Fornari «Nada», que será montada no auditório da Escola Normal, representada pelos amadores da Sociedade Paranaense de Teatro.

FOI COMEMORADO no dia 24 do corrente, o 35º aniversário de teatro do falecido teatrólogo brasileiro Renato Viana, com a representação da peça de sua autoria «Fogueiras de Carne», espetáculo promovido pelos seus filhos Rui Viana e Maria Caetana, o seu genro Leone Vasconcelos, Itala Ferreira, Ana Edler, ex-aluna de Renato Viana e atualmente integrante do Teatro Duse, que tomará parte no espetáculo por gentileza de Pascoal Carlos Magno; e alguns elementos do «Anchieta», última organização artística do autor de «Sexo». Maria Caetana fêz o papel que lhe consagrou no teatro — Gaby, contando êste movimento com o apoio do Serviço Nacional de Teatro, Associação Brasileira de Imprensa, Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, Associação dos Empresários Brasileiros, Associação Brasileira de Rádio, Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos, Museu Nacional de Belas Artes, Teatro do Estudante do Brasil e Teatro Duse.



Edmundo Lopes, que se acha atuando com a companhia de Maria Della Costa no Rio Grande do Sul, na peça «A Corda de Prata», de Lúcio Cardoso, ao lado de Alma Flora e Maria Sampaio.

● Renata Fronzi acaba de estrear no Teatro de Aluminio, em São Paulo, com a revista «Adorei Milhões», ao lado de Colé, Nélia Paula, Rui Cavalcânti, Celme Silva, Francisco Serrano e Carla Nell. Como animador e encarregado de apresentar o espetáculo, seguiu César Ladeira, que conseguiu uma licença da Rádio Nacional. Renata Fronzi, depois de obter um grande êxito com a revista «Vai da Valsa», conseguirá, por certo, fazer outro grande sucesso nesta sua nova temporada em São Paulo. Qualidades artísticas e uma grande personalidade, ela as possui. Portanto, o sucesso artístico e financeiro está garantido, esperando-se uma temporada bem prolongada...

CORREIO DA REVISTA



● Recebemos da capital da Noruega, com a fotografia aqui reproduzida, uma carta em alemão, cuja tradução é a seguinte:

«Oslo, 14 de julho de 1953.
Kirkeveien 108, c.
Revista da Semana.
R. Visconde de Maranguape, 15.
Rio de Janeiro.

Encontra-se em meu poder um quadro pintado em côres maravilhosas, o qual, pròvàvelmente, é de autoria do sr. I. B. De Biel, que estêve no Rio de Janeiro no ano de 1831. Penso ser a obra um original a óleo, e, para orientação dessa Revista, foi executado sôbre chapa de madeira inteiriça. Parece que o artista gravou no verso, sôbre a madeira, alguma coisa, que, por motivos desconhecidos foi desfeita mais tarde. Se a Revista tiver interêsse poderá publicar a fotografia, e assim conseguir, talvez, que um perito em Artes Plásticas, esclareça a história do quadro. Gostaria de receber notícias a respeito do caso e espero não haver tomado, em vão, o tempo do trabalho da redação, ao mesmo tempo que lhe mando abraços do país do sol da meia-noite.

Seu

(a) JHON SVENSSON.

● A Companhia Editôra Americana
Lapa — Rio de Janeiro
Prezados senhores.

Atento aos dizeres de v/ carta de 8 do corrente, estou remetendo anexo o cheque nº 62298, contra o Banco Brasileiro de Descontos e no valor de Cr$ 51,00 para pagamento de m/ encomenda constante de m/ carta datada de 14 de junho p/p. Citada remessa está seguindo c/ algum atraso em vista de ter viajado para esta localidade e sòmente recebendo correspondência de minha residência em Campinas (S.P.) nesta data; no que espero v.v. s.s. me relevarão pela falta involuntária.

Juntamente c/ v/ acuse recebimento, gostaria de receber esclarecimentos sôbre o seguinte: Sei que o signo «Câncer» influi nos nascidos de 21/6 a 21/7. Na «Semana Astrológica» (Revista da Semana), aquela data vem precedida do signo «Capricórnio»; e «Câncer» vem c/ data de 23/12-20/1. Estarão invertidas as datas? Ou quais as indicações que devo observar? As contidas nos signos pelos nomes? Ou as que constam nas datas certas das influências de cada signo? Para exemplificar: (Revista da Semana 18/7).

Gêmeos — 21-11-22/12 (Ou 21/5 a 20/6?) O novo período será muito fraco, etc...

Sagitário — 21/5-23/6 (ou 21/11-22/12?) O ambiente o porá num estado, etc.

Deve-se seguir a influência contida na epígrafe GÊMEOS? Ou vai se seguir a que se contém na data de sua influência, isto é, 25/1 a 23/6? Quero crer que fui bastante preciso em minha consulta e pelos v.v. esclarecimentos antecipo meus agradecimentos com estima e atenciosamente. — **Arlindo Catusso.** — Londrina, 21-7-53.

Meu endereço: Rua Coronel Antônio Lemos, 161 — Vila Industrial — Campinas — São Paulo.

M. G. — (S. Paulo) — Não podemos citar as livrarias que vendem livros a um cruzeiro, pois só o fazem quando estão «queimando» como sucedeu com os motivos daquela reportagem nossa.

Isabel de A. Silva — (S. Paulo) — O cinema em três dimensões ainda não está funcionando no Brasil. Espera-se porém, que sua estréia se dê dentro de breve tempo.

Águas da Prata

(ESTADO DE SÃO PAULO)

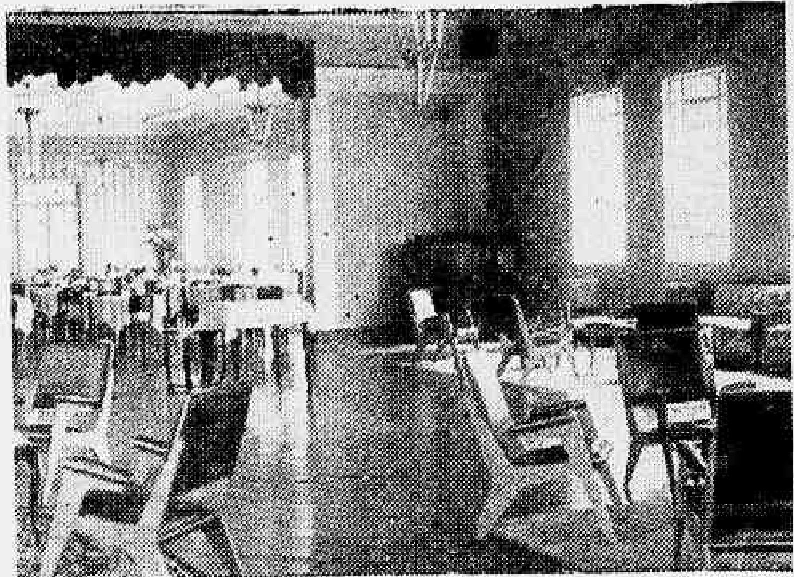
«A VICHY BRASILEIRA»

Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as ÁGUAS DA PRATA, são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DA PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilela»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual.

A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista.

Fonte Vilela — Poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.



Um aspecto da majestosa varanda do Hotel, recanto ideal para repouso.

GRANDE HOTEL PRATA

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos.

Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

RESERVA DE APOSENTOS:

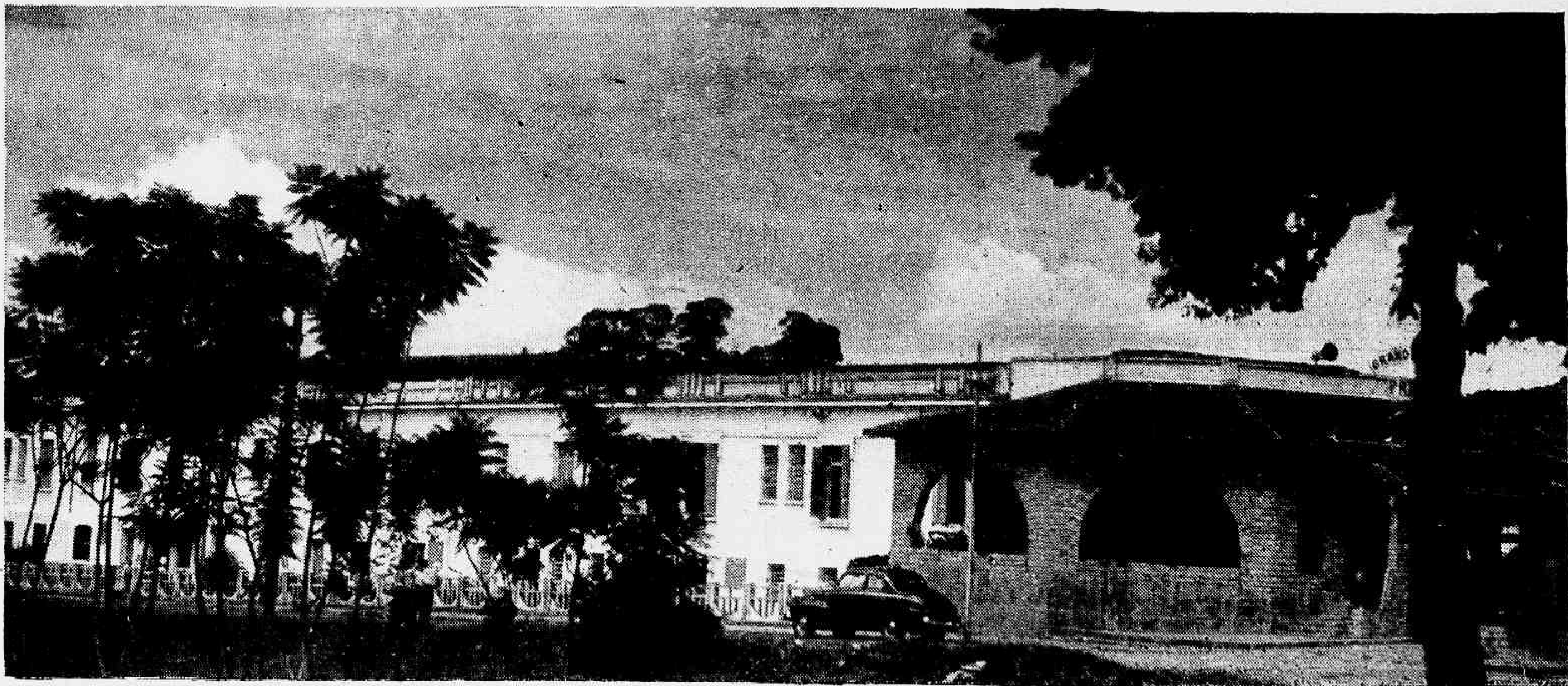
Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20.

Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela.

ÁGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.



A grande e alegre sala de jantar, belamente arejada e iluminada.



Vista geral do Grande Hotel Prata.

OS SEGREDOS DA ALMA

À LUZ DA PSICANÁLISE

DR. LUIZ FRAGA

OBSESSÃO — Júlia tem 27 anos, é solteira, funcionária pública e reside com sua família: mãe e três irmãos. Há, em sua casa, um cãozinho adorado por todos; é alegre, bonito, carinhoso e tem pela Júlia uma predileção especial. Nossa consulente queixa-se, em seu relatório, de que se acha afetada do impulso obsessivo de lançar pela janela o seu cãozinho querido.

— «Tôdas às tardes, quando volto do Ministério, venho pensando em «Todd», com agradável sentimento de carinho. Ao chegar em casa, entretanto, o cãozinho acerca-se de mim, sacudindo a cauda nervosamente e saltando. Carrego-o, ao invés de o acariciar, como devia, sinto um desejo quase irrefreável de lançá-lo pela janela. Resido no oitavo andar dum edifício à Av. Copacabana».

Os sentimentos experimentados pela Júlia, são como em todos os casos semelhantes, espantosos e indescritíveis. É uma jovem inteligente e completamente lúcida, demonstrando, em sua grafia, perfeito equilíbrio mental e bom caráter. Mas, não obstante todo afeto demonstrado pelo cão que a adora, sente êste impulso absurdo. O impulso em questão é acompanhado, pela imagem viva do espetáculo horripilante, que seria o efeito de sua ação. É, na verdade, um caso de neurose obsessiva, conquanto, a execução efetiva de semelhantes impulsos jamais se verifique, a menos que derivem de moléstias mais graves, como a epilepsia, a demência precoce, etc.

● Que revelou a análise?

A primeira Hipótese era que se tratasse de um instinto de ódio agressivo, permanecido inibido, ao qual se opunha a afeição consciente e talvez exagerada, com relação à hostilidade inconsciente. Ao contrário, trata-se de uma situação nevrótica muito mais complicada e que ela era como o produto final de uma luta empenhada no inconsciente da analisada, muito antes da explosão do terrível impulso obsessivo.

Júlia gosta de um rapaz há três anos. Seu noivo tem um amigo muito simpático que, apesar de seus galanteios, não perturbou a felicidade de Júlia e seu noivo.

— «Herbert, meu noivo, parecia não gostar de cães. Tive essa impressão certa vez quando visitávamos uma família nossa amiga, em cuja casa existe um belo «galgo». Todavia, na semana que se seguia à nossa visita, o meu noivo me trouxe «Todd» de presente . . .

— Você estava tão encantada pelo «galgo» que não pude conter o desejo de lhe oferecer êste bichinho . . .».

Roberto, o amigo de Herbert, visitou os noivos no dia seguinte e, vendo «Todd» no colo de Júlia tivera esta expressão: — «eu quisera ter um cão tão bonito com uma dona tão delicada . . .».

Essas palavras perturbaram estranhamente a Júlia que, logo após a saída de Roberto, foi acolhida, pela primeira vez, do impulso de lançar o cão pela janela. O cão oferecido pelo noivo, representava um obstáculo ao seu namôro com Roberto, que a presenteara com êle. O impulso obsessivo tendia pois, em eliminar êsse obstáculo, ao tempo em que êle representava a punição do super-Ego, com a perda dum animal bonito, carinhoso e inocente.

● **Nem sempre os sintomas nevróticos consistem em determinadas inibições de funções normais, mas também em fatôres positivos, com mêdo obsessões, traços mórbidos de caráter; são os substitutos simbólicos e as satisfações larvadas de instintos inibidos e que não podem ser compreendidos sem plena e completa familiaridade com as manifestações da sexualidade infantil. Ainda no decurso de curas psicanalísticas temos freqüentemente ocasião de observar as influências dos fatos exteriores sôbre os conflitos inconscientes do paciente, a sua atenuação ou exacerbação, conforme os fatos estimulem ou dissimulem o conflito.**

Júlia tem, assim, o motivo de seu impulso obsessivo, causado pelo receio de poder vir a gostar de Roberto, traindo o verdadeiro amor por seu noivo. Receio infundado e recalcado porque temeu confessá-lo a Herbert. O aparecimento de «Todd» — um presente gentil do noivo — e o fato do amigo do seu noivo desejar possuir «êste lindo cão e sua dona gentil» determinaram o «impulso obsessivo» de que, agora, facilmente Júlia se pode livrar».

CORRESPONDÊNCIA

● **CARLOS G. SILVA (D. Federal) — Os nossos trabalhos são relatos despretenciosos, mas fidedignos e sinceros, sempre apanhados em nossas fichas clínicas. Os leitores, que não são nossos clientes, envia-nos relatórios às vêzes completos e extensos acompanhados do «Coupon» que pode ser recortado da Revista. A forma de diálogos facilita a melhor compreensão dos leigos em assuntos psicanalísticos, que podem acompanhar o desenvolvimento do assunto.**

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● ESTRÊLA DO RIO — (Rio)

SONHO — Estava em um grande teatro ao ar livre, com minha família, à espera do espetáculo, quando as pessoas que me rodeavam me chamaram a atenção para o céu. Vi, então, um cometa, que eu queria fazer ver aos outros que era a Estrêla Dalva, embora eu mesma soubesse que não era. O céu era côr de anil salpicado de estrêlas; o cometa, quanto mais descia, mais sua cauda se tornava longa, até que se desmanchou, formando quadrados de linhas brancas e no seu interior pássaros esvoaçavam, parecendo-me pombos ou andorinhas brilhantes como estrêlas. Logo após, os quadrados foram-se desmanchando e se transformando em gôtas reluzentes e cálices, que os presentes apanhavam, procurando enchê-los com as gôtas, para beberem. Eu tentava apanhar um, e não conseguia, até que um rapaz desconhecido que se encontrava ao meu lado segurou dois, oferecendo-me um. Enchi-o, porém antes de beber, êle me chamou a atenção para as gôtas que se me afiguravam lágrimas, que caindo sôbre uma pilastra, formavam um bloco transparente, semelhante a uma bola de cristal luzidia e, em seu redor as gôtas tomavam uma consistência viscosa e caíam até o chão. Levei o cálice aos lábios e não pude beber o seu conteúdo devido a um forte temporal que, repentinamente se desencadeou, causando pânico entre as pessoas que se encontravam no teatro. Vi, então que tudo isto fazia parte do cenário do teatro. Ao sair encaminhei-me para um local desconhecido — um caminho estreito e longo — a fim de apanhar 18 crianças as quais não podiam ir comigo e estavam sob a minha guarda. Ao aproximar-me das crianças, estas correram sorridentes aos meus braços e . . . acordei . . .

INTERPRETAÇÃO — Você teve um lindo sonho, repleto de símbolos; uns magníficos, outros menos bons, confirmando o que nos dizem os Mestres sôbre a vida — «uma luta constante entre o Bem e o Mal», luta que começa desde o metabolismo das endócrinas à disparidade de nossos mais íntimos e sutis sentimentos. O mundo é, sem dúvida um imenso teatro e nós, ora somos os atores, ora os espectadores. Cumpre-nos desempenhar com galhardia e fidelidade o papel que o nosso diretor — Déus — a nós destinou. E, também, faz-se mister ajudemos a tôdas as personagens para que a obra seja perfeita, harmônica e se desenvolva normalmente . . . Eis porque você se via rodeada de tantas pessoas em seu sonho; fato que indica ser capaz de gestos altruístas (apanhar as crianças) e desinteressados (cálice que estava cheio de gôtas idênticas a lágrimas). As passagens de sua vida devem ter se desenvolvido em rápidos e miraculosos cenários (estado em que viu o céu), isto é, você deve ter passado de estados precários a uma vida mais faustosa, com relativa facilidade, devendo estar, no momento, desfrutando de certa estabilidade (cauda do cometa que se transformou em quadrados), a me estribar no explêndido símbolo que é o quadrado. Êste é a base de tudo na vida, tanto que na cabala êle representa a própria estabilidade e harmonia das fôrças cósmicas; mas, sem embargo por um descuido seu, ou por um excesso de fantasia e desejo de grandeza (pássaros esvoaçando dentro do quadrado), você pode transformar a sua vida em um cálice de amarguras (cálice cheio de gôtas como lágrimas) oferecido pelo seu **impetuoso eu inferior** (rapaz desconhecido), o qual lhe exigirá a entrega de sua convicção e firmeza, na lei moral e espiritual (gôtas que caíam sôbre o bloco), representadas pela limpidez de sua alma (bloco transparente). Tome cuidado com seus anseios, vigie seu coração e não deixe que dentro dêle se aninhem os baixos sentimentos (forte temporal), que poderão trazer-lhe sérias e desagradáveis conseqüências e, talvez a perda de algo em que deposite suas esperanças (pânico). Apesar de tudo isso você é bastante intuitiva para ver que não deve «colocar seu chapéu aonde sua mão não alcance» (reconhecimento que fêz de que tudo o que via era apenas o cenário de teatro), e continuar sua rota (caminho estreito) para a aquisição de sua gloriosa missão (crianças a sua espera), a qual está traçada para você: o número 18, cuja soma é 9 é o número completo e que representa o Infinito, com tudo o que êle tem de bom para nos dar. Com tôda certeza dará a você muitas felicidades (crianças sorridentes que corriam ao seu encontro).

Estrêla do Rio, as crianças são o perfume da terra; as sementes das belas árvores, que crescerão no jardim de nosso ocaso; são elas que adoçam a vida dos mortais, cheios de preocupações e dão-nos a alegria de um viver mais ameno, com suas inocentes travessuras.

● ULA — (Rio)

SONHO — Meu noivo subia uma ladeira cheia de escadas imensas, tendo ao colo uma criança. Subia, entretanto, muito contente, os cabelos soltos ao vento. Eu, de cima, com tôda a minha família o aguardava, também feliz, alegre, acompanhando sua ascenção até o lugar onde se encontraria comigo. Quando me dirigia a êle, despertei.

INTERPRETAÇÃO — Começo a responder à sua consulta, fazendo uma observação sôbre sua grafia: descendente, indicando indecisão, desânimo, espírito abatido; traços dos T deixando ver uma natureza propensa ao domínio e ao mando. Fico por aqui, Ula não posso estender-me mais, pois esta secção é de psicanálise experimental e não de grafologia. Passo ao seu sonho: êle me dá a impressão de que você se julga um pouco superior a seu noivo social e espiritualmente (. . . de cima, com tôda minha família). E talvez, sem ter um profundo conhecimento da vida pregressa de seu noivo, você lhe dê diàriamente o melhor perfume de sua alma (. . . feliz, alegre, acompanhando sua ascenção) para vê-lo no caminho do Bem. Terminando, acredito que você veja nêle a seiva nova e pujante (criança ao colo) que venha vivificar a possível aridez de sua vida.

● LULA — (Rio)

SONHO — Vi-me, com o meu noivo, em um trem a tôda velocidade, atravessando serras e precipícios enormes. O trem nos sacudia, causando-nos mêdo e apreensões, pois havia crianças em nossa companhia. Depois de sua última subida, que nos pareceu o fim, galgamos uma planície calma, cheia de relva, vegetação alegre, sol e orvalho.

INTERPRETAÇÃO — Os veículos em geral — carros, trens, trolis etc. — representam na filosofia hermetista a criatura com seu tríplice corpo: físico, moral e espiritual. E como todo veículo não caminha por si só, precisa de um condutor êste representado sempre pelo Ego, auxiliado pelos sentimentos, pensamentos e desejos [illegible] **carro** (trem) [illegible] cidade excessiva [illegible] dos impulsionando-o com a nossa impaciência, nossa ansiedade e nossos desejos desordenados (. . . atravessando serras, precipícios . . . causando mêdo). É feliz daquele que, depois de tantos altos e baixos (serras) consegue chegar à **Terra da Promissão** — a **Canaan** dos [illegible] (planície) e viver ao **Sol**, [illegible] pela tocha do amor, construindo a eterna felicidade (tranqüilidade).

OITO CENTAVOS

(BIOGRAFIA DE UM ÔVO)

Conto de **VELIA MARQUEZ**

DE cócoras, diante do galinheiro feito de paus velhos, Melita observava, pela terceira vez, aquela ave de plumagem irregular e pardacenta, de pescoço pelado e quase vermelho.

Enquanto lhe falava, fazia ruídos mimosos com a língua:

— Tch, tch, tch, o que que há, minha galinha de topete? Tch, tch, me dá êle logo!

A galinha já estava acostumada com a maneira pela qual a pequena a tratava tôdas as manhãs — e deixava-se querer.

Embora a olhasse com indiferença e parecesse entregar-se apenas a ruídos galináceos, acabava sempre por atender ao pedido da garotinha; mas, aquela ocasião, desorientava-a com as suas idas e vindas. Acomodava-se no rústico ninho de palha e, passando um instante, levantava-se sem ter deixado o precioso presente.

Não falhara um único dia, quase desde a ocasião em que matricularam Melita na escola.

Para os seus sete anos, foi um verdadeiro acontecimento freqüentar a escola primária. Lembrava-se de que Mamã Lala — como ela chamava a avòzinha — sacrificando umas economias, voltara uma manhã do mercado com a «formosa» Topetuda, dizendo-lhe:

— Cuide dela. É sua.

Os olhos da garotinha dilataram-se.

— Minha? Só minha?

— Sim, pois você vai à escola e necessita de alimento . . . Além do chá de hervas e **gorditas**, você tomará um ôvo quente, que ela dará a você.

Desde então, a galinhazinha vulgar, como boa poedeira, lhe entregava todos os dias o consabido presente. Aquela manhã, Melita esperava-o com maior ansiedade. Aguardava-o e, de instante a instante, fazia contas com os dedos.

★

Mamã Lala, anciã de fisionomia bondosa e gesto enérgico, surgiu à porta:

— Saia daí, filhinha. A Topetuda se espanta.

Obedeceu sem um pio.

Conhecia a sua avòzinha. Sabia que não gostava de repetir o que ordenava e, menos ainda, que ela, qualquer que fôsse o motivo, estivesse no quintal da habitação coletiva.

Mamã Lala evitavá sempre que alguém a visse chorar. Era estranho ver-lhe os olhos azuis umedecidos. Antes, ela não sabia qual a razão; agora, porém . . .

A menina seguiu com o olhar a anciã erecta que, com passos miúdos e acelerados, se perdia entre um dos labirintos do grande cortiço.

Nesse instante, a galinha cacarejou, anunciando o final da sua tarefa.

Melita, dando mostras de júbilo, voltou-se e arrancou, por assim dizer, o alvo ôvo, ainda quente.

A galinha pareceu olhá-la com os seus olhos redondos e desorientados.

— Que grande! Que bonito! Como és linda, Topetuda! . . . Me darão oito centavos por êle.

Sem pensar em nada, nem sequer em avisar o avô que estava dentro da casa com o seu irmãozinho, pôs-se a correr, seguindo na direção em que, momentos antes, a avó se fôra.

Já na porta da rua, pareceu duvidar. Olhou em ambas as direções. Por fim, decidiu-se.

Após uma noite de chuva, o dia surgia esplêndido. Começou a caminhar pela calçada mais batida de sol, aprisionada entre as mãozinhas, a já tão apreciada mercadoria.

★

Melita despertara aquela manhã sem que a avó a chamasse.

A claridade introduzia-se através das múltiplas fendas da porta, o que fazia com que ela, inquieta, se revolvesse no leito. Escondida a cabeça debaixo do travesseiro, deixando descoberto apenas o narizinho. Mas, percebendo que não podia conciliar novamente o sono, descobriu a cabeça.

Na cama contígua, o irmãozinho loiro dormia profundamente. Melita o fitou. O silêncio, no quarto único e esquálido em que dormiam todos, era perturbado apenas pela sua respiração pausada.

Fora, no pequeno quintal, adivinhava-se o movimento constante da avó.

A menina murmurou:

— Não será tarde para ir à escola? Mamã Lala não vem me levantar.

Até então, jamais deixara de dormir por si própria. Sem pensar mais, saltou do leito morno. De corpinho e calça, os pés nus, sem fazer ruído, espiou pela estreita janela.

Chegou a escutar «alguma coisa» do que Mamã Lala e o avô conversavam.

— Não temos dinheiro nem para a massa.

O velhinho ocultava a sua atribulação tirando lascas de um pedaço de pau.

Mamã Lala, ao vê-la, ordenou brevemente:

— Que é que você vem fazer aqui descalça, minha filha? Vá deitar! Durma, que hoje você não vai à escola.

Melita voltou para a cama, mas não dormiu. Os problemas cotidianos começaram a dar voltas em sua cabecinha infantil.

Em sua mente, repassava o mesmo pensamento: «Não temos nem para a massa».

Ocorreu-lhe uma idéia salvadora:

Minha Topetuda! Posso vendê-la!

Mas afastou a idéia ràpidamente. «Seria tão triste!».

— Não! Precisamos só de oito centavos!

Por isso estivera fazendo contas, por isso a sua ansiedade para que a galinha botasse o ôvo, por isso se dirigira ao mercado mais próximo.

★

Já em pleno mercado, a figura mirrada da pequena passava despercebida entre o vaivém dos compradores, aturdidos pelos gritos dos vendedos que apregoavam a sua mercadoria.

— Laranjas! Laranjadas!

— «Achicalado» de forno, aqui estão os «camotes»!

— Ah! Que lindos abacates!

— Pode provar, freguesa!

— «De puerco y puerca aquí están los chicharrones!».

— Venha prá cá, freguesinha! Olhe! Veja que montão!

A garotinha animou-se e ofereceu, com voz tímida:

— Veja êste ôvo fresquinho . . . Quer comprar?

Ninguém lhe deu atenção. Sua voz perdeu-se entre o vozerio dos mais variados pregões. Então, elevou um pouco o tom, mas sem dirigir-se particularmente a ninguém.

— Veja êste ôvo fresquinho . . .

Uma mulher alta, de chale e cêsta, ao ver-lhe a carinha suja e angustiada, aproximou-se, desconfiada.

— Quanto quer por êle?

Melita respondeu, radiante:

— Só oito centavos.

A mulherona fitou-a, irônica.

— Só oito centavos? É pouco. Dou cinco, está bem? Na venda custam sete e êsse, naturalmente, você deve ter roubado . . . não foi?

A menina, cravando-lhe os olhos negros, muito abertos, apertou com as mãos o níveo ôvo e apenas se dignou responder movendo negativamente a cabeça.

Sem se importar mais com ela, a «freguesa» continuou fazendo compras.

Os demais vendedores começaram a notar a presença da improvisada «concorrente» e passaram a observá-la como a um bicho raro.

Alguém disse, caçoando:

— Essa guria está prejudicando o nosso negócio!

Ante as risadas dos vendedores, Melita sentiu-se zonza.

Um indígena, que vendia limões, perguntou-lhe:

— O que é que você quer vender, menina?

— Isto.



Ilustração de **RENATO DE SOUZA**

— Então chegue perto das freguesas . . . Mas uma por uma, prá elas verem você . . . Senão é melhor desistir . . .

Por fim, parou diante de uma senhora elegante e deteve-lhe o passo.

— Quer comprar?

A aludida, certificando-se de que ainda tinha a carteira de níqueis no lugar, interrogou-a, com gesto ríspido:

— O quê?

Estendeu-lhe o ôvo.

— Acabado de pôr, veja . . . Está quentinho.

— Espertinha, heim? . . . Está quente porque você está com êle na mão. Não, não, deve estar chôco! Cuidado que você me suja. Saia daqui com êsse ôvo podre!

Foi tão brusco o movimento que fêz para afastar-lhe o braço, que o níveo tesouro rodou da mão da garotinha. Mas não caiu ao chão, pois Melita, no instante supremo, o apanhou no ar. Contudo, com a pressão dos dedos a casca trincou.

A mulherona, indiferente, seguiu o seu caminho, sem notar a humilde tragédia que se refletia no rosto da pequerrucha, ao sussurrar, quase num soluço:

— Quebrou o meu ôvo!

(Continua na página 47)

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 A palavra « fluminenses » é de origem:

— Latina?
— Tupi?
— Alemã?

2 Em que serra ficam as chamadas «Agulhas Negras»:

— Na de Cubatão?
— Na de Itatiaia?
— Na do Araripe?

3 Lúcio de Mendonça, magistrado, poeta, prosador e jurista, era:

— Fluminense?
— Baiano?
— Gaúcho?

4 Em que Estado do Brasil há uma grande estrada de rodagem denominada «Via Anchieta»:

— Em S. Paulo?
— No Espírito Santo?
— Ou na Bahia?

5 De que cidade é filha a heroína brasileira Maria Quitéria:

— Penedo?
— Florianópolis?
— Feira de Santana?

6 Qual o primeiro ponto da terra brasileira avistado por Pedro Álvares Cabral:

— O Cabo de Sto. Agostinho?
— O rio Amazonas?
— O Monte Pascoal?

7 Como se chamava, primitivamente, a cidade fluminense de Araruama:

— Mataruna?
— Benfica?
— Águas Belas?

8 O nome David, significa:

— Filho do Senhor?
— Querido?
— Inspirado?

9 Qual o escritor, pertencente à Academia Brasileira de Letras, cujos três primeiros nomes eram: José Joaquim de Campos:

— Gonçalves Dias?
— Machado de Assis?
— Medeiros de Albuquerque?

10 De que Estado era filho José de Alencar:

— Ceará?
— Piauí?
— Pernambuco?

11 Qual dêstes patriotas brasileiros proclamou, em 1824, a «Confederação do Equador», no Recife:

— Tiradentes?
— Benjamim Constant?
— Manuel de Carvalho Pais de Andrade?

12 Qual dêstes ilustres brasileiros foi o Visconde de Ouro Prêto:

— Carlos de Laet?
— Afonso Celso?
— Hipólito da Costa?

13 Qual era o primeiro nome de Carlos Gomes:

— Manuel?
— Antônio?
— Júlio?

14 Maurício de Nassau foi:

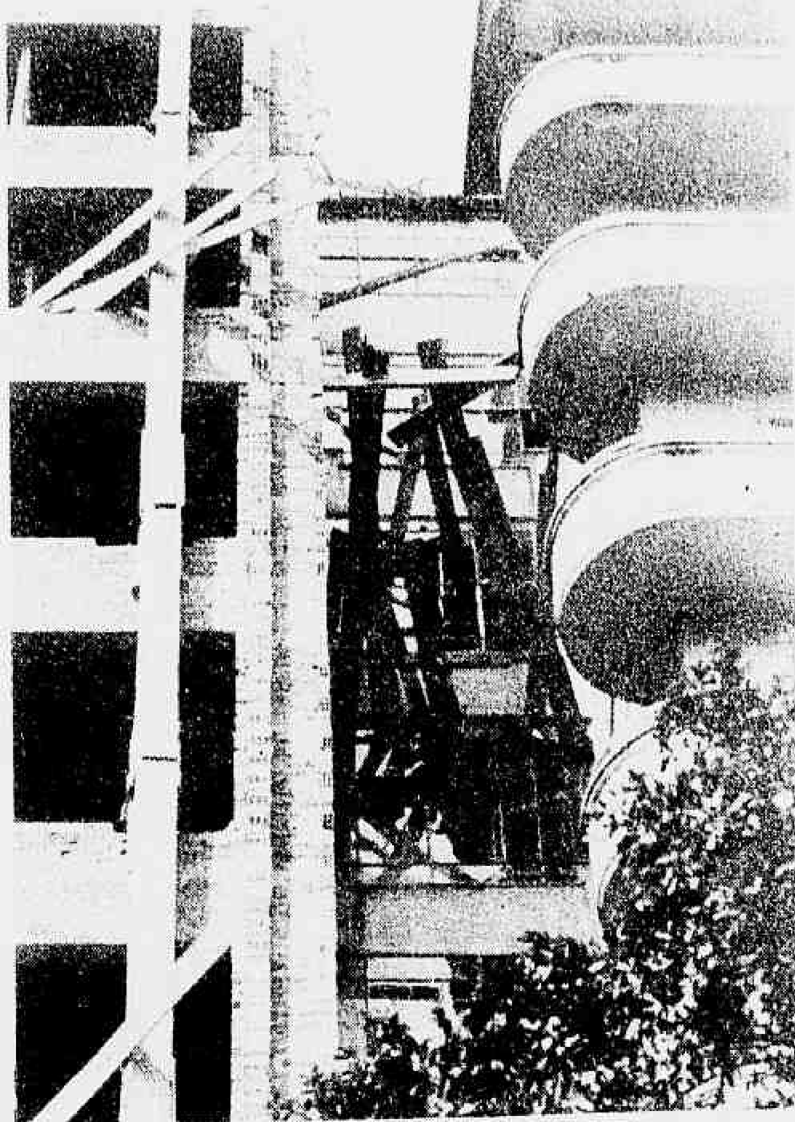
— Governador das possessões holandesas no Brasil?
— O conquistador do Rio em 1711?
— Proclamador da República em Olinda?

15 Quem disse isso: «D. Pedro II é um soberano tão sábio que chega a vestir-se como um poeta pobre»:

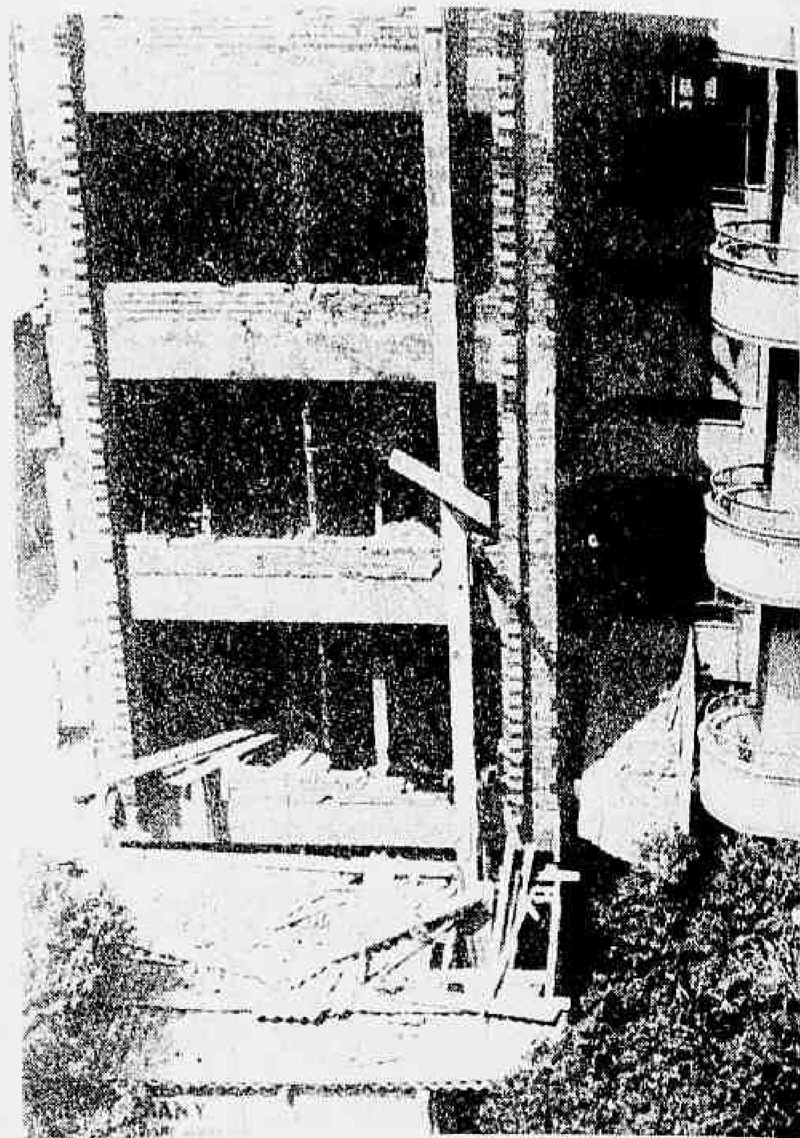
— Camilo Castelo Branco?
— Múcio Teixeira?
— O Duque de Caxias?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: Um gênio em pessoa.

(RESPOSTAS NA PÁG. 50)



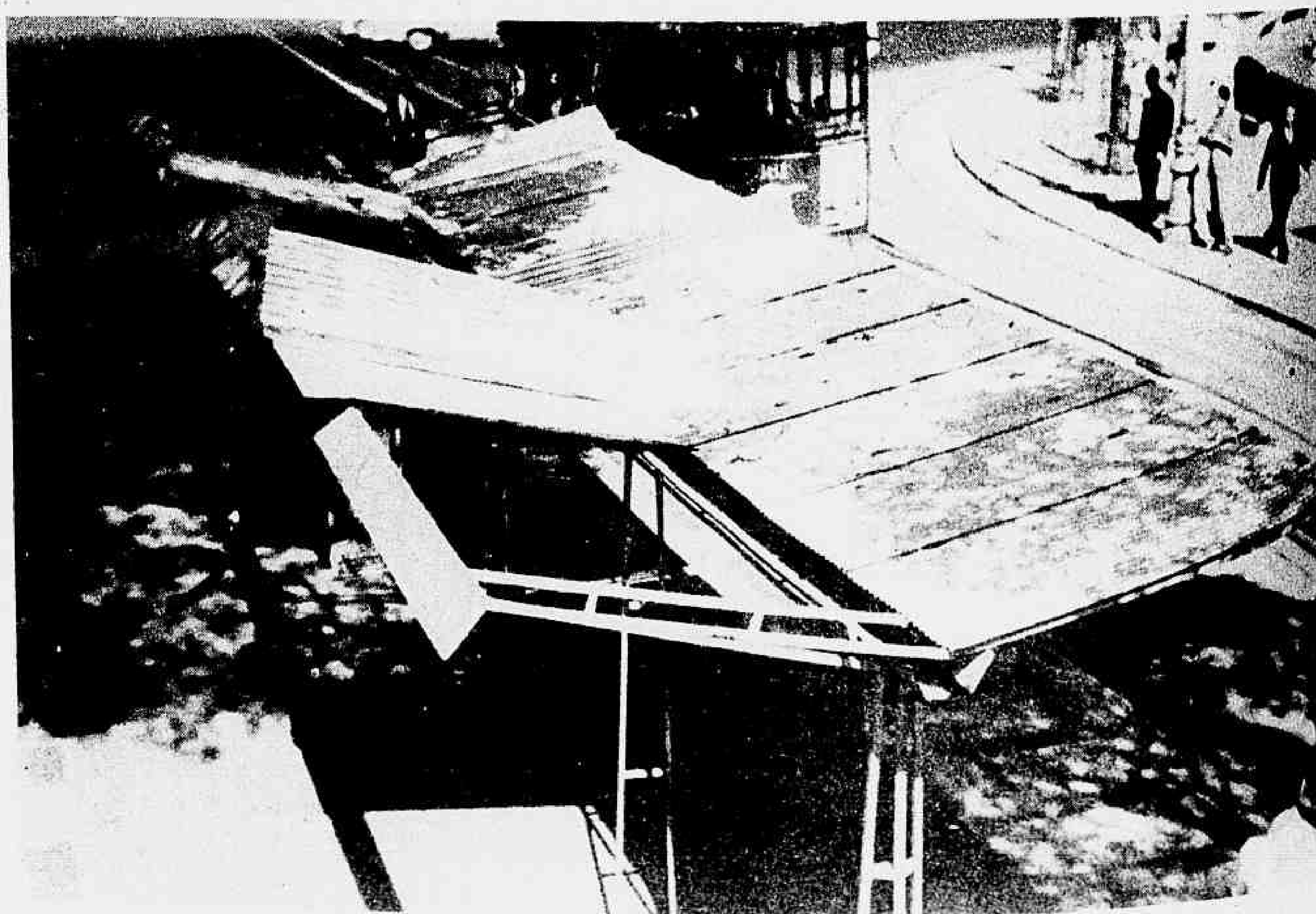
O tufão que caiu sôbre o Rio, ao anoitecer do dia 23 de agôsto, com sua velocidade, destruiu êstes andaimes como brinquedo de criança.



O edifício atingido, como tantos outros, se erguia em Copacabana, e só não causou muitas mortes por ser um domingo e já à noite.

DEPOIS DO VENDAVAL

QUALQUER semelhança entre o título destas notas e o filme que estêve em cartaz há pouco tempo, é pura coincidência. Mas, se há atração entre as coisas misteriosas dêste mundo, podemos afirmar que a fita «Depois do Vendaval» foi o aperitivo para que tôda a capital da República, a 23 de agôsto, num domingo que parecia findar em paz, se convertesse num inferno de pó, vendaval e pânico. Dizia o pôsto de Meteorologia que o tempo ia mudar; mas ninguém podia prever que essa mudança fôsse a calamidade que foi. Mal a luz do sol ia-se fechando, o vento que soprava do sul foi tomando corpo, zunindo, gritando nas frestas, sacudindo violentamente a copa das árvores, depenando palmeiras, quebrando vidraças, enchendo de poeira o ambiente, arrebentando fios, destruindo andaimes, deslocando móveis expostos ao tempo, destelhando casas, arrancando cobertas, destruindo barracos, alarmando a população. Sua velocidade chegou a cento e cinqüenta quilômetros por hora. Durante mais de uma hora estêve violentíssimo, o vendaval, e, pela noite a dentro, não deixou de preocupar todo mundo. Milhares de famílias não puderam dormir. Houve muitas vítimas, inclusive duas mortes. Mais de setecentos chamados receberam os bombeiros, que foram incansáveis no trabalho de socorro à população aflita. No dia seguinte havia devastação por todos os cantos da cidade. As árvores estavam estraçalhadas, famílias desabrigadas, prejuízos por todo canto.



Os abrigos recentemente inaugurados em diversos logradouros públicos, chegaram a ficar assim.

As ár

Pelo



As árvores do Passeio Público muito sofreram com o vendaval, tombadas e outras arrebentadas.



Pelo tronco se pode calcular a majestade desta árvore arrancada pelo tufão que nos visitou.

A SEMANA ASTROLÓGICA

SEU HORÓSCOPO ENTRE 12 E 18 DE SETEMBRO DE 1953
(Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Não obstante o seu propósito de realizar algo de prático, ver-se-á obrigado a ficar no campo impreciso dos projetos e das teorias. O ambiente não lhe possibilitará a concretização das idéias.

TOURO (21/10 — 20/11) — A semana entrante aconselhará a efetivação de viagens a negócio, podendo fazer uso de qualquer meio de transporte. As favorabilidades reinantes, no seu caso, poderão proporcionar-lhe um grande empreendimento.

GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Um grande concurso de circunstâncias o colocará, nos próximos sete dias, em condição excepcional para empreender, solicitar, pleitear favores, amparo do poder público, etc. Tôda e qualquer insinuação de sua parte será acolhida com simpatia.

CANCER (23/12 — 20/1) — Não empreenda qualquer viagem no próximo período nem se aventure a transações de certa monta. Limite-se às operações rápidas, aos negócios de pequeno porte, certo de conseguir pleno êxito.

LEÃO (21/1 — 20/2) — Com exceção dos dias 13 e 16, tôda a semana será particularmente favorável aos seus empreendimentos, na profissão ou na vida privada. Apenas uma pequena ameaça de desentendimento, toldará sua vida em comum.

VIRGEM (21/2 — 22/3) — Dê o máximo das suas atenções aos compromissos assumidos por meio de documentos. Sua posição é insegura no que diz respeito às obrigações escritas. Há perigo de insolvência e de difamações, no seu caso.

LIBRA (23/5 — 20/4) — Afaste-se como puder nos próximos sete dias, do sexo oposto e dos militares. O astro que lhe influencia o destino entrará em maus aspectos com os dois planêtas sexuais do nosso sistema, Vênus e Marte, ligando-se o último, aos militares.

ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Não se associe a ninguém, na semana entrante, mesmo sem as chamadas formalidades legais. Isole-se como puder, pois o momento a ser vivido só predisporá a más companhias. Recomendamos, do mesmo modo, o máximo de discreção nos negócios. A traição estará sôlta e em grande atividade.

SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — O leitor irá enfrentar um período misto. Os dias ímpares da semana lhe serão benéficos e maléficos os dias pares. Os setores mal influenciados serão a vida doméstica, as relações sociais e a «entourage».

CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Encha-se de vontade e dê o necessário andamento aos seus negócios e às pretensões que tiver, procurando lhes dar o sentido prático. Sua ambiência, na próxima semana, será a melhor possível. Aproveite a chance.

AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Sòmente o segundo dia da semana lhe será desfavorável, sujeitando-o a uma possível humilhação. Evite desentendimentos com as pessoas das quais dependa, chefes, superiores hieráticos, patrões, etc. Os superiores hieráticos são as autoridades religiosas.

PEIXES (22/8 — 20/9) — O leitor estará numa boa fase para sua produção, para seu trabalho. A posição financeira, como conseqüência, melhorará consideràvelmente. Poderá solicitar empréstimos ou fazer negócios a longo praso.

OS NOMES DA SEMANA

Setembro 12	Hermano	—	Lígia
" 13	Agéu	—	Jônatas
" 14	Adrônio	—	Eliana
" 15	Moacir	—	Moema
" 16	Sidônio	—	Amélia
" 17	Antero	—	Lénia
" 18	Ricardo	—	Eudacília

EFEMÉRIDE DA SEMANA — Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Setembro 12	19º 25' 17''	(Signo da)
" 13	20º 23' 42''	(Virgem)
" 14	21º 22' 10''	(")
" 15	22º 20' 39''	(")
" 16	23º 19' 10''	(")
" 17	24º 17' 42''	(")
" 18	25º 16' 16''	(")

A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY

No caminho se divisavam apenas duas pessoas, dois sêres humanos envoltos nas sombras. Um dêles ia um pouco mais atrás; mas, no instante em que Ruth os fitou bem, ambos se igualaram e seguiram juntos. Quem seriam? Talvez trabalhadores das pedreiras, os empregados do farol do sul da ilha, ou mesmo pescadores que acabavam de desembarcar, depois de uma noite de serviço no mar. Como nada notasse que dissesse respeito aos ruídos que ouvira em casa naquela madrugada, não pensou mais no assunto e deitou novamente.

★

Pierston havia prometido que, na manhã seguinte, voltaria à casa de sua noiva, a fim de saber como passara sua velha amiga e futura sogra, pois conhecia perfeitamente o grave estado de saúde da mãe de Avícia, e tal situação lhe trazia certa ansiedade. Enquanto se vestia, teve casualmente, que observar dois ou três barqueiros, de pé, sôbre as rochas, a olhar com interêsse uma pequena embarcação, que, ao longe, parecia um bote seguindo em direção à costa do sul de Essex. Às oito e meia saiu Pierston do hotel em que se hospedara e se encaminhou diretamente à casa de sua amiga Avícia. Ao aproximar-se notou que havia qualquer coisa de anormal ali. As janelas estavam abertas, e, em algumas, as cortinas corridas. Isso contrastava com os hábitos dos seus moradores, especialmente naqueles dias, com o estado de saúde crítico de Avícia. Entrou e foi até à sala de jantar. Não viu ninguém. Não havia nenhum vestígio de refeição sôbre a mesa. Pensou êle, então: «Morreu a pobre Avícia».

Ainda estava êle na sala de refeições, quando notou que alguém descia a escada do primeiro andar para o térreo. Olhou e viu que era Ruth Stockwool, amiga e vizinha da doente. Trazia ela na mão uma carta.

— Oh! Senhor Pierston! senhor Pierston! Deus nos acuda!

— Que há? Avícia morreu?...

— Não! Não! Foi a filha que fugiu! Sim, fugiu! Leia isto. Deixou esta carta na alcova em que dormia, e não sabemos o que fazer agora!

O escultor tomou do papel, e, confusamente notou que estava escrito em dois talhes de letra, sendo de sua noiva a primeira parte, e assim dizia:

«Minha querida mãe: Sei que não me perdoará nunca o que estou fazendo! Tão pérfido parece! Mas, sem embargo, até esta noite, não tive nenhuma idéia de enganá-la, nem ao sr. Pierston. Ontem, à noite, saí para ver Laverre pela última vez e devolver-lhe os livros, cartas e presentes. Fui sòzinha até ao castelo de «Bow-and-Arrow», onde tínhamos marcado encontro, já que êle não podia ir à nossa casa. Ao chegar ali o encontrei a esperar-me, mas muito doente. Havia estado alguns dias indisposto em casa de sua mãe, tendo ficado prêso ao leito. Mas, com intenção de dizer-me adeus, levantou-se. Mas, com o esfôrço da caminhada, piorou, e, embora tenhamos permanecido ali até às doze, não foi capaz de regressar a sua casa, nem mesmo de mover-se além de umas quantas jardas. Eu tinha procurado, com muita tristeza, esquecê-lo; mas, senti tanta pena ao vê-lo naquele estado, que não pude abandoná-lo ali, à sorte. Assim, ajudei-o, quase levando-o nos braços, passo aqui, passo acolá, anda que anda, até à porta de nossa casa, e então fui com êle até à porta de trás. Reanimou-se um pouco, e, como não podia permanecer ali, já estando a dormir todos os de casa, auxiliei-o a subir a escada até ao aposento que havíamos reservado para o sr. Pierston, para o caso de vir a precisar dêle. Deitou-se na cama e lhe fui buscar e dei um pouco da aguardente e um trago do tônico que mamãe está usando. Viu a senhora, quando entrei em seu quarto, para buscar o remédio, ou já estava dormindo? Tôda a noite passei-a a velá-lo. Foi melhorando lentamente e falamos do que, com maior acêrto, devíamos fazer. Eu sentia que, embora meu propósito fôsse o de romper nossas relações, não podia casar-me com outro, e devia casar-me com êle. Decidimos, pois, realizar o nosso enlace, antes de que sobreviesse qualquer impedimento. Assim, saímos de casa quando ainda não rompera a madrugada, e fomos para celebrar a cerimônia. Diga ao sr. Pierston, que isso não foi coisa premeditada, e sim conseqüência de imprevisto incidente. Com tôda sinceridade me condôo de tê-lo tratado de modo que lhe pareça desleal! Mas, ainda que não o ame, estava disposta a obedecer à vontade da senhora e casar-me com êle. Porém, quis Deus, que me visse na contingência de amparar o meu amado, para impedir-me, segundo creio, que fizesse, o que, em minha atual conveniência houvera sido prejudicial. Sempre a sua filha que muito a ama,

Avícia».

A segunda carta era de letra de homem, e dizia assim:

«Querida mãe (porque em breve o será também minha): Avícia explicou, claramente, nas linhas anteriores, como foi que não pude cedê-la ao sr. Pierston. Creio que, se não viesse passar esta noite no hospitaleiro aposento de sua casa, tendo como enfermeira carinhosa a sua filha durante as monótonas horas da noite, teria eu morrido desamparado e só. Amamo-nos apaixonadamente, e é claro que, sendo humanos, não podemos deixar de casar-nos agora, apesar de todos os projetos em contrário. Tenha a bondade de mandar à minha mãe o recado junto. E' o bastante para explicar-lhe o que fizemos. Da senhora, com caloroso respeito, **Enrique Leverre».**

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Jocelyn Pierston, escultor londrino de grande fama e homem bastante rico, apesar de seus sessenta janeiros, não conseguira casar-se. Apaixonou-se por uma conterrânea da ilha onde nascera, no litoral inglês; mas, porque vivesse êle em busca de uma mulher que fôsse a figura ideal de sua «Bem Amada», deixou-a por outra, com a qual também não se casou. Sua primeira noiva se chamava Avícia Caro, com quem mantinha amizade desde os tempos de criança. Ela, abandonada por êle, casou-se com outro habitante da ilha. Quando ficou viúva, poucos meses teve de vida. Ao saber Pierston que ela falecera deixando uma filha de 19 anos, correu à ilha e se enamorou da moça; mas sucedeu que ela estava casada e separada do marido. Pierston tratou de reconciliar o casal, o que conseguiu. Passando a viajar por tôda a Europa, vinte anos depois recebeu carta da segunda Avícia, dizendo que enviuvara. Pierston correu a vê-la; mas, em lugar de tratar de casar-se com ela, ficou louco pela filha dela, apesar da diferença de idades entre ambos: a moça com 20 e êle com mais de 60. Contudo, sabendo a viúva que êle estava desejoso de casar-se com a filha, tudo fêz para que ela se unisse ao homem que lhe poderia dar felicidade. Doente de uma complicação cardíaca, a segunda Avícia fêz ver à terceira, que não devia desprezar a oportunidade. E veio o noivado; mas acontecia que a jovem tinha namoros com um outro habitante da ilha. Pierston se achava na véspera do casamento e se sentia um tanto indeciso.

Ilustração de **RAMÓN**



Pierston, depois de ler aquêle papel, olhou pela janela, como quem medita. A senhora Ruth disse:

— Embora a senhora Avícia houvesse ouvido rumores e vozes a certa hora da madrugada, atribuiu isso a excessos de imaginação. Lembra-se que a filha entrou no quarto a uma da madrugada, acercando-se da mesinha em que estava o tônico. Que patusca! Todo aquêle tempo ao lado de seu amado e no mesmo aposento, a usar o leito e enxoval que o senhor deveria ter usado! Tôdas as peças eram de primeira e zelosamente guardadas. Tudo havia sido arranjado para que o senhor se hospedasse aqui, na mesma alcova! E dizer-se que tudo isso aconteceu para que aquêle jovem pudesse agradecer a hospitalidade de uma cama!

— Não os recrimine, não os recrimine! — Disse Pierston com voz repousada e indiferente. Sobretudo, não a culpe, a ela, não a censure. Não preparou isso, não o fêz de propósito. Eu, porém, já fiz isso mesmo, consciente e voluntàriamente... Foi assim que tratei a sua avó... Está bem. Foi embora! Não precisa a senhora fazer mistérios disso. Que tôda a ilha o saiba. Diga-se que um homem veio desposar uma mulher e já não a encontrou em casa. Diga-se a todo mundo que fugiu. Se nada se disser, tarde ou cedo todos virão a saber.

Uma das criadas, ao cabo de alguns momentos, exclamou:

— Nós não faremos isso, senhor.

— Oh! E porque não?

— Porque lhe queremos muito com tôdas as suas faltas.

— Ah! Deveras? — Disse êle exalando um suspiro.

E reconheceu que as empregadas jovens estavam, tôdas elas, secretamente, ao lado de sua ex-noiva.

— E como recebeu sua mãe essa notícia? — Indagou êle. — Está acordada?

A enfêrma, que dormia muito mal durante a noite, ao inteirar-se do acontecido, de forma assim tão súbita, ficou tão perturbada e fora de si, que mais parecia estar delirando. Sòmente momentos antes de chegar Pierston, recobrou a consciência e diminuiu a excitação, conservando-se em prostração e tranqüilo repouso.

— Vou subir, — disse o escultor. E mandem chamar o médico.

Ao passar pelo quarto da jovem Avícia, observou que a cama estava intacta. A porta do dormitório desocupado e que fôra preparado para hospedá-lo, olhou para dentro. A um ângulo estava uma bengala. Pertencera-lhe.

— De onde veio isto?

— Encontramo-la aqui, senhor.

— Ah! sim... Ah! Já me recordo. Eu lha ofereci. Parece até que estive fazendo o jôgo do outro.

Foram estas as últimas expressões de amargura que escaparam da alma de Pierston. Seguiu até ao aposento de sua velha amiga e quase sogra, precedido pela criada, que avisou à enfêrma:

— O sr. Pierston chegou, senhora.

Mas, como não obtivesse nenhuma resposta da enfêrma, precipitou-se para a cama em que a mãe de Avícia estava deitada, a exclamar:

— Que lhe terá acontecido, sr. Pierston? Oh! Que significa isto?

A mãe de Avícia jazia plàcidamente na mesma posição em que a deixara a enfermeira; mas os seus lábios não apresentavam alento, e suas rígidas feições tinham a exata expressão que tinham quando era ela a governante do estúdio de Pierston, quando morava com êle em Londres. Viu êle que estava morta, e que exalara o último sôpro de vida poucos momentos antes.

Ruth Stockwool não se conteve e exclamou em altas vozes:

— O choque recebido ao ver que a filha fugira, fêz tudo isto! Aquela doida matou matou a mãe!

— Não diga uma coisa tão terrível! — Exclamou Pierston.

— Ela devia ter obedecido à sua mãe. Uma mãe tão boa! Como havia pôsto tôda a sua alma neste casamento! Coitadinha! E tôdas nós sem poder ocultar-lhe o sucedido! Oh! Como são ingratos os jovens! Essa moça há-de chorar o que acaba de fazer!

— Devemos chamar o médico — disse o escultor mecânicamente, saindo pressuroso do aposento. **(Continua no próximo número)**

Tradução de RENATO DE ALENCAR



Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

FORA DO PRELO

● PIONEIROS — Registramos aqui o aparecimento dêste romance, «Pioneiros», de Willa Cather, tradução e edição da «Revista Branca». Considerada a maior romancista dos Estados Unidos, Willa Cather é assim apresentada aos leitores brasileiros, em bela edição e num dos seus livros mais característicos.

● MESSE OUTONAL — Em edição da livraria do Globo (Pôrto Alegre), recebemos êste volume de poesias de Natércia Cunha Veloso. Lírica, intimista, mas se interessando também pelo mundo exterior, a autora cultiva a poesia tradicional, conseguindo muitas vêzes a notação justa que capta o momento emocional.

● TU CHEGASTE, PRIMAVERA! — A estréia de Marita Vinelli Baptista com o livro «No Vale Verde do Meu Sonho», há cinco anos passados, foi recebida com bastante calor pela crítica. Voltando agora com «Tu Chegaste, Primavera», mostra-se ainda mais pujante, senhora de recursos intelectuais de uma mentalidade desenvolvida, exprimindo-se com clareza e simplicidade. Lírica e contemplativa, seus versos oferecem imagens de uma beleza sem par; ternura pelas coisas belas que a Natureza, colocada acima da transitoriedade humana, jamais nega aos que lhe descobrem os encantos.

● COMO REQUERER EM JUÍZO — O êxito da 1ª edição desta obra, esgotada em poucos meses, sugeriu à autora uma reestruturação do plano inicial que muito a beneficiou. Desde logo ficou patente a necessidade de separar o formulário criminal do cível, resultando disso dois volumes distintos que contribuem para facilitar as consultas. A autora aumentou consideràvelmente a matéria contida nos dois volumes, tornando-os indispensáveis a advogados, acadêmicos e leigos. A boa ordem dos assuntos consitui uma seqüência harmoniosa, valendo por um curso prático de todos os acidentes jurídicos que podem ocorrer nas duas especialidades do Direito. E as fórmulas nêles contidas, corretas na forma jurídica, revelam a cultura de Yara Muller e um tirocínio prático dos mais convincentes. «Como Requerer em Juízo» (Formulário Criminal) é obra de utilidade inconteste para todos aquêles que recorrem à Justiça.

UM AUTOR:

ENRIQUE DE RESENDE



A publicação agora, pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação, da segunda tiragem de «Retrato de Alfonsus de Guimaraens», de Henrique de Resende, é oportunidade para registar a importância de sua presença em nossa literatura, embora êle viva afastado dos meios publicitários, negando-nos, inclusive, sua colaboração na imprensa e a re-edição de seus livros ou edição, em livro, de seus versos mais recentes. Saudemos no aparecimento dêste excelente estudo crítico-biográfico do sumo poeta um sinal do seu reaparecimento nas atividades literárias. Enrique de Resende é autor de três livros de versos: «Turris Eburnea», sua profissão de fé simbolista — não se esqueçam de que o próprio Alfonsus saudou nêle seu dileto epígono — «Cofre de Xarão» e «Poemas Cronológicos» — que assinou com Rosário Fusco e Ascânio Lopes — livro êste que marcou época, refletindo o movimento moderno, encabeçado pela famosa revista «Verde», de Cataguases, e êste ensaio dedicado a mestre Alfonsus.

● A aristocracia mental fêz de Enrique de Resende, como o fizera já de Raul de Leoni, um poeta avêsso ao agrupamento, sensível e discreto, incapaz de figurar por muito tempo nas farândulas, sendo o caso de «Verde» um mero episódio, mais de solidariedade do que de convicção e combatividade. Daí o fato de ser êle, ao mesmo tempo, um dos poetas mais fortes e originais de Minas e um dos mais mal conhecidos, dos menos divulgados. Numa época em que a «coisa literária» passou a ser simples mercadoria, como essa denominação de Bernard Gasset quer indicar, mercadoria que se coloca, que se vende, que se negocia, a tanto por página, por palavra ou por linha, muito difícil de ser, mesmo, a circulação de um poeta como Enrique de Resende, que conservou a fidalguia da inteligência e das atitudes. Numa era em que os suplementos dominicais e as revistas ilustradas representam um valor a ser distribuído, sob forma de «pro-labore», entre os amigos e compadres, irmãos da mesma confraria, glórias do mesmo bairro — não podemos encontrar os versos de um poeta assim, retirado e distante dos convescotes da glória, das filas da celebridade, com o pudor da vulgaridade e um mal desfaçado nojo pelos cavadores e dos pedintes de espaço. Quanto ao livro, é caro e demorado, pois os editôres, com as honrosas exceções do estilo, também preferem as louras, isto é, essas escritoras americanas de «best-sellers» ou seus equivalentes nacionais, oxigenados ou não.

UM LIVRO:

ÁGUAS PASSADAS

EXISTIRÁ um jornalismo literário? Poderá o escritor praticar jornalismo, sem lesar a função? Será jornalismo, como o compreendemos hoje, o que se escreve, com lavor literário? Essas e outras perguntas, ainda, nos aparecem, à leitura dêste livro de Costa Rêgo — «Águas Passadas», que recebemos com muito atraso e que, por motivos independentes de nossa vontade, muito tardou em ser registrado nesta seção bibliográfica. As páginas que compõem êste volume e que são mais de quatrocentas «Livraria José Olympio Editôra) foram colhidas na imprensa, publicadas antes em vários jornais e, agora, relidas, umas, encontradas outras pela primeira vez, nos aparecem como fortes e bem trabalhadas páginas literárias.

Ao que tudo indica, a necessidade de informar e a abundância da informação, graças ao aperfeiçoamento dos meios de comunicação, foram, aos poucos, matando o jornalismo literário. O que se convencionou chamar jornal moderno é aquêle que informa sôbre muitas coisas, fatos e pessoas, no menor número de palavras e com superabundância de ilustrações. O «boneco», o retrato, o instantâneo, o gráfico, o desenho, daqui ou da China — pois o tele-foto é corrente na imprensa atual — substituíram muitas linhas. O mundo diminuiu muito, depois do rádio, dos telefones internacionais, dos aviões intercontinentais. Antigamente, o que importava era saber o que se passava «chez nous». Hoje em dia, é tão importante para o leitor o escândalo do Banco do Brasil, como o armistício da Coréia. Isso, porque é importante mesmo, porque o mundo, embora não seja aquêle ideal «um mundo só», passou a nos colocar muito próximos dos desastres mais longínquos. Em vez de lermos um palmo de coluna, tratando da alta do arroz, preferimos saber, em duas linhas, se em Pan-Mun-Jon foi firmado o instrumento de armistício — uma vez que o arroz poderá baixar, a qualquer momento, ao passo que a não assinatura da trégua na Coréia poderá levar o mundo a uma terceira Grande Guerra, o que muito mais do que a alta dos gêneros, pesaria sôbre nós neste pequeno mundo que Candide não conheceu, motivo de ter deixado a sua frase célebre.

Por tôdas as formas, os fatos — essência do jornal — conspiram contra a literatura jornalística ou o jornalismo literário, o que vem a dar no mesmo. As páginas de crônica ou comentário, do velho jornal, o suculento editorial da grande imprensa antiga, desapareceram, em presença da notícia, do telegrama, do rádio, da tele-foto. Quando muito, permite-se a grande reportagem, geralmente mal escrita, entretanto objetiva, sobretudo por causa das ilustrações, narrando fatos, vistos de um ângulo particular, porém nunca vistos através de uma interpretação e de um estilo. Os raros repórteres que deixaram páginas realmente aproveitáveis, fora do âmbito da simples informação, podem ser contados pelos dedos. No momento, só lembramos um nome, Jack London também um escritor transviado no jornalismo. De forma que o jornalismo literário desapareceu, premido pelo noticiário — a narrativa, nua e crua, principalmente crua, dos acontecimentos.

Também ao jornalista moderno se exigem a condensação e a urgência. A notícia tem que ser curta e fresca. Feita, logo que colhida. Batida à máquina logo que acontecida e pouco antes de entrar para o prelo. Tudo isso comprime, no jornal atual, tanto o comentário mais longo, como mais bem feito. A própria crônica moderna não pode ter mais de um palmo: os secretários de redação explicam-nos que ninguém lê mais do que isso, depois da invenção do «digest», do «flash» e do tele-tipo. Os suplementos dominicais de nossa imprensa, fartos de literatura, contam com os lazeres do sétimo dia, mas representam o gesto mais platônico e mais sentimental que se conhece de nosso jornalismo.

O encontro de «Águas Passadas» não será uma surprêsa para quem se acostumou a ler diàriamente, no «Correio da Manhã», a coluna de Costa Rêgo. Apenas êste livro nos revela que tal jornalismo, sem deixar de ser jornalismo do bom, resiste à análise literária. Ficamos vaidosos, com isso, certos de que ainda pode haver jornalistas «à la page», entretanto escrevendo bem, vasando em palmo e meio de coluna um comentário vivo, uma impressão de viagem, a crítica de um homem ou de um acontecimento — sem a chatice, sem a incipiência, sem o lugar-comum habituais. Contudo, ao lado dessa vaidade, devemos colocar também um pouco de humildade: é que jornalistas assim, com um jornalismo assim, já são muito poucos, muito raros, raríssimos, na atualidade.

O aprêço de seus leitores diários a Costa Rêgo se funda em circunstâncias que dizem imediatamente com a imprensa. Êles o lêem porque nêle encontram o jornalista de raça, capaz de pensar por êles. A propósito de um acontecimento ou de uma figura, Costa Rêgo observa, critica, analisa, define, tira relações e conclusões. Tudo rápido e bem escrito, com um sabor meio irônico, meio complacente, que desapareceu quase completamente da imprensa, antigamente feita como o bom humor das «Farpas», hoje amargurada e aflita, por fôrça dos acontecimentos e da pressa, em virtude do drama que vivemos e da fome das rotativas a muitos mil exemplares por hora. O leitor apressado, que acabou de saber tôdas as informações sôbre o terremoto, o ciclone, a geada, a guerra — sempre há uma guerra em qualquer lugar, desde 1914 — não poderia, de forma alguma, fazer êsse exercício de observar, analisar, concluir. Está muito cansado para pensar e lê o que disse Costa Rêgo, imaginando talvez o articulista do «Correio» um dono do tempo, com vagares para escrever, tão claramente, tanto por dia, tão cheio de idéias e conceitos, com tamanha disponibilidade de crítica e de espaço, sem falar de seu bom-humor. Lê assim Costa Rêgo e assim não precisa pensar, escolher, julgar, concluir. Êsse, o leitor diário.

Agora, têm a palavra os leitores do livro. Sinceramente, é de admirar que alguém ainda possa fazer um livro de mais de quatro centenas de páginas, com artigos de jornal, escritos em cima da hora, sôbre as últimas ocorrências da véspera, vendo tudo com uma clareza extraordinária, falando de tudo, em palmo e meio de coluna, com bom estilo, com verve, com humor, mal escondendo o discípulo distante do Eça de «Uma Campanha Alegre», sem o sarcasmo.

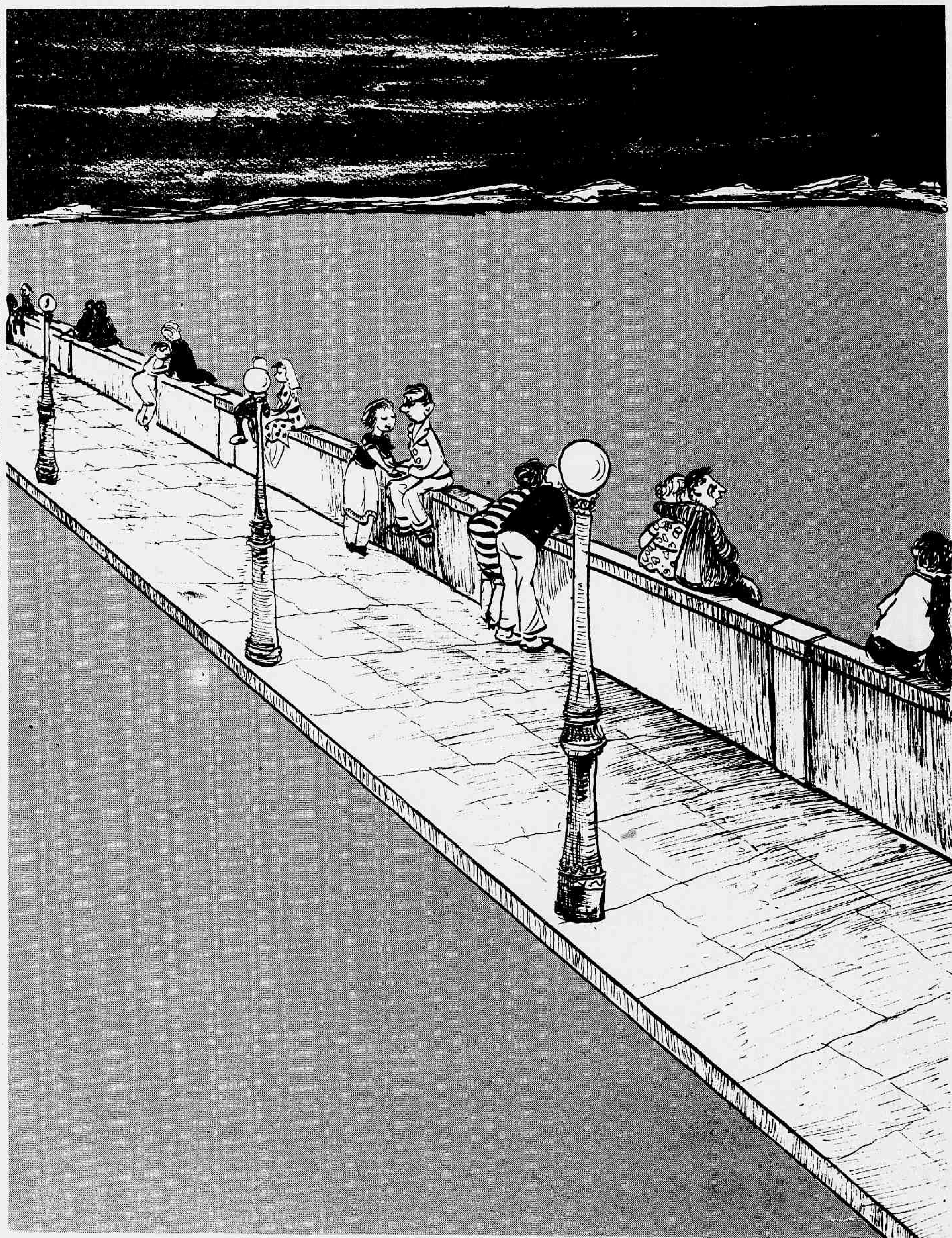
E, com essa admiração pelo encontro, pela constatação dêsse fato, vem, como a nós, a outra admiração, admiração pelo livro e pelo escritor de raça que o jornalista de pulso não conseguiu — ainda bem — destruir nêle.

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CRIAÇÃO DE DARCY

DELÍCIAS CARIOCAS

12 PRAIA DO FLAMENGO (À NOITE)



ÁLBUM — REVISTA DA SEMANA



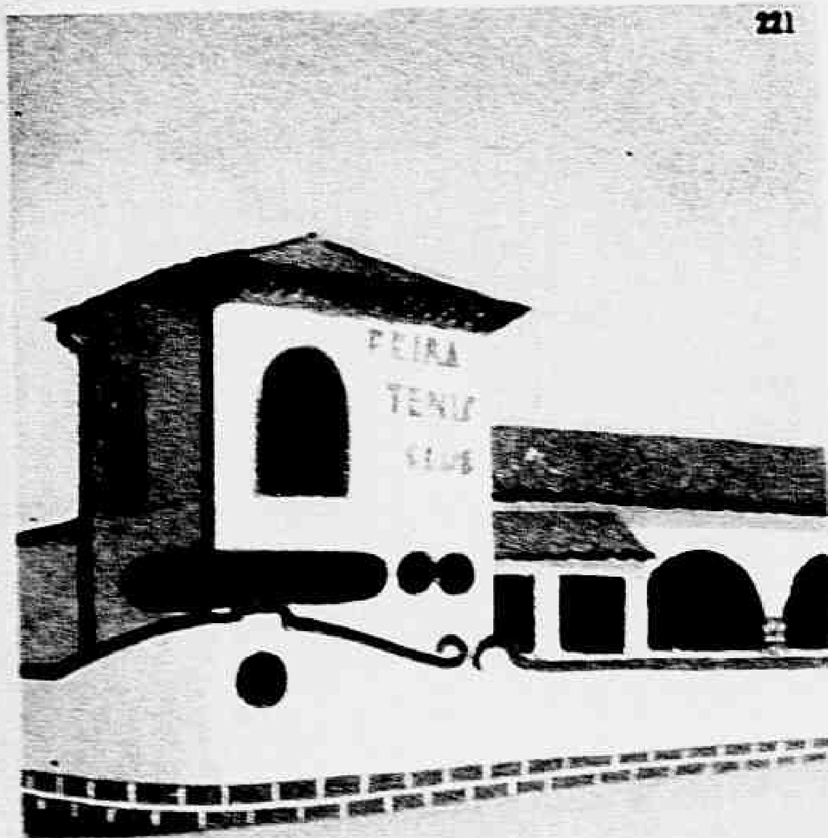
A partir da edição da REVISTA DA SEMANA nº 27, de 4 de julho p.p., começou a segunda viagem turística Rio-Salvador e Salvador-Rio, a encerrar-se com o cromo nº 312, até a última edição de dezembro próximo. Não se preocupem os colecionadores do ALBUM com a demora na publicação de algumas figurinhas que vão ficando atrasadas, enquanto outras surgem. Nosso desejo era o de seguirmos a ordem consecutiva; mas, nem sempre podemos obter gravuras ou fotografias que se prestem para os desenhos com a perfeição com que os estamos publicando, de maneira que nos vemos forçados a saltear os cromos. Mais uma vez avisamos que não há **figuras prêsas**. Tôda a coleção sairá, impreterivelmente, até ao fim do mês do Natal dêste ano. Os que não colecionaram as figurinhas da primeira viagem podem fazê-lo nesta segunda, sem prejuízo para seus direitos aos prêmios do Natal.

Realização da BRAZILIA TURISTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma nº 134 — Rio de Janeiro.

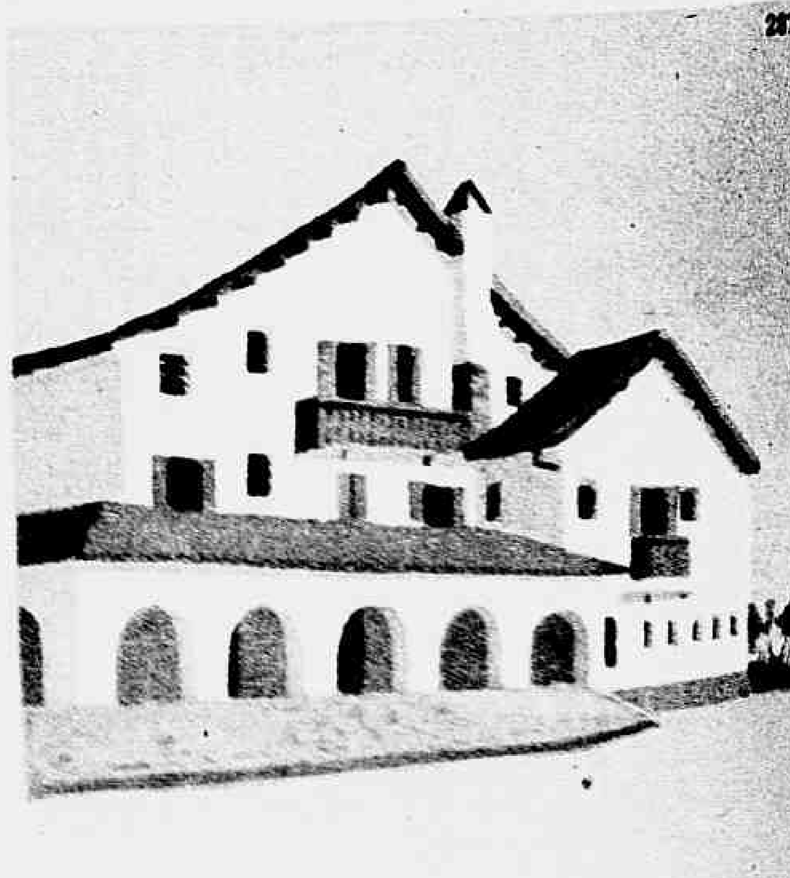




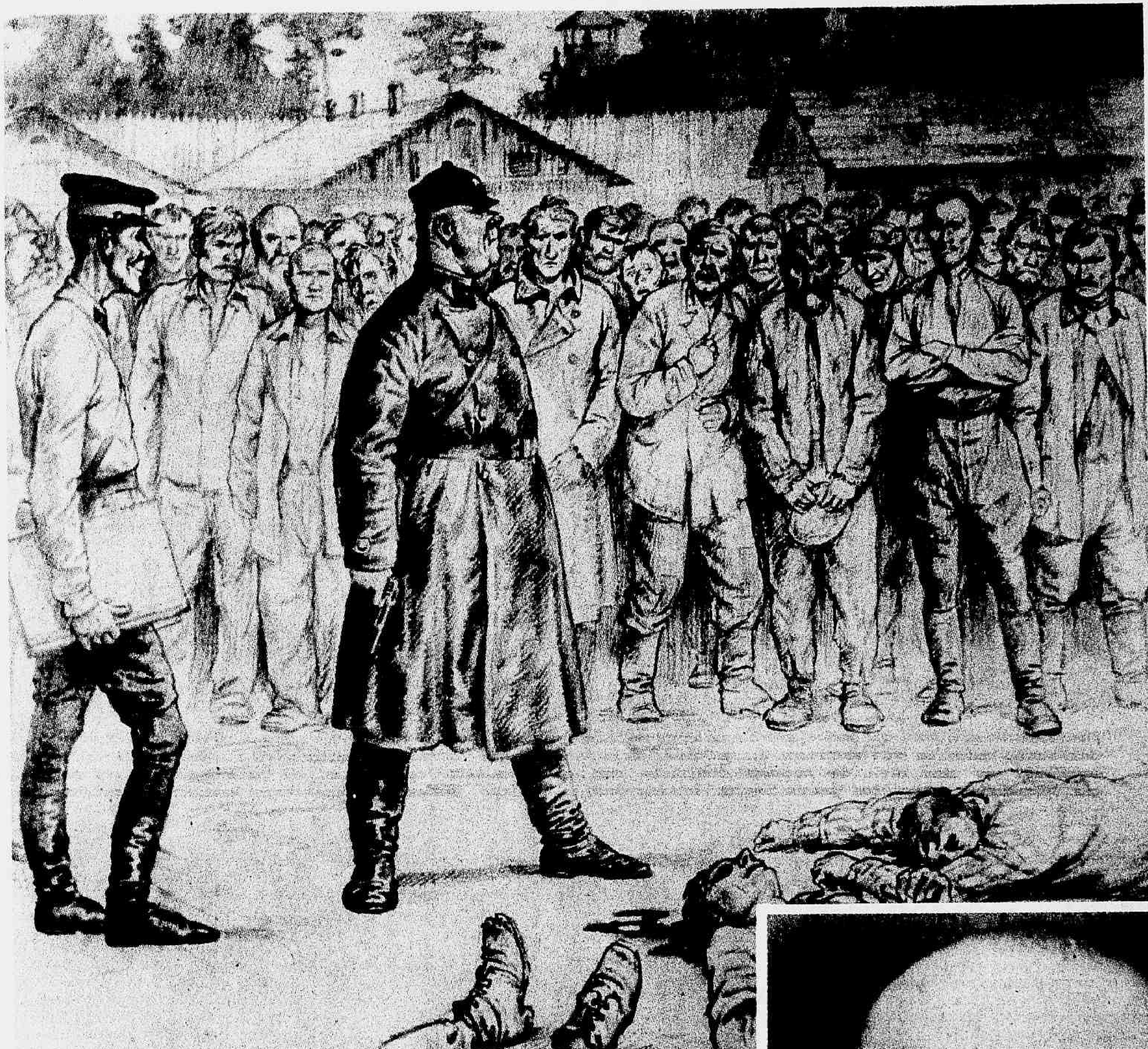




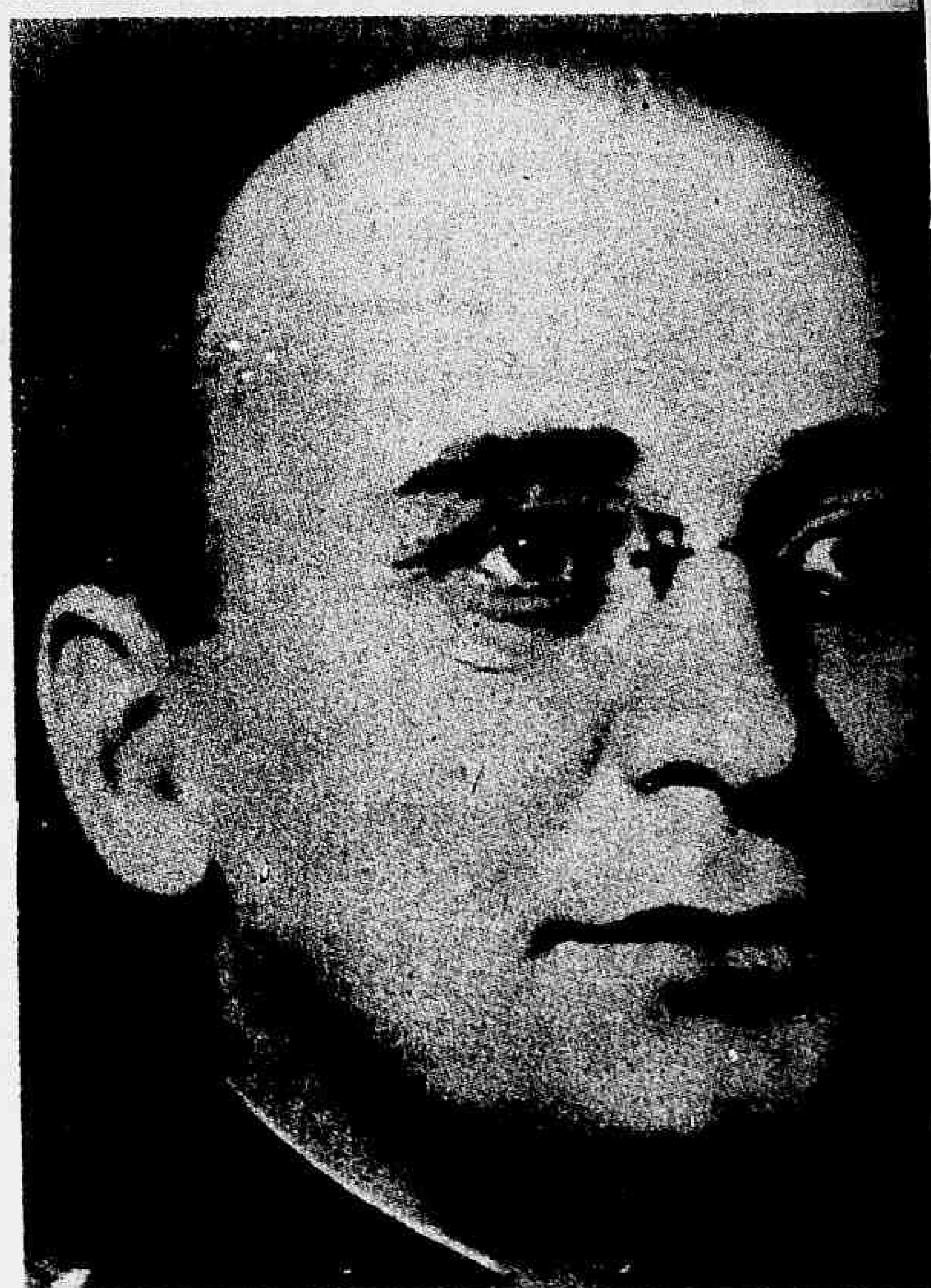




AS CONFISSÕES DE BÉRIA



HIMMLER VERMELHO, foi o título dado a Beria, durante o seu longo reinado de terror, como chefe da polícia secreta russa. Com sua habilidade política, êle encheu os campos de prisioneiros, onde as infelizes criaturas eram terrivelmente maltratadas, como mostra o desenho de Sergie Korolkoff, ex-prisioneiro político e também vítima dêsses suplícios.

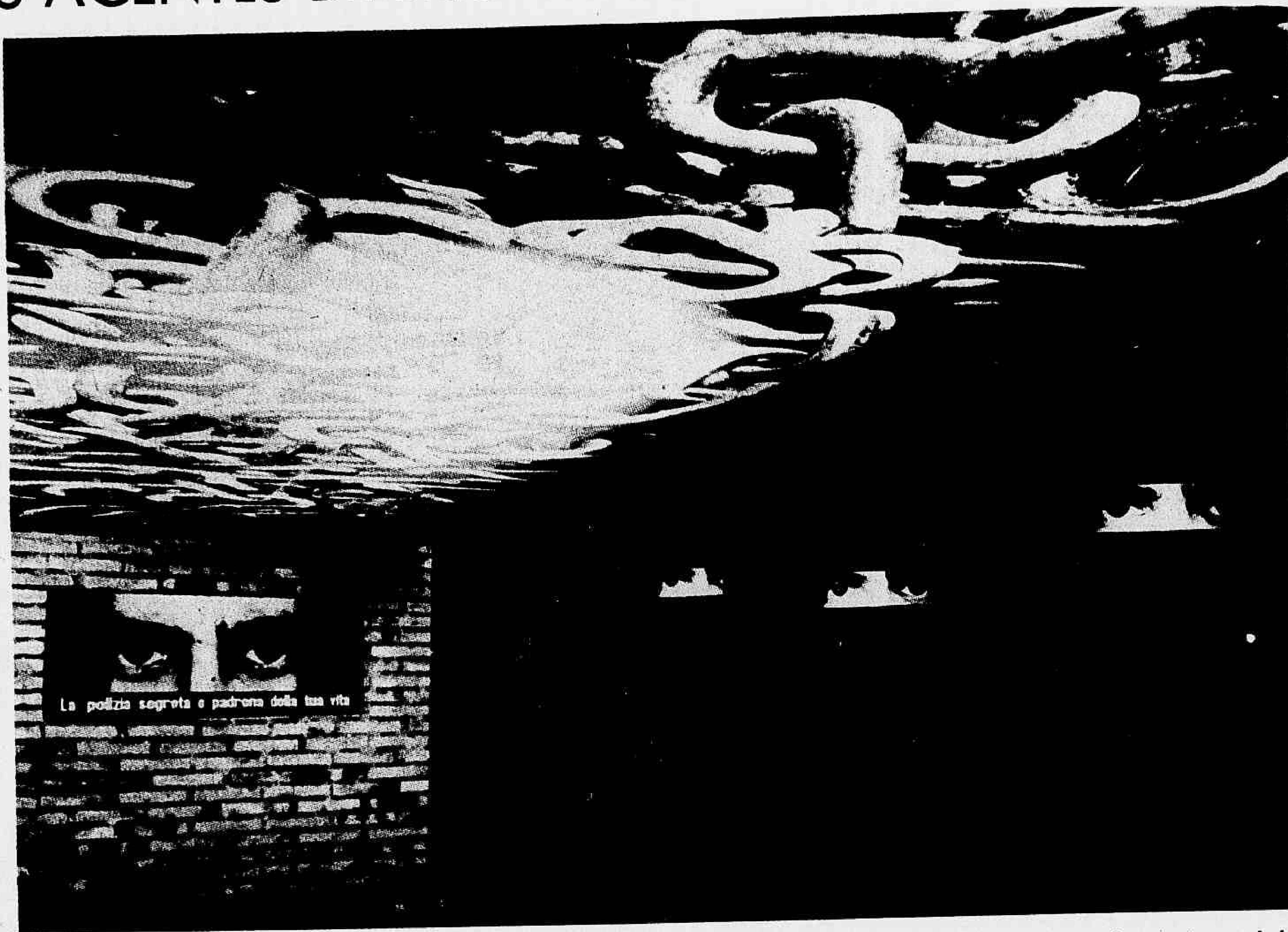


O AUTOR, UM DOS QUE VIRAM DE PERTO AS MONSTRUOSIDADES IDEALIZADAS PELO MARECHAL RUSSO, LEVANTA A CORTINA QUE ENCOBRIA O INTRINCADO MAQUINISMO DA POLÍCIA TERRORISTA DE LAURENTI BERIA, E QUE ACABOU POR VITIMAR O SEU PRÓPRIO CRIADOR ★ O ENGENHEIRO-ARQUITETO QUE COMEÇOU COMO CAMARADA EM ARMAS DE STALIN E SE TORNOU O CHEFE DE DUAS POLÍCIAS SECRETAS, NÃO PÔDE RESISTIR AO EXCESSO DE PODER QUE LHE FOI COMETIDO, E AGORA ENCONTRA-SE PRÊSO NUMA DAS MUITAS PRISÕES QUE IDELIZOU, AGUARDANDO O FIM QUE LHE FOI DESTINADO...

Por **DAVID TUTAEV**

Exclusividade para a **REVISTA DA SEMANA** em todo o Brasil.

OS AGENTES DE BÉRIA VIGIAM A TUDO E A TODOS



Numa exposição feita em Roma, esta seção, com os olhos de Beria dominando todos os que entravam no recinto, e cujo teto estava entulhado por uma série de cadeias, constituía uma advertência. Microfones escondidos pronunciavam durante todo o dia as palavras: «Isto pode ocorrer aqui». Sob os olhos do monstruoso chefe comunista guarnecidos por um par de sobrancelhas cerradas, viam-se as palavras: «A polícia secreta nos segue por tôda a parte». Milhares de lares foram levadas a completa miséria por esta polícia.

O «Premier» Malenkof desarmou o homem que possuía o maior exército particular do mundo e, ao que se pôde observar, nem uma só mão se movimentou para defender «o melhor filho do povo da Georgia», «o discípulo de Lenine e camarada em armas de Stalin». E o homem que podia operar a transformação de todos os sinais luminosos de Berlim, para a côr verde, não teve nem mesmo tempo para escapar em seu «Packard» de construção especial e à prova de balas.

Poucos serão os que lamentarão a morte de Laurenti Pavlovitch Beria — o homem que carregava um cassetete na sua mochila de soldado e que chegou ao pôsto de marechal da União Soviética.

O início de Beria, como o de outros líderes soviéticos, está delineado nos dados de uma biografia «oficial». Nasceu em 1899 em Sukhum, uma aldeota do Mar Negro (o Colchis das fábulas, terra do «Tosão de Ouro» da «Odisséia» de Homero). O pai de Beria não passava de um pobre fazendeiro que procurou enviar seu filho alto, elegante e sensitivo à Escola Politécnica de Baku, onde se graduou com o diploma de «arquiteto-engenheiro construtor».

DEDICADO A STALIN

Aos dezoito anos de idade, antes de se graduar, Beria juntara-se aos bolchevistas e emergiu na confusão da Revolução de 1921 como chefe da polícia secreta da Trans-Caucasiana, uma firma protegida de Stalin, a quem êle conheceu na instável cidade petrolífera de Baku. A gratidão e um grande senso de visão, levaram-no a escrever um livro de páginas numerosas, em homenagem ao ditador que emergia, cujo título foi «A História das Organizações Bolchevistas na Trans-Caucasiana». Stalin deu carta branca a Beria para agir contra a oposição, depois de havê-lo nomeado Secretário do Comitê Georgiano e Trans-Caucasiano do Partido (pôsto anteriormente ocupado pelo próprio Stalin).

Em 1936, quando a Rússia vivia ainda sob a influência das constantes purgas, Beria enviou seus esquadrões de verdadeiros pistoleiros para exterminarem quaisquer remanescentes de anti-stalinismo, mas procurou ainda manter a sua reputação de cientista e humanitarista desinteressado.

Foi, graças a essa reputação, — entre outros motivos — que Stalin destacou Beria para uma importante missão em Moscou: «purgar os purgadores» e restabelecer um certo senso de segurança pública, após as ondas de sangue de Yezhov.

As coisas haviam chegado a um excelente nível, sob o mando da «Ogpu» de Yezhov. Um trabalhador de Kiev «admitiu», perante a polícia secreta, que tentara mandar pelos ares uma ponte de uma milha de extensão, sôbre o Dnieper, com algumas libras de arsênico! Outro operário «confessara» pertencer a um grupo de conspiradores cujo intuito era a construção de «vulcões artificiais» para explodirem a inteira União Soviética!

Beria deixou de lado essas «legendas» e o riso amargo dos cidadãos russos, substituíndo-os por confissões e admissões mais científicamente «verdadeiras». Um período de relativa paz e suposta quietude, sobreveio à indicação de Beria como Chefe de Polícia, pois êle penetrou cada vez mais fundo em uma a uma das organizações soviéticas e acumulou «dossiers» a respeito de cada homem público da União Soviética e do mundo. (Êle tinha até mesmo uma chave duplicata para o cofre particular de Molotov, no Kremlin!) Beria proporcionou ainda aos campos de concentração um «novo» e melhor aspecto. Êstes se desenvolveram. Não era à-toa que êle se formara em arquitetura.

Por volta de 1941 — o ano em que a Alemanha atacou a Rússia — Beria era membro do Comitê Central, quando Stalin o apontou para fazer parte do Comitê de Defesa do Estado (juntamente com Molotov, Voroshilov e seu rival, Malenkov). Em 1946, as responsabilidades de Beria alcançaram tão gigantescas proporções, que êle se tornou o chefe todo poderoso de duas polícias secretas.

Como muitos grandes inquisitores, o marechal Beria era um bom homem de família. Suas poucas aventuras extra-maritais estão associadas aos nomes de uma ou duas bailarinas. Sua espôsa, Galiya, proveniente de Azerbaijan, é quinze anos mais jovem do que êle. Com os dois filhos, Shelva e Mamiya, viveram numa enorme casa em Sadovya, um «boulevard» próximo aos limites de Moscou, cercados por um constante cordão policial que não permitia qualquer ajuntamento próximo à residência do marechal. Os próprios pedestres não podiam deter-se por ali.

UM POUQUINHO DE INGLÊS

Além da sua língua nativa, a georgiana, Beria falava fluentemente o russo e ainda o armênio e um dialeto turco. A par destas, seu francês e alemão eram excelentes e «arranhava» o inglês. Foi uma estranha reviravolta dos bons fados que sempre o acompanharam e que revelou os primeiros indícios de sua próxima prisão, a sua não comparência, entre os demais líderes soviéticos, à apresentação de

gala de Yuri Shaporin, na ópera «Os Decembristas», em 29 de junho. O motivo da ópera não podia ser mais apropriado: a revolta de um punhado de jovens nobres russos contra o despótico Czar Nicolau I, em 1825, e sua conseqüente execução no patíbulo. Ryleev, o poeta decembrista, exclamou, quando o nó da corda que o enforcaria se rompeu:

— Amaldiçoada Rússia, onde nada funciona!

★

Um dos laboratórios do M.V.D. (Ministério do Interior), até pouco tempo sob o contrôle de Beria, conseguia fabricar um tipo de papel à prova de corrosão, no qual os arquivos de polícia podem ser preservados durante 600 anos. Isto é típico da precisão e malvadeza com que Beria conduzia o seu regime de fanatismo e terror.

Através do M.V.D. e do M.G.B. (Ministério de Segurança do Estado), Beria passou a vigiar quase todos os setores de vida dos povos russos.

Seu exército de informantes, espiões e agentes era complementado por estações de rádio, verdadeiros quartéis, planos e tanques. Nenhum engenho de guerra podia percorrer as ruas de uma vila sem a permissão dos agentes de Beria. Cada centro de registro de nascimentos, óbitos, casamentos e divórcios era um auxiliar de Beria e diretamente ligado ao M. V.D. Até mesmo as atraentes jovens que dirigiam o tráfego nas ruas, estavam sob as ordens de Beria.

Seu contrôle sôbre a pessoa do cidadão russo ordinário, se estendia desde o berço até a sepultura. Seus ouvidos e olhos, no estilo de um «Domuprav», vigiavam a tudo e a todos.

Tôdas as casas ou quarteirões ocupando mais de três mil metros quadrados ou alojando mais de 500 pessoas, contavam com um administrador dêsse tipo. Grupos de dez a quinze casas menores tinham uma supervisão semelhante.
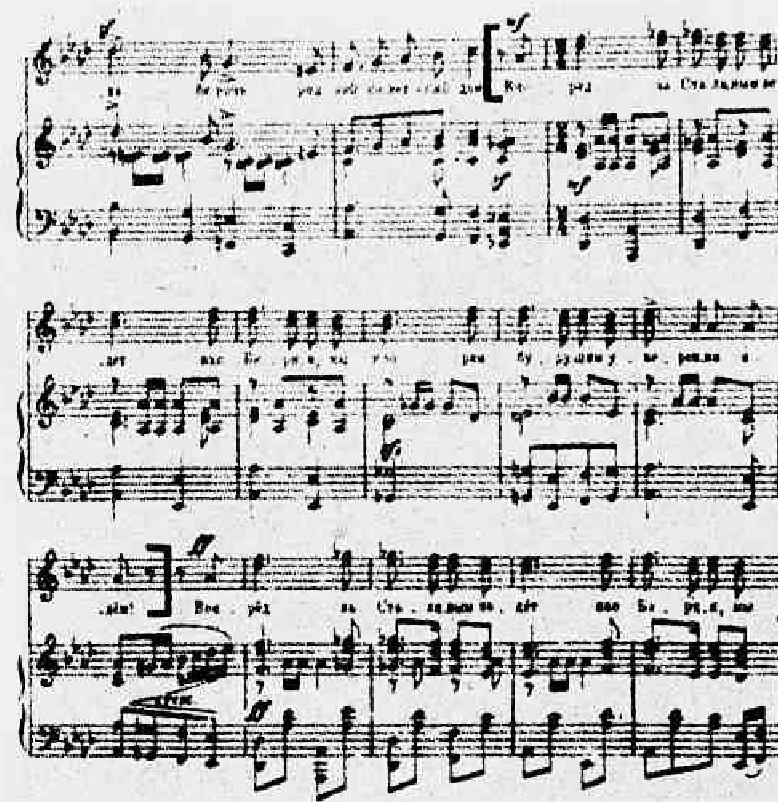
Êsse «Domuprav» não inspecionava apenas a estrutura física da casa; suas funções compreendiam ainda a vigilância daqueles que procuravam burlar o serviço militar ou fraudar as exigências do impôsto sôbre a renda. Mais chegado ao coração da família ficava o exército de «informantes» recrutados entre os habitantes das zonas mais povoadas da Rússia. Tais «shpiks» — como eram chamados os agentes de Beria — podiam ser encontrados no seio de qualquer família. Uma anedota de caráter anti-comunista ou com referência acintosa a Beria, contada na cozinha durante a preparação do «kasha» — espécie de sopa russa — levou muita gente à prisão, depois de um súbito chamado em meio à noite.

Até mesmo os habitantes de aldeias e de fazendas coletivas estavam sob o contrôle de Beria. Em adição à polícia ordinária e ao departamento de polícia secreta, cada aldeia com mais de 300 habitantes tinha um poder executivo rural, cuja função era combater a má orientação na conduta do povo e proteger a propriedade socialista.

O EXÉRCITO DA FRONTEIRA

Em nenhum lugar da extensa União Soviética o exército de ... 500.000 guardas da fronteira, identificados por seus mantos vermelhos e verdes, era mais odiado do que no Exército Soviético. Os homens do marechal e não as tropas regulares, eram os encarregados de guardar o enorme perímetro das terras russas. Um batalhão especial de Beria com o horripilante nome de «Smersh» (abreviação de «morte aos espiões»), vigiava os próprios componentes das

OS RUSSOS CANTAVAM...



Depois do falecimento do marechal Stalin, Beria nos guia, e valorosamente marchamos em busca dos novos horizontes de amanhã.

tropas regulares, a fim de verificar a sua lealdade ao partido. Informantes eram recrutados ou encorajados para se apresentarem como «voluntários». «Os «capitães e majores», de mantos vermelhos e verdes, do temível Beria, podiam entrar em qualquer propriedade durante o dia ou à noite e exigir a exibição de quaisquer documentos, até mesmo os de grande importância militar e secreta.

Com tôda essa série de agentes sob o seu comando, o «Himmler Vermelho» não teve dificuldade de encher os campos com trabalhadores escravos. Seu Código Corretivo de Trabalho, em teoria, estabelecia certas características de segurança para os cidadãos, mas as suas interpretações dos regulamentos de imposição de sentenças «por ordem de um órgão administrativo», sem qualquer julgamento, afastavam todos os obstáculos que porventura apareciam.

Em Karaganda, na Ásia Central, existe um «campo de viúvas» habitado pelas espôsas dos líderes comunistas assassinados. O crime dessas pobres mulheres foi o de «parentesco». Sob o regime de Beria, êste crime podia tomar outras formas, pois havia um regulamento, segundo o qual, «numa fuga por via terrestre ou aérea (estranhamente, a fuga por mar não é citada), de parte de um membro das fôrças armadas», as pessoas adultas de sua família se, de algum modo, concorreram para essa fuga ou «tendo conhecimento de tal intenção, deixaram de comunicar as autidades», estavam sujeitas à pena de prisão de cinco a dez anos.

EXÍLIOS PARA A SIBÉRIA

Os remanescentes membros adultos da família e aquêles que com o fugitivo morassem ou dêle dependessem na época dêsse crime, perdiam seus direitos eleitorais e estavam sujeitos ao exílio para as remotas regiões da Sibéria, por um período de cinco anos.

O Código Criminal oferecia ainda inúmeras outras oportunidades ao poderoso e sanguinário Beria. Os trabalhadores nos serviços de transportes e os pilotos aéreos podiam ser sentenciados a mais de dez anos, por infringirem certos regulamentos. Em casos mais severos de não cumprimento do dever, podiam até ser condenados à morte.

Havia, porém, uma regra verdadeiramente «humanitária» no Código Corretivo de Trabalho: «As mulheres privadas de liberdade, podem ter consigo os filhos menores de quatro anos...»

★

A posição de Beria como chefe dos campos de concentração, lhe deu o contrôle das fontes econômicas substanciais da região soviética.

Seus prisioneiros produziam grandes quantidades de madeira cortada e carvão, no Círculo Ártico. Os chefes dos campos de escravos eram concessionários da indústria pesqueira e de alimentos e controlavam as oficinas que produziam inúmeros materiais, desde colheres e garfos, até botões.

A extensão de suas «operações comerciais» até princípios de 1941, foi revelada num documento de 750 páginas, com os dizeres proibitivos: «Não Destinado à Publicação», o qual foi inconvenientemente capturado pelos alemães. Ao seu ministério fôra destinado uma verba fabulosa de 6.810.000.000 de rublos para um programa capital de trabalho, o que representava cêrca de um quinto da soma total destinada aos empreendimentos industriais soviéticos «livres». O importante Ministério de Aeronáutica vinha logo em seguida ao colossal orçamento de Beria, com um total de 3.854.000.000 de rublos.

As «prisões sem barras» tiveram sua aplicação iniciada em 1921, destinadas às pessoas que se mostravam hostis para com o regime soviético. Nos primórdios do decênio que se iniciou em 1930, quando a coletivização forçada estava em progresso, milhões de camponeses «proprietários» foram levados para locais onde se faziam obras de enormes proporções. Setecentas mil dessas infelizes criaturas sucumbiram durante a construção do Canal que liga os mares Báltico e Branco.

Beria assumiu a direção dêsse ministério em 1938, após as grandes purgas que tiveram lugar na Rússia. Em 1947 já tinha 125 campos de grandes dimensões espalhados por tôda a superfície da



Há menos de cinco meses, Beria (visto à direita) repartia com outros elementos poderosos do Kremlin a honra de transportar o caixão de Stalin.



O programa de trabalho prossegue nas florestas da Sibéria, através dos terríveis invernos. A violação das regras de trabalho acarreta punições de várias espécies. Aqui, com uma temperatura a muitos graus abaixo de zero, o indivíduo tem que trabalhar ininterruptamente.



O MAIOR CRIME DE BÉRIA, SEGUNDO O TESTEMUNHO DE UMA

União Soviética, com uma população estimada entre cinco e sete milhões.

A metade dêsses cinco milhões ainda comentaria de modo assaz amargo os regulamentos impostos por Beria. No auge da pressão czarista em 1912, apenas 184.000 pessoas estavam prisioneiros em cárceres regulares (segundo a autoridade do livro de André Vyshinsky, «As Prisões nos Países Capitalistas», publicado em Moscou no ano de 1937).

Durante a guerra, os trens de gado do monstruoso auxiliar de Stalin, transportaram centenas de milhares de refugiados poloneses, judeus e de outras nacionalidades e religiões, como trabalhadores escravos em suas minas de ouro e cromo. Êle operou migrações com intei-

Um homem desfalece, sôbre o seu carrinho de mão. A quantidade de trabalho proporcionado é enorme. Se um prisioneiro não é capaz de suportar os rigores do regime, suas rações são reduzidas e êle enfraquece gradativamente. O mesmo acontece a quem trabalha devagar.



As ilustrações de Sergie Korolkoff mostram os padecimentos daqueles que eram enviados para os campos «corretivos» de trabalho. Membros de tôdas as raças e credos existentes na Rússia são escravizados durante anos, na exploração dos diversos serviços. A maioria não resiste.

DAS INÚMERAS VÍTIMAS DE SEUS CAMPOS DE ESCRAVOS

ras populações, como se deu com os Tártaros da Criméia, os Chechens e os Germânicos do Volga, enviando-os para regiões onde até mesmo um pássaro não teria coragem de voar no ar gélido e mortal ali existente.

«Há montanha no Norte
Coberta só de cadáveres,
Onde ruge o vento selvagem.
Mãe natureza, jamais saberás
Onde jazem enterrados os teus filhos...»

Assim cantam os internados nos campos de «correção» de Laurenti Beria.

(Continua no próximo número)



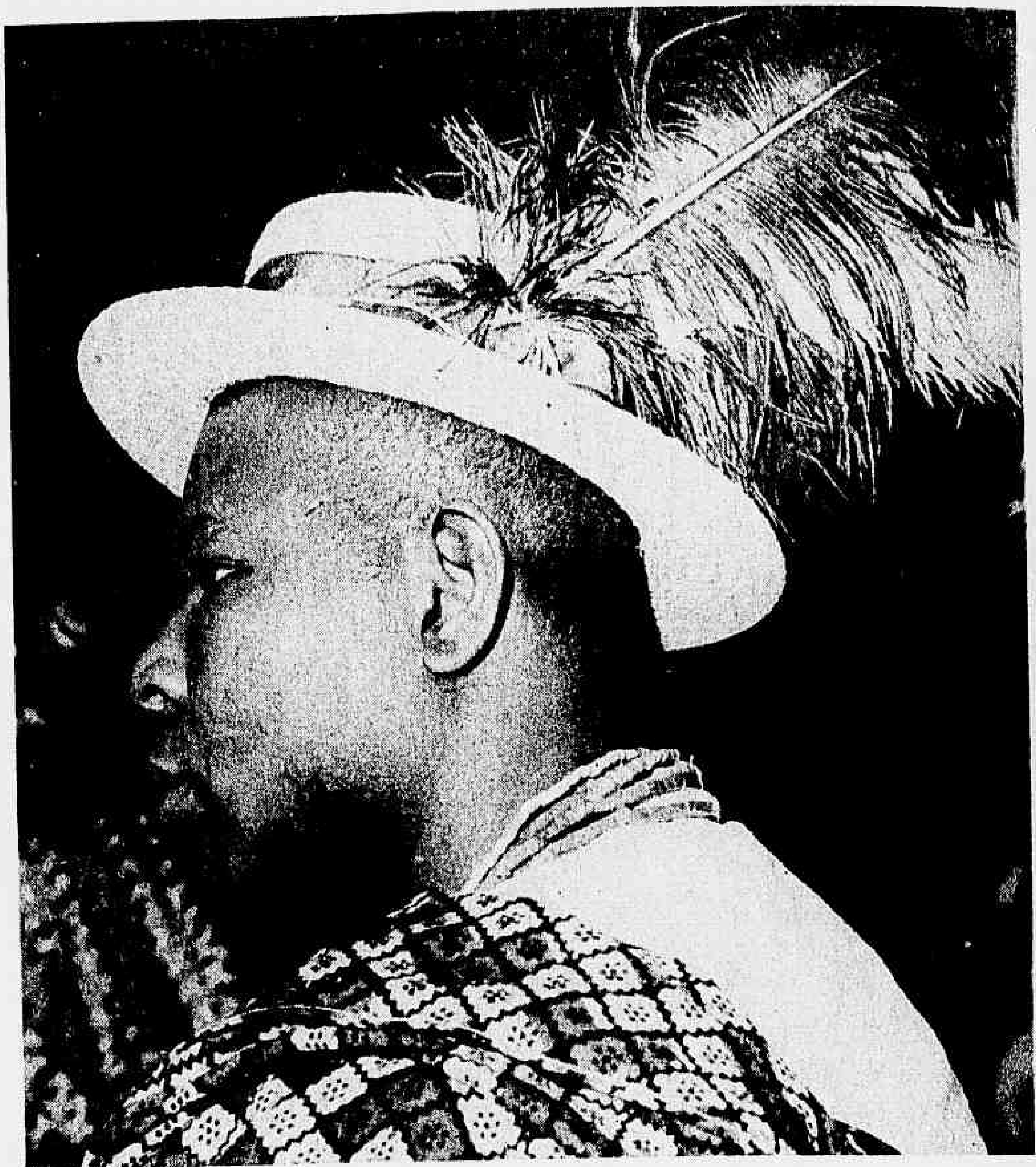
A alimentação e as roupas são inadeqüadas para as mulheres também. Elas executam o mesmo trabalho árduo dos homens. Os nazistas levaram estas mulheres para a Alemanha como escravas, durante a guerra. Ao retornarem à Rússia, Beria enviou-as aos campos escravos.

JANELA SÔBRE O MUNDO



FOI BOM CONFIRMAR

Êsse jovem se chama Godfrey Harry Joy, tem 21 anos de idade e é filho de um verdureiro de Londres. Enamorou-se da japonêsa que vemos ao seu lado, a simpática Kumiro Furuz, de Hiroshima, com a qual se casou pelas leis do país da noiva; mas, vindo morar na Inglaterra, teve que repetir a cerimônia das bodas, conforme as leis inglêsas. Aqui vemos o casal após o «conjugo vobis» em Caxton Hall, na manhã de 11 de agôsto de 1953. Ela fêz questão de vestir-se à japonêsa.



CADA TERRA COM SEU USO

A Constituição da Nigéria acaba de ser reformada. Mas, para isso, os delegados do país se reuniram em Carlton House Terrace, 10, em Londres, para discutir ponto por ponto. Das diversas zonas daquele país africano chegaram representantes, cada qual usando seus indumentos nativos. Aqui vemos êste cidadão nigeriano, que debateu os mais sérios assuntos constitucionais, exibindo um chapéu enfeitado com penas vistosas, vermelhas, azuis e brancas. Foi muito aplaudido...



DE VASSOURA EM PUNHO

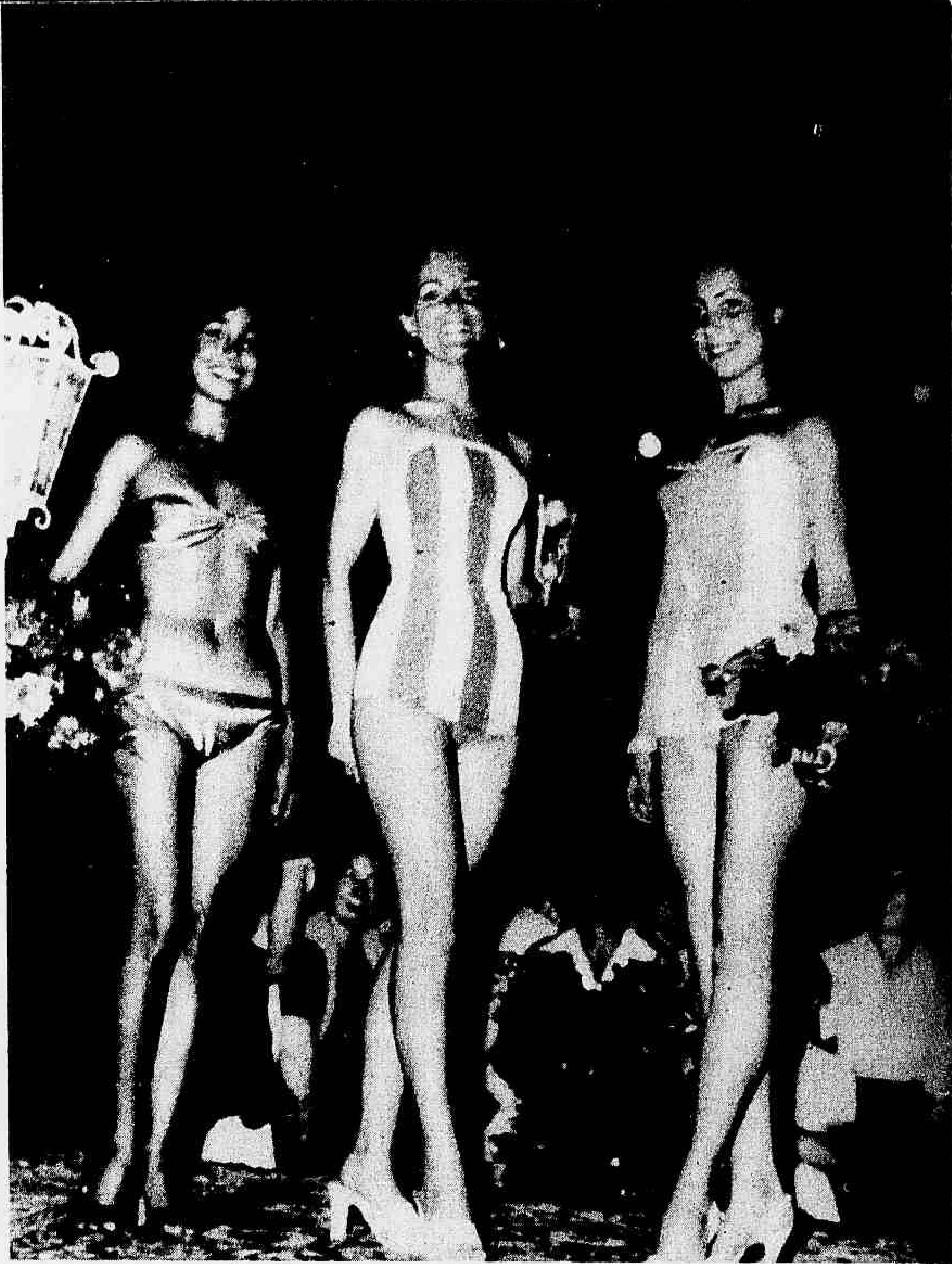
Há mais de setecentos e cinqüenta anos que, em todos os nove de julho, cidadãos de cartola bem luzidia, como se estivessem na «pelouse» de um «Derby», empunham vassouras de mato, dessas como que os garis do Rio trabalham e saem a varrer as ruas por onde passa a procissão para a igreja de St. James, em Gerlickhythe, Inglaterra. A velha Albion é rica de tradições, e os velhos costumes dos antepassados continuam a ser mantidos através das gerações, que, assim, nunca morrem.



ONTEM E HOJE

Por motivo das celebrações do centenário da «Small Arms Corps» e da «Small Arms Wing», da Escola de Infantaria de Hythe, Kent, foi organizado interessante programa retrospectivo de armas de fogo do Exército Britânico, de 250 anos para cá. Além dos variados tipos de armas leves, os soldados que as empunham, também exibem uniformes exatamente como os seus colegas do passado. O arcabuz, à esquerda, era o armamento de 1700, e a metralhadora é tipo moderno «Bren Gun», atual.



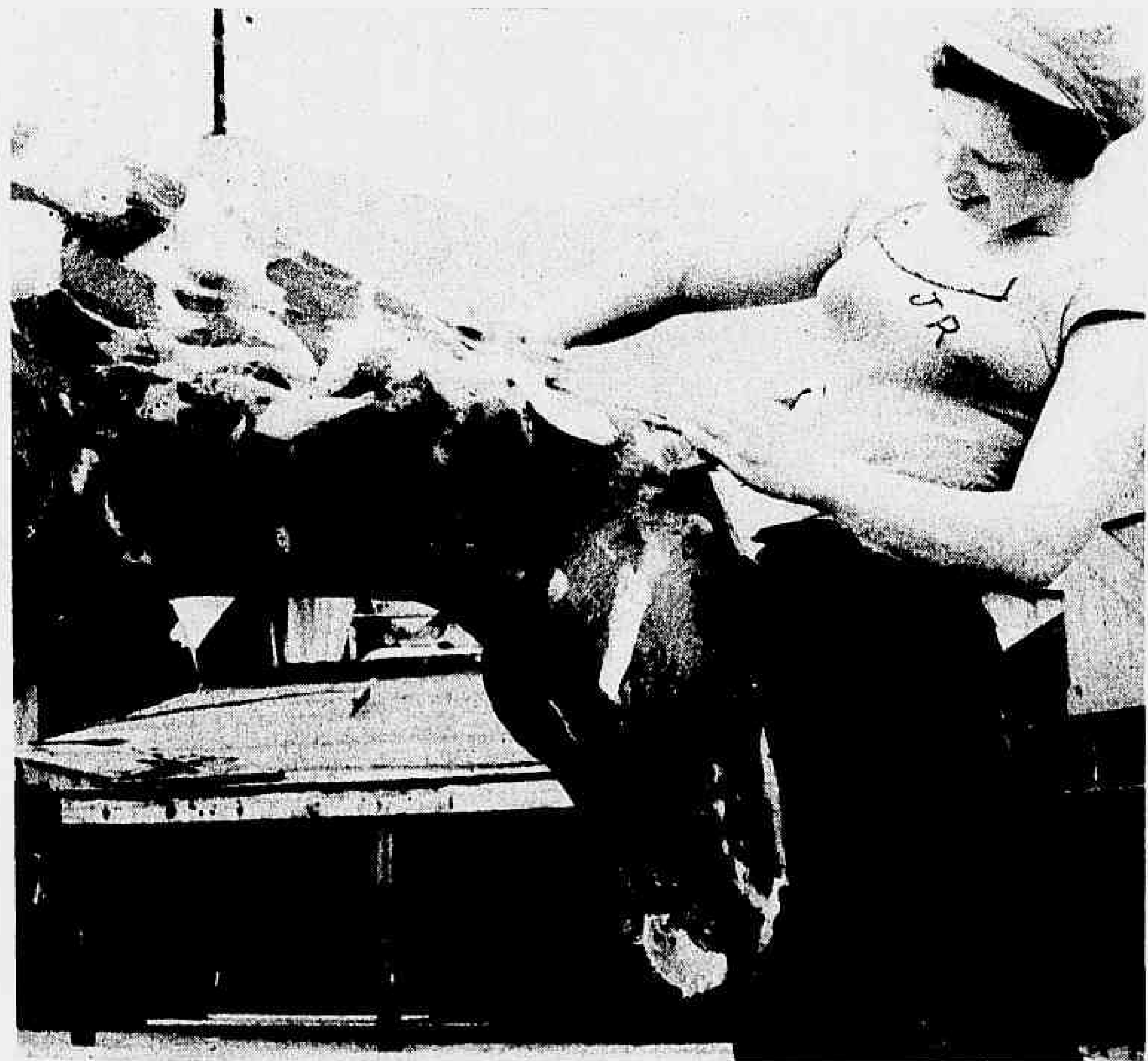


NOVAS RAINHAS

A base da cerveja é o lúpulo, e a base da alegria alemã é a cerveja. Assim, nada mais natural do que eleger-se lá na Alemanha, todos os anos, uma Rainha do Lúpulo. E' o que vemos aqui: Reserl Singer, de dezoito primaveras floridas, empunha o cetro e usa a coroa simbólica, vencedora na eleição de Wolnzach para a Rainha do Lúpulo de 1953. À direita, de pé, a ex-soberana, Magdalena Mayer, de dezenove anos de idade. Nenhuma candidata pode ter menos de 18.

RAINHA DE NICE

A lindíssima Mlle. Marie Paule Beaumont, jovem de dezessete primaveras, foi eleita Rainha de Nice, que, por si mesma, também é outra Rainha, a Rainha do Mediterrâneo. Aqui vemos a beleza de Nice, empunhando a taça da vitória, tendo em cada lado uma Princesa, e que são: Mlle. Monique Clemo, de 21 anos de idade, e a moreninha Michelle, de 17. Tôdas sorridentes, felizes e orgulhosas dos merecidos triunfos. Não sabemos se o cinema francês já as cercou de oferecimentos.





BURRO COM SABÃO

A encantadora Joan Rosaire, de 20 anos de idade, está fazendo o asseio cavalar da égua Goldy, com a qual a jovem espera abiscoitar prêmios na parada de Surrey, quando muitos animais se exibirão no Chessington Zoo Circus. O bicho parece que está gostando muito dêsse banho caricioso e amável, e sua semelhança com girafa é pura casualidade, ou melhor, é desenho caprichoso de espuma de sabão em pescoço de outros quadrúpedes que não têm esperanças girafantes.

ALIMENTOS DE GRAÇA

Um dos mais sensacionais acontecimentos na Berlim de nossos dias, foi aquêle da distribuição de alimentos aos habitantes da zona Oriental dominada pelos russos. Desde 27 de julho, o govêrno de Berlim ocidental, em combinação com o executivo do país, passou a distribuir de graça os volumes de alimentos a que deram o nome de «pacotes Eisenhower», compostos de: 800 gramas de banha de porco, 4 caixinhas de leite, 500 gramas de leguminosas e um quilo de farinha.

FRANCESCA DA RIMINI

CAPÍTULO II

VIOLANTE deixou cair nos joelhos o bonito brocado rosa de uma colcha que estava bordando com pequeninas pérolas.

— Nós não somos como nossas mães, que aceitavam em silêncio a vontade dos pais. Hoje queremos resolver nossas vidas por nós mesmas e escolher os nossos maridos sòzinhas. Seremos mais felizes do que elas o foram?

— Que é a felicidade? — perguntou Ornella. Seu pensamento voou para junto de um cavalheiro louro como a espiga de trigo madura, que nas longas noites de verão, em Forlimpopoli cantava, sob seu balcão florido, lângüidas melodias de amor.

Gioietta entremeava, em bordado leve como uma pintura, num lençol de finíssimo linho, o emblema dos Polenta com o dos Malatesta. Inadvertidamente picou o dedo e uma gôta de sangue vermelho manchou o tecido alvo. Escondeu nas mãozinhas a pequena gôta sanguínia para que Francesca não a visse, mas o coração se lhe apertou num triste presságio. Alguém lhe dissera que o casamento de Francesca seria dos mais infelizes.

Chegou Ombretta, seguida de uma serva com uma grande bandeja cheia de frutas cristalizadas. Era hora da merenda e as quatro jovens atiraram-se ávidas, com seu apetite sadio, sôbre aquelas delícias culinárias de que a serva era mestra. Um copo do suave vinho de Albana deu uma nota púrpura a suas faces. Bastara aquela pequena distração para afastar o sentimento de tristeza e mal-estar que atingira-as a pouco. O destino, porém, seguia-as e já se aprontava para empunhar, por detrás dos seus rostos sorridentes, as armas da dor e do tormento.

Sorria Ornella, com a bôca cheia de laranja cristalizada e não imaginava que o belo cavalheiro, louro como uma espiga de trigo madura, morreria numa batalha, antes mesmo de haver-lhe feito experimentar a doçura de um beijo. Violante cantarolava com o copo na mão e não sabia que seria obrigada pelas circunstâncias a se casar com sir João, o homem do qual dissera que preferia entrar para o convento a com êle se casar. Os olhos semi-cerrados, levemente embriagada pelo copo de vinho de Albana, Gioietta tinha o coração junto a Reginaldo que, ainda que a amasse, seria obrigado pelo pai a se casar com uma prima muito feia. Francesca, com um véu de ouro e pérolas entre as mãos, estudava um penteado para a sua primeira noite de núpcias e não sabia que . . .

Quatro almas em flor! Quatro destinos com a foice nas mãos.

★

O dia do casamento se aproximava a passos largos. Os preparativos ocupavam grande parte do tempo de Francesca, mas não acalmavam suas ânsias. Também suas três amigas não conseguiam esconder a perturbação. Guido, o grande senhor de Polenta, queria que o enxoval da filha fôsse rico e digno de sua nobreza e dos Malatesta. Foram encomendadas arcas de madeira preciosa, incrustadas de ouro e prata. Cem mulas brancas deveriam carregar o enxoval de Francesca, de Ravena até Rimini, a fim de demonstrar a riqueza dos Polenta. Falanges de cavalheiros, de infantes armados, de pagens e damas de honra, desfilariam no longo cortejo da espôsa.

Francesca, na febre dos preparativos, não se contentava com o que seu pai lhe oferecia. Queria arautos com trombetas de prata sôbre cavalos negros como a noite, ajaezados de ouro e carmesim, precedendo o cortejo de cem metros, a fim de anunciar a chegada da espôsa à multidão em alas ao longo da estrada. Queria que, na porta oriental de Rimini, estivessem trezentas donzelas vestidas de branco, que jogariam, sob o tropel dos cávalos que formavam o cortejo, um espesso tapête de rosas brancas. Ordenou que o povo do condato bebesse sem reservas o generoso vinho de Albana, para que a alegria fôsse exuberante. Queria que, durante tôda a noite, fôssem acesos fogos de artifício, das colinas para o mar, a fim de iluminar a felicidade dos esposos. Tudo que desejou ela o obteve, do pai ou do espôso. Os Malatesta estavam contentes que uma mulher, finalmente, trouxesse para o seu castelo uma nota de alegria, e que, nos labirintos austeros dos salões cobertos de armas ecoasse o riso alegre de uma jovem . . . Sabia-se que Francesca tinha um coração generoso, afável, uma inteligência viva e um gôsto apurado. Os elogios a tôda sua pessoa, a profundidade de sua cultura, sua habilidade como amazona e caçadora, tinham chegado a Rimini antes dela, abrindo largos horizontes de esperança aos três irmãos. Êstes haviam ficado tristes e melancólicos quando o mais jovem, Paulo, desposara Orabile de Ghiacciuolo e abandonara o castelo paterno, para ir com a espôsa onde o chamava a sorte das armas.

A noiva era esperada com grande ansiedade, não sòmente pelo marido, Gian-giotto, como também pelos cunhados, Malatestino e Pandolfo. Por um estranho capricho do destino, as três mulheres de seu pai haviam vivido muito pouco e os quatro órfãos tiveram uma infância desolada e solitária, nas casernas e nos acampamentos dos soldados, entre os cavaleiros e as escuderias, guiados e educados com indiferença por preceptores mercenários. Haviam formado o caráter por si mesmos sem conhecer a afeição, o confôrto, a justiça dos castigos e a benevolência do perdão. Os exércitos foram a sua atração e o seu amor. O sangue nunca os amedrontara, nem mesmo quando eram pequeninos. Depois de adultos muito haviam feito correr em defesa da Igreja contra as imposições papais.

★

Quando Francesca foi recebida pelo marido e pelos cunhados, sôbre a ponte do castelo, tomou-se de tal horror e desgôsto que as rédeas lhe caíram das mãos e pouco faltou para que o arranque do cavalo, sem freios, não a fizesse cair.

Pálida, de uma palidez amarelada, com a cabeça rodando e o coração em suspenso, teria caído, se alguém não a houvesse sustentado e murmurado:

— Coragem, senhora.

O aspecto dos três homens que lhe vinham ao encontro era dos mais sinistros. Um pouco atrás, Pandolfo e Malatestino. Êste com uma órbita vazia, onde se via a cavidade violácea dos olhos, mal coberta por uma venda negra. O outro magro, ossudo, ressequido, apoiava-se nas pernas desengonçadas, com um andar de marionete. Diante dêles, estava Giangiotto, o espôso, trôpego, por causa de uma perna torta, que mal se prendia a uma anca deformada e a um tronco contorcido e corcunda. Dois olhinhos pequenos apareciam sob a fronte baixa e enrugada, o nariz era achatado, os lábios grossos e caídos: animalesco.

— Sois benvinda em vossa terra e na vossa casa! — falou, a custo, o espôso, expelindo saliva com as palavras por entre os lábios túmidos. A voz tinha o estridor de uma lima a passar sôbre uma lâmina de ferro.

— Nós queremos que seja feliz, senhora, — disseram, quase ao mesmo tempo, os dois cunhados, olhando para Francesca, intensamente admirados. Não puderam compreender, porém, porque ela estava pálida e trêmula.

Giangiotto, por demais impressionado com a mulher que estava em sua frente, para poder analisá-la, tinha o rosto descomposto, na comoção da posse, iminente. Por isso, pensando sòmente em si mesmo, não conseguia, naturalmente, compreender a revolta tempestuosa que transtornava a alma de Francesca. De outro lado, se a houvesse compreendido não se abalaria. Êle era o patrão, sem limites.

Francesca, horrorizada diante do aspecto miserando do marido e dos cunhados, sentia-se incapaz de fazer um gesto, de dizer uma palavra. Seu silêncio foi tomado por timidez. Qualquer outra jovem, enganada daquele modo miserável e cruel, teria afogado no pranto a amargura de sua desilusão.

Francesca não chorou. Engoliu as lágrimas e fechou-se num silêncio exasperado; deu ao rosto a aparência de uma doce resignação e conseguiu, até mesmo, sorrir. Tudo, porém, se desmoronava em tôrno de si e ela permanecia sem fôlego no maior dos destroços: sonhos, esperanças, ilusões, ideais, amor e felicidade, tudo ruía e ela, sòzinha, continuava viva por entre aquelas ruínas.

Atrás dos parentes dos Malatesta tinham vindo também recebê-la os outros pequenos senhores dos arredores e as castelãs. Os homens olhavam-na com acesa admiração, as mulheres com mal disfarçada inveja.

Às suas costas gritos de turba em festa, archotes de luzes flutuantes que iluminavam a noite a chegar. As harmonias suaves e lentas dos alaúdes aumentaram sua comoção e ela sentia-se aprofundar-se no precipício, sem esperança de salvação.

★

O sol já ia alto quando Francesca, ainda mais pálida e mais cansada, encostou-se à janela da câmara nupcial que o marido deixara há pouco. Diante dela, lá ao longe, o mar se estendia em tonalidades cinza e cobalto. Ainda despenteada e envôlta numa veste violeta de macio panejamento, procurava libertar-se da sufocação que lhe fechava a garganta, como um nó.

Olhava apavorada em tôrno de si e afundava as mãos no tecido, para que as unhas não deixassem sinais na palma atormentada . . . Os lábios trêmulos, as narinas dilatadas, pareciam ser o reflexo de uma intensa convulsão interna.

Ombretta, como fazia sempre, entrou no quarto para ajudar a patroa a se vestir, porém, em vez de encontrá-la ainda no leito, percebeu sua silhueta imóvel

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR

Francesca vivia feliz no seu castelo de Ravena. Passava os dias despreocupadamente com suas três melhores amigas: Ornella, Violante e Gioietta, e a ama, Ombretta. Seu coração vivia povoado de sonhos românticos, como o de tôdas as jovens. Porém, seu destino era casar-se por conveniência com aquêle que escolhera seu pai, João Malatesta — valente guerreiro que, porém, ela nunca conhecera, nem sabia como era.



à janela, Ombretta arrastou um pouco os pés, para que a senhora percebesse sua chegada. Alguns minutos antes encontrara o novo amo que lhe dissera:

— Sua patroa deve precisar de você.

Na voz estudadamente calma de Giangiotto havia um não sei que de descontentamento, que aumentou a apreensão da ama. Certamente aquelas núpcias não tinham sido acompanhadas nem de amor nem de ternura. O castelão não conseguia esconder sua insatisfação e enfadamento interiores.

Como Francesca permanecesse desesperadamente imóvel, Ombretta tomou coragem.

— Senhora.

— Que queres tu? Vai-te!

O acolhimento de Francesca encheu-lhe o coração de justificada amargura. Com a voz que era um soluço ousou perguntar:

— Que fiz eu?

— Que fizeste? Ainda me perguntas? Enganaste-me, traíste-me. Tu como os outros. Como meu pai. Uma traição perversa, que fêz de mim, de um dia para outro, a mais infeliz, a mais desprezível das mulheres.

Ombretta soluçava; entre um soluço e outro as palavras saíam-lhe a jatos:

— Eu não . . . Eu vos juro . . . Não vos traí. Não sabia. Disseram-me que vosso marido não era belo. Nada mais, nada mais. Sòmente ontem, quando já tínheis passado o portão do castelo . . . quando vosso destino estava traçado . . . Eu juro . . . Se me tivésseis olhado agora, veríeis como estou, também, desesperada. Passei a noite velando e orando por vós. Pedi o auxílio de vossa pobre mãe . . . Minha menina, para mim sois mais do que uma filha. Oh! minha adorada patroazinha!

Ajoelhara-se e implorava, agarrada aos joelhos de Francesca.

— Levanta-te. Não me aborreça com choramingas.

— Se soubesses patroa, quando o coração dói de todos os lados, que alívio nos dá o pranto! Por que não procurais chorar? Havia de vos fazer tanto bem!

— Eu chorar? — atalhou Francesca, exaltada. Não choro e não chorarei. Ninguém verá uma lágrima em meus olhos. Chora-se quando se está comovida e não quando se odeia!

— Calma senhora. Não me olheis assim, com êsses olhos turvos. Vós me dais mêdo.

— Que podes tu compreender? Esta foi uma noite de pesadelo. Nunca um carniceiro foi tão feroz para com sua vítima como o homem que se deitou nu a meu lado, e que humilhou meu corpo com suas mãos vermelhas e aleijadas, que poluiu o ar do aposento com seu hálito pesado de vinho e de comelanças. Deverei chorar porque, entre um beijo e outro, êle me arrotava sôbre o rosto?

— Por caridade, Francesca, basta!

— Eis a tua Francesca. Sim, Francesca a filha de Guido de Polenta, que deve dar lugar em seu leito a um homem monstruoso e repugnante. Odeio meu pai, o grande Senhor que, por um baixo interêsse político, me deu a essa gente horrível. Odeio a mim mesma que não tenho coragem de me jogar desta janela. Odeio minha mãe, que me pôs no mundo. Odeio a ti, que me alimentaste. Eis Francesca, aquela mesma jovem que, tantas vêzes, achavas ter desejos exuberantes demais, sonhos exageradamente grandiosos. Eis a mulher que até agora viveu sonhando amar e ser amada!

Francesca jogou-se sôbre o leito, escondeu o rosto entre as mãos.

— Vai-te Ombretta. Não quero me vestir. Não quero me pentear. Quero morrer!

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)

O JUBILEU DE CASTILHOS

PEDRO CALMON (Da Academia Brasileira)

A 24 de outubro de 1903 falecia em Pôrto Alegre Júlio de Castilhos. Passado meio século, a crítica histórica, desembaraçada das paixões contemporâneas, se pronuncia com serena justiça sôbre êsse homem estranho, a quem as multidões, a seu tempo, dedicaram estremos de admiração e excessos de ódio, chefe na acepção mais severa da palavra, por isto mesmo uma das personalidades mais discutidas da civilização nacional. O jubileu castilhista há de ser dignamente comemorado. Mas não pertence apenas ao Rio Grande: é uma data do país e do regime. Podemos dizer mais: caracteriza o gênio político daquele gaúcho inteiriço o senso messiânico da autoridade, a mística da república na sua organização forte, um cesarismo civil que tinha de original e formidável o seu sistema. Eis em duas linhas o retrato moral de Castilhos: na justificação do poder, a ciência da vontade.

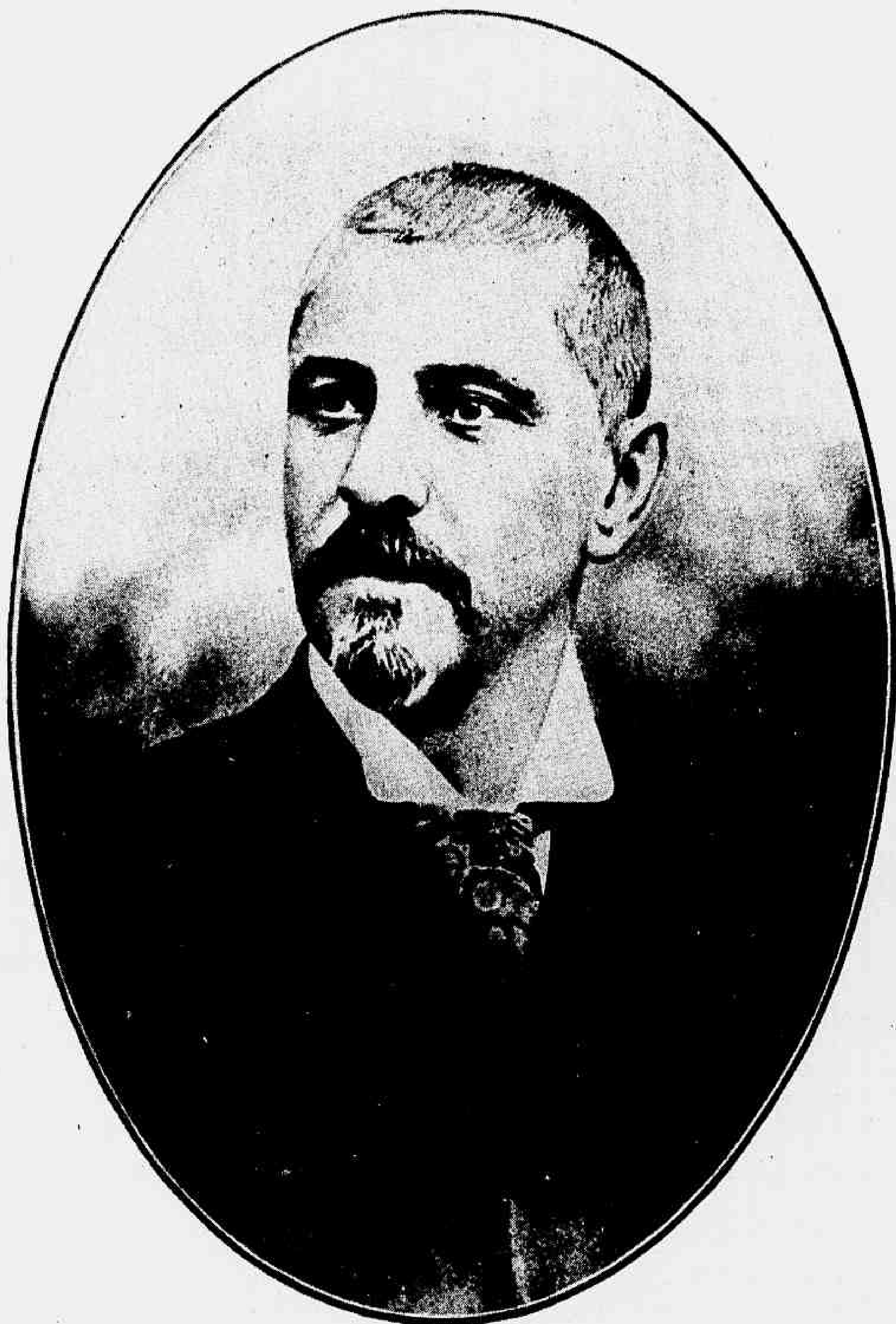
Bacharel como os outros, foi na imprensa que fêz as armas da propaganda e da fundação das instituições, para cuja vitória a sua geração, inexperiente e doutrinária, não se preparara. Gaspar da Silveira Martins, diretor incontestável da política riograndense, chamava aos moços da "Federação" — patrulha adolescente de adversários teóricos — os "meninos". Castilhos era dentre êles o mais ousado, o mais seguro de si, o mais apostólico: e assim foi que, naturalmente, se achou à frente da província quando caiu o império. Parecia absurdo, que um rapaz, que se notabilizara como jornalista, sem raízes eleitorais nem fôrças presentes, paladino solitário de uma idéia, pudesse convertê-la num govêrno: e lhe desse, ainda por cima, a solidez de uma ordem. Revelou-se nessa conjuntura. Porque sabia o que queria, quando os demais se limitavam a adivinhar as acomodações possíveis, entre o velho e o novo liberalismo; e para impor os seus princípios, afrontava, desassombrado, tôdas as resistências. Ligara-se desde o começo a uma filosofia. Errada ou certa, era uma filosofia. Traçara ambiciosamente um programa. Certo ou errado, era um programa. Destacara da anarquia mental da época o desenho nítido de uma estruturação política. Fôssem quais fôssem os seus defeitos, contrastava com a indecisão, a inércia, o pessimismo ou as fantasias em que se entretinham, divergentes ou confusos, os que, nesses primórdios da república, lhe indicavam muitos caminhos, sem provar as suas vantagens. Tornou-se grande sobretudo pela têmpera e pela fúria dos inimigos. Alhures a transição de uma para outra forma de Estado foi uma discreta substituição de rótulos, um soturno conflito de métodos numa revolução pacífica. Ali, não: teve a dureza heróica de uma luta de gigantes; e decidiu-se no campo de batalha.

Castilhos impregnara-se de positivismo reinante, mas estava longe de ser um ortodoxo. Na Constituinte federal derrotou em algumas passagens capitais o projeto da Constituição, que viera dos conselhos do govêrno com a marca luminosa de Ruy, exatamente para lhe agravar a descentralização, fixando, em traços mais firmes, o presidencialismo. Não acreditava na democracia do verbo, senão na hierarquia dos valores. A Constituição que elaborou e deu ao Rio Grande, aprovada sem emendas pela assembléia que elegeu, contém, integral, a energia dêsse pensamento: é a sua mensagem, com a teoria autoritária, tanto uma definição como um desafio. Lavou-lhe os parágrafos um rio de sangue. Mas ficaram, petrificadas na rigidez do sistema, essas normas incomunicáveis. A sorte da guerra bafejou-lhe as convicções. Venceu porque persistiu, porque teimou, porque erigiu êsse corpo de leis numa bandeira de combate, e agremiou à sua sombra o mais compacto e o mais disciplinado grupo partidário daquele tempo. Cresce a sua figura singular no prodígio dessa fidelidade, principalmente na sua duração, para além do ciclo breve do poder, quando, a partir de 1898, fora das posições, se



Vista do histórico «Capão da Reserva», no atual município de Júlio de Castilhos, onde se reuniram alguns dos mais ardorosos propagandistas da República e firmaram o seguinte memorável juramento:

«Reconhecendo a necessidade de organisar a opposição em qualquer terreno ao futuro reinado que ameaça a nossa patria com desgraças de toda ordem, e a necessidade de preparar elementos, para, no momento oportuno, garantir o sucesso da revolução, declaramos que temos nomeado nossos amigos José Gomes Pinheiro Machado, Julio de Castilhos, Ernesto Alves, Fernando Abbott, Assis Brazil, Ramiro Barcellos e Demetrio Ribeiro, para trabalharem, para que se consigam aquelles fins, empregando livremente os meis que escolherem. Nós fins, empregando livremente os meios que escolherem. Nós ser o sacrificio inutil de nossos concidadãos. Excluida esta hypothese, só haveremos de parar diante da victoria ou da morte. — Reserva, 21 de março de 1889. — Candido Pacheco de Moraes Castro, Joaquim Antonio da Silveira, Lauro Domingues Prates, Fernando Abbott, Ernesto Alves de Oliveira, José Gomes Pinheiro Machado, Victorino Monteiro, Possidonio da Cunha, Homero Baptista, Manoel da Cunha Vasconcellos, J. F. de Assis Brazil, Salvador Pinheiro Machado, Julio de Castilhos.»



Júlio Prates de Castilhos, grande revolucionário e maior construtor como estadista, figura central do movimento republicano no Brasil, e, por duas vêzes, governador do seu Estado, o Rio Grande do Sul. Foram seus pais: Frederico Antônio de Castilhos e Carolina Prates de Castilhos. Casado com Honorina de Castilhos, deixou os seguintes filhos: Júlia, casada com Artur Franco; Eugênia, espôsa de Daniel de Mendonça; Honório, casado com Marieta Ribas; Otília, espôsa de Carlos Penafiel; Ambrosina, espôsa de Arnaldo Ferreira, e Edmundo, solteiro.

tornou Castilhos — austero e apagado — o centro vivo da política riograndense. Faleceu prematuramente. Aos quarenta e três anos de idade, estava destinado a desempenhar, na evolução dessa república que Pinheiro Machado, seu diletò amigo, ia orientar, um papel desmedido. As crises futuras levariam o sêlo da sua ponderação e da sua influência. Daria o santo e a senha das soluções mais graves, quando, desunidos os responsáveis pelo presidencialismo que ajudara a criar, tivessem de desencantar, no seu isolamento, o oráculo do regime. Seria inevitàvelmente um árbitro. Morreu demasiadamente cedo, para completar a sua trajetória. Viveu, porém, o suficiente, para que ela deixasse na história o vestígio impressionante e claro.

Castilhos foi um dos poucos homens nesta terra que fêz de uma doutrina um destino. Não lhe importam acertos ou equívocos, o funesto ou o providencial dessa tremenda novidade: sobreleva-lhe a capacidade criadora, cujas arestas recortam, no panorama das idéias, uma possante individualidade de estadista. Foi diferente de todos.

DA DESCOBERTA AO BENEFÍCIO

UM DESCOBRIU... e como tôda a grande descoberta, a loção TRICOMICINA teve, também, sua fase de incansáveis pesquisas, testes, experimentos e lutas. Nove anos de trabalho contínuo foram necessários até que se chegasse ao resultado final. Dessa batalha sem tréguas, resultou um produto realmente eficaz no combate à CALVÍCIE, à QUEDA DOS CABELOS, à CASPA e a quaisquer outras afecções do couro cabeludo: a loção TRICOMICINA.

MUITOS VENDEM... porque o descobridor da TRICOMICINA, movido pelo desejo de estender ao grande público os benefícios de sua descoberta, fez industrializar o produto e com êle abasteceu o mercado. Distribuidores em tôdas as principais cidades do Brasil estão preparados para entregar a loção TRICOMICINA a todos aquêles que desejem beneficiar-se com as suas excelentes propriedades.



MILHARES SE BENEFICIARÃO com as aplicações da loção TRICOMICINA que, sem ser miraculosa, é, contudo, de efeito progressivo e seguro no combate à CALVÍCIE, além de deter imediatamente a queda dos cabelos e de eliminar prontamente a caspa. O aparecimento da loção TRICOMICINA representa um novo alento aos que consideravam insolúvel o seu problema de calvície, queda dos cabelos, caspa e demais afecções do couro cabeludo.

Se não encontrar a Tricomicina em sua cidade, peça-a pelo Reembôlso Postal.

Remetam-me..........vidro(s) de Tricomicina, ao preço de 200,00 por vidro.
Nome..............................
Enderêço..............................
Cidade..............................
Estado..............................

T R I C O M I C I N A

☆ **Combate a CALVÍCIE**
☆ **Detém a QUEDA DOS CABELOS**
☆ **Elimina a CASPA**

Loção **Tricomicina**

Distribuidores em tôdas as praças do país

Um produto do LABORATÓRIO TRICOMICINA LTDA.
FÁBRICA: Salvador — Bahia
ESCRITÓRIO COMERCIAL: Av. Franklin Roosevelt, 126 - 5.° Gr. 509 - Rio de Janeiro



LAST FASHION, de Milão — *Vestido em linho branco, azul celeste e azul forte. Todo bordado, a mão, azul e branco.*

PIERRE BALMAIN — *Encantador vestido de meia cerimônia, em organza branca, bordada com plumas pintadinhas.*



Modelos de Primavera

ESTAMOS na Primavera. Flores, muitas flores, são vistas nas tualetes femininas para esta estação, nos chapéus, nos estampados dos vestidos, nas lapelas dos costumes de meia estação. Notamos, nos figurinos e nas notícias dos desfiles, em Paris, Milão, Nova York e Londres, que a moda dos chapéus está voltando, e vai dar um passo a frente nessa nova estação. Por isso, apresentamos, para as nossas leitoras, alguns modelos de chapéus primaveris, todos êles enfeitados com flores.

★ Os toques, pequeninos, muito coloridos, com flores de tôdas as qualidades, são graciosas e rejuvenescem. Rosas e pétalas de rosas aparecem em modelos muito bonitos; e, já que as rosas estão em moda, surgiu, também, a predileção pela «côr de rosa», para os chapéus de Primavera. Quanto ao estilo dos chapéus, além dos pequeninos toques que, pràticamente, não têm copa nem aba, vemos modelos colocados bem no alto da cabeça, e ligeiramente caídos sôbre a fronte, num jeito todo «matreiro». — (Flama).

LADDIE NORTTHRIDGE — Modêlo em palha de côr natural, e florezinhas amarelas. Fita de veludo verde.





GALIA E PETER, de Milão — Encantador chapèuzinho em palha negra, com flores côr de rosa em tôda volta.



JOHN FREDERICS — Belo chapéu "cloche", recoberto com pétalas rosa. As fôlhos, em verde muito escuro.



CHANDA — Em palha branca, véu enfeitado com pomponzinhos também brancos. Denominado "Pão de Açúcar".

Carta "à outra"...

NADA é mais triste do que se ver um homem já maduro — até então excelente espôso e pai — abandonar de improviso a família e correr atrás de outra mulher, geralmente muito mais jovem do que êle, e que apenas visa se aproveitar das vantagens materiais que possa lhe proporcionar.

Pode ser que a espôsa tenha culpa disso, por ter deixado de ter para com o marido tôda a dedicação dos primeiros tempos. Muitas vêzes, porém, ela é absolutamente inocente, bondosa, carinhosa, amorosa, e o fato não tem outra explicação a não ser o desejo de aventura que assinala a vida masculina, lá pelos 50 e poucos anos de idade. A carta dirigida «À Outra», e que publicamos a seguir, devia, por isso, ser lida e meditada, principalmente pelos maridos e pelas «aventureiras».

★ «Sou casada com meu marido há 25 anos. Sempre nos entendemos muito bem. Até que um dia, inexplicàvelmente, você «a outra», surgiu, com seus 30 anos, e separada do primeiro marido. Por você meu marido deixou tudo: honra, dignidade, respeito, espôsa, filhos, lar e amigos. Por quê?

A vida em nossa casa corria feliz até que você apareceu. Não quero, com esta, despertar-lhe simpatia e, ainda menos, piedade. Sei que não tem coração e que não se importa de caminhar sôbre os destroços de espôsas, mães e filhos. E' preciso, porém, que saiba de certas coisas.

PODERIA dizer-lhe que perdi 10 quilos, estou com a saúde abalada e que esta foi a maior dor de tôda minha vida. Poderia dizer-lhe que nossa filha, com 18 anos, teve que adiar, por sua culpa, um casamento, que preparava com entusiasmo. Em vez do pai levá-la ao altar, terá a tristeza de ver, no lugar dêle, o irmão, porque o pai estará ao lado «da outra».

DEPOIS de, até então, ter feito um curso brilhantíssimo, nosso filho perdeu o ano, e o menorzinho passou cinco semanas no hospital com uma doença de caráter emocional, como a definiram os médicos.

PARA que prosseguir? Você não o compreenderia, com sua falta de ideal, de moral e de caráter, e com seu completo egoísmo e sua total indiferença para com as tragédias e sofrimentos que causou.

PARTICULARMENTE não a lamento. Alcançou o que queria: um homem maduro, bem de vida, que pode sustentá-la com todo o confôrto.

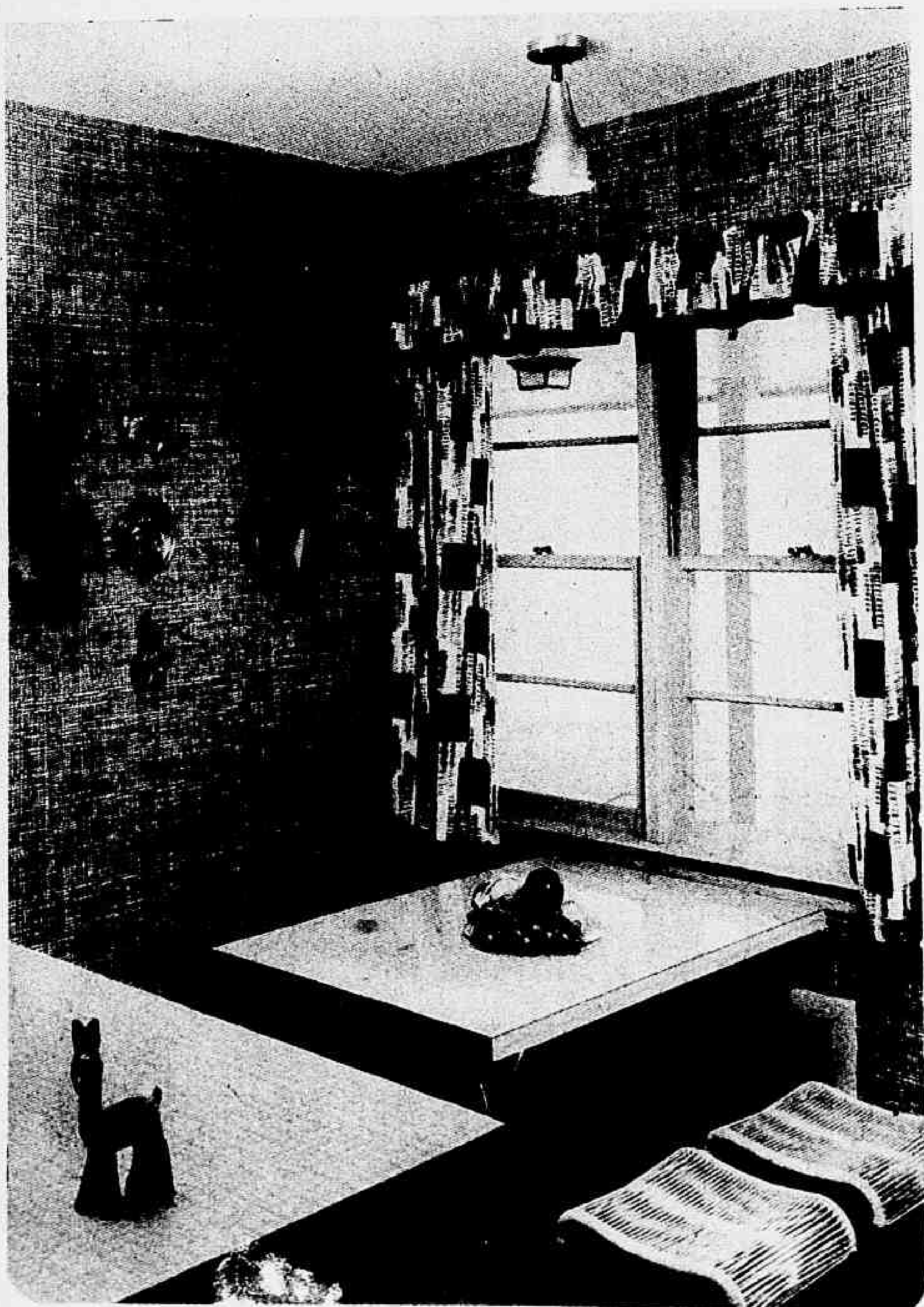


QUANTA coisa, porém, perdeu! Estou pensando nas maravilhosas experiências de vida de família, que nunca serão suas! Divorciada, com 30 anos e já tendo um filho de 12, provàvelmente, você e meu marido, não pensarão em ter filhos que levariam para sempre a mancha de bastardos. Há momentos encantadores que você nunca poderá recordar com êle! Quando nossa filhinha, ainda pequenina, beijava-me e ao pai antes de, pela primeira vez, ir ao colégio. Quando nosso filho mais velho recebeu o seu diploma do curso secundário, e quando a menina dançou com o pai a valsa de formatura! Quando o menorzinho representou a sua primeira peça no teatro da escola...

Poderia falar-lhe, também, de quando meu marido estêve doente por seis meses, logo que nos casamos, e eu voltei a trabalhar para equilibrar o orçamento doméstico. Oito horas por dia passava-as num escritório, dava aulas à noitinha, e tinha, ainda, o trabalho de casa para fazer. No entanto, nem um só dia deixei de visitá-lo no hospital, após o trabalho, ainda que ficasse muito fora de mão.

E, quando êle ficou desempregado, o nosso esfôrço mútuo, batendo de porta em porta, para conseguir-lhe um novo emprêgo? Tenho pena de você, «outra mulher», quando penso em tôdas as bonitas experiências vividas por mim e por êle e que vocês nunca poderão repetir!

Que estará você fazendo enquanto rezo, pedindo a Deus para que o faça voltar? Voltará êle algum dia? Ouvi dizer que quando muito se ama se esquece e se perdoa. Algum dia, «outra mulher», pode ser que eu me esqueça também que você existiu e, mais ainda, que venha a compreender «porque» entrou em minha vida. Algum dia — não agora.»



SUGESTÕES PARA O LAR

DIA a dia se acentua o sentido prático da decoração do lar. Mesinhas simples, fáceis de se limpar, cortinas estampadas, cadeiras de fibra lavável, tudo isso é exigido pela dona de casa, a fim de que seu trabalho seja suavizado ao máximo. O tempo em que se podia ter um exército de criadas, para se limpar o pó das complicadas peças de madeira entalhada, já passou.

● Vejam a sugestão da fotografia, para um recanto de refeições. Tudo simples, tudo lavável. A mesinha e o balcão, no primeiro plano, são inteiramente recobertos com «fórmica» — uma matéria plástica em que o calor não deixa marcas. Em fórmica, porém, num outro desenho, é, também, forrada a parede. Com um pano húmido, pode-se limpar tanto uma como a outra.

● Cortina estampada, combinando, pelo colorido, com a côr da parede. Nesta foram pendurados dois jarrinhos de cerâmica com uma batata doce dentro, que se desenvolveu em bela folhagem; e um conjunto em cobre, muito decorativo. Banquetas sem encôsto, em palhinha lavável, em vez de cadeiras. Não é um recanto agradabilíssimo para as refeições? — Nike.

COM um
ocupand
tos, você é
um pouco
entanto, pa
bem do pe
via ser assi
que a ajud
rência.

AS MÃOS
nitas e ta
quando em
da pele do
sempre qu
ça, unte, t
zendo-lhes

SE UM
tos afazer
rada ou tr
do bebê.
palma do
umidade.

SUAS U
tadas cur
que não
não mac
lhes uma
manhãs.
maiorzinh

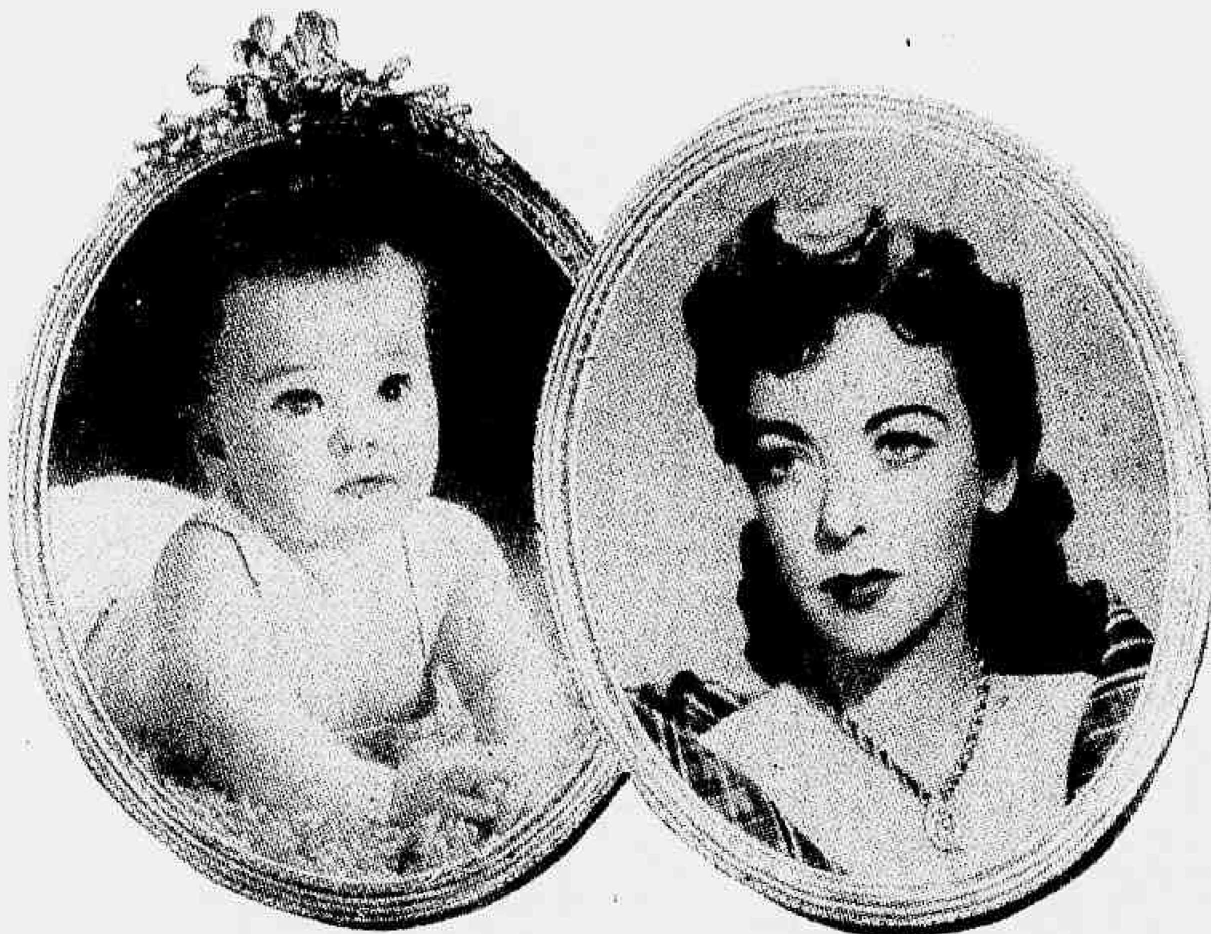
★★★

● Não s
você par
pescoço

Lave-os
fregue-o
falto. Ao
os mesm



UM POUCO DE BELEZA



Sua beleza e o bebê

COM um novo bebê em casa, ocupando todos os seus minutos, você é levada a se desleixar um pouco de sua aparência. No entanto, para o seu bem e para o bem do pequerrucho, isso não devia ser assim. Eis alguns conselhos que a ajudarão a manter boa aparência.

AS MÃOS macias são mais bonitas e também mais agradáveis quando em contacto com a delicada pele do bebê. Para amaciá-las, sempre que passar óleo na criança, unte, também, suas mãos, fazendo-lhes rápida massagem.

SE UM dia de calor ou de muitos afazeres você estiver encalorada ou transpirando, use o talco do bebê. Um pouco de talco na palma das mãos tira tôda a umidade.

SUAS UNHAS deverão ser cortadas curtas, nessa época, para que não se quebrem e também não machuquem o bebê. Passe-lhes uma lixa nas bordas tôdas as manhãs. Quando a criança estiver maiorzinha use esmalte vermelho, será para ela um motivo de distração quando você lhe der comida ou vesti-la.

SEUS CABELOS estão muito ressecados? Um pouco de óleo para a pele do bebê será ótimo, também, para conservá-los macios e brilhantes. Use um pouquinho, e depois espalhe, escovando os cabelos muitas vêzes. Faça um penteado simples, que esteja sempre arrumado.

PARA SUA segurança e do bebê é conveniente que você use em casa sapatos confortáveis, que lhe dêem firmeza no andar.

QUANDO TIVER alguns minutos para se sentar (ao dar de mamar ao bebê, por exemplo), tire os sapatos e extenda as pernas. Rode os pés algumas vêzes, para a direita e para a esquerda, num movimento circular. Descansará muito os pés assim. Sempre que se sentar, coloque os pés no alto, em cima de uma cadeira ou banquinho.

NÃO DEIXE de tomar sempre o seu banho diário.

A máxima higiene de sua parte é necessária, para seu confôrto e para o confôrto do bebê. — **Júlia de Milo.**



CUIDE DO PESCOÇO

● Não se ocupe apenas com a beleza da pele do seu rosto. Para que você pareça sempre rejuvenecida e viçosa, é preciso que também o seu pescoço tenha a pele lisa, clara e sem rugas.

Lave-os todos os dias com água, sabão e uma escova ou esponja. Esfregue-o bem, pois aí se acumula, em geral, a poeira das ruas e do asfalto. Ao fazer o seu tratamento de beleza do rosto, aplique no pescoço os mesmos cremes.

DIVERSOS

● Use o seu aparelho gilete uma vez por semana, pelo menos, para retirar o pêlo das pernas. A fim de evitar que os pelos cresçam grossos, quando tomar o seu banho diário estregue nas pernas uma pedra pomes suave.



SE SUAS costas são cheias de cravos ou encardidas, experimente passar a seguinte loção — depois de tê-las lavado com água e sabão e uma escôva, e secado bem: 100 gramas de óxido de zinco; 100 gramas de glicerina; 1/4 de litro de água de rosas. Agite bem a preparação antes de usá-la. Deixe secar sôbre a pele.

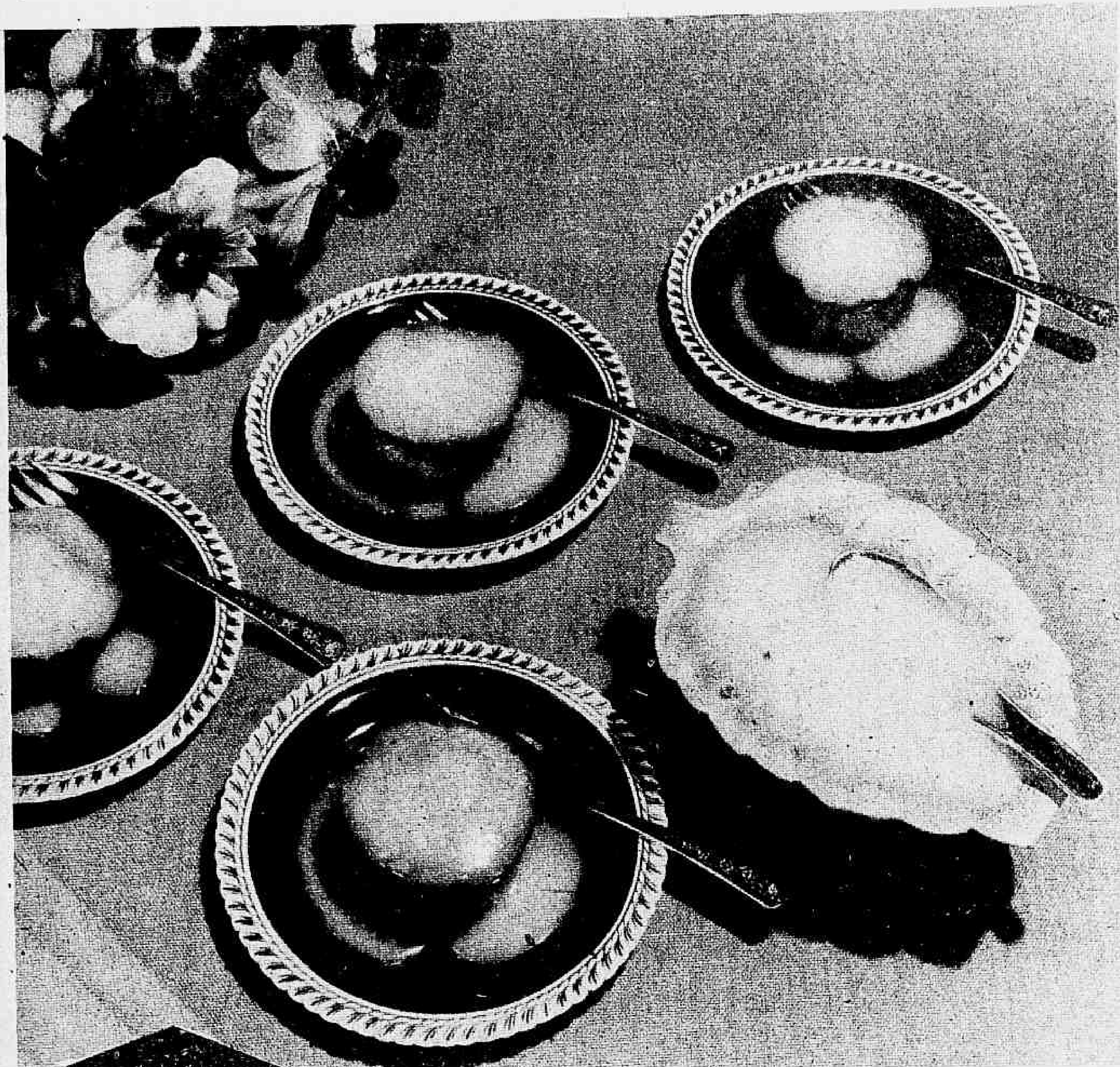
CÍLIOS E ARTIFÍCIOS



● Eve Miller (da Warner), nos faz uma demonstração de como usar cílios artificiais. Não tenha dúvida em dêles se valer, quando quiser aparecer com olhos mais sedutores, em ocasiões especiais. Sua aplicação é simples: Primeiro (à esquerda), enquanto os cílios ainda estão no papelão em que vêm, corte-os numa dimensão moderada, e a seu gôsto. Use uma tesourinha de unhas para isso. Depois (à direita) de ter pôsto uma fina camada de cola de borracha líqüida, na parte dos cílios que deve ser colada sôbre a pele, aplique-os delicadamente — usando o cabo de um pincel para ajeitá-los, bem no lugar, sôbre a linha dos cílios superiores.



Um pudim de laranja rápido? O segrêdo está no môlho de caldo de laranja, que converte simples bolinhos em delicioso pudim. Experimente e será, daqui por diante, a sobremesa predileta das crianças. — TIA DULCE.



PUDIM DE LARANJA

(RÁPIDO)

INGREDIENTES

- 1 colher, das de sopa, de maizena
- 1/4 de xícara de água fria
- 1 pitada de sal
- 1 xícara de caldo de laranja (um pouco ácida)
- 3 colheres, das de sopa, de açúcar
- 1/4 de colher, das de chá, de canela em pó
- 2 colheres, das de sopa, de manteiga ou margarina
- 6 bolinhos, quentes.

MANEIRA DE FAZER

1. Ponha a maizena numa panela. Junte a água fria e misture, até formar uma pasta bem unida. Junte o sal. Acrescente o caldo de laranja.
2. Ponha a mistura em fogo moderado, e cozinhe, até começar a ferver. Tire a panela do fogo.
3. Junte a canela e a manteiga (ou margarina) e misture, até que fique tudo bem ligado.

Sirva o creme quente, sôbre os bolinhos também quentes.

WEEK-END NA COZINHA

NHOQUES DE FARINHA

INGREDIENTES

- 50 gramas de manteiga
- 1 copo de leite quente
- 1 copo de água quente
- 2 colheres, das de sopa, de queijo parmezão ralado
- 2 colheres, das de sopa, de queijo creme
- 6 colheres, das de sopa, de farinha de trigo
- 2 ovos
- Sal a gôsto.

MANEIRA DE FAZER

1. Derreta a manteiga, com sal, **numa caçarola. Junte a farinha de trigo, e misture, deixando cozinhar 3 minutos apenas.**
2. **Acrescente o leite e a água quente (aos poucos), mexendo bem até engrossar, formando um mingau meio duro. Não pare de mexer, para que não encaroce.**
3. **Deixe esfriar um pouco, junte os ovos e os queijos. Quando a massa estiver bem fria faça, com a mesma, bolinhas pequenas, e cozinhe como os nhoques de batatas (jogando em água fervendo ou caldo de sopa).**
4. **Arrume em um prato que possa ir ao forno, ponha por cima pedacinhos de manteiga, cubra com um bom môlho de tomate, uma boa camada de queijo parmezão ralado, e leve ao forno para corar. Sirva bem quente.**

CONSELHOS ÚTEIS

★ *Cozinhe as vagens com cebola picadinha e tempere com sal, pimenta do reino, manteiga e pedacinhos de queijo. Verá que prato suculento!*

★ *Para que os biscoitos se conservem bem, ponha-os num recipiente hermèticamente fechado, dentro da geladeira.*

★ *Para tornar um pouco picante o queijo creme, tempere-o com mostarda, pimenta do reino e môlho inglês. Ótimo para sanduíches.*

★ *Cole um pedaço de borracha no fundo da tijela que usa para bater bôlo. Assim, ela não escorregará nem deslisará.*

★ *Melhore a salada de batatas, acrescentando-lhe cebolinhas verdes e presunto picado. Tempere com um pouco de vinagre.*

Copaca
indiana

Report

NOV.
India
Ainda
alto d
O pla
espéci
entao.
longín
maior
o tere
das m
persist
e das
esta s
sistem
civiliz



Copacabana? Leblon? Flamengo? Não: uma moderna avenida na cidade indiana de Bombaim, cujo nome é «Queen's Road». A influência européia ou norte-americana se manifesta nos imensos edifícios, constrastando, violentamente, com as vestes típicas usadas pelos transeuntes.

A ÍNDIA SEM INGLÊSES...

AS MULHERES CONQUISTARAM UM LUGAR AO SOL ★ PROTESTO CONTRA O COLONIZADOR: A MORTE SOB LOCOMOTIVAS ★ CIVILIZAÇÃO COM MAIS DE 7.000 ANOS RESISTE AO TEMPO ★ SEMPRE VEDAS E UPANISHADA ★ 361.000.000 DE HABITANTES E CENTO E SETENTA E SEIS MILHÕES DE ELEITORES ★ LEMBRANÇA DE GANDHI.

Reportagem de RAM CHANDLER ★ **Fotos de PANDI PARLON**

NOVA DELHI (Via Aérea) — Há evidência na Índia de uma civilização com mais de 7.000 anos. Ainda existem hoje, monumentos que testemunham o alto desenvolvimento da arte naqueles dias distantes. O plano das cidades dá a impressão que alguma espécie de lei municipal ou contrôle central, já existia entao. De fato, a Índia alcançou naquela época longínqua um enorme adiantamento. O que é de maior importância, porém, não é o terem existido, mas o terem concebido idéias que deram origem a uma das mais profundas filosofias do mundo, e que ainda persiste, apesar do contacto com o mundo exterior e das invasões e domínio estrangeiro. Certamente esta sobrevivência já mostra a fôrça inerente a êstes sistemas e que provàvelmente faltaram às outras civilizações.

A literatura dos tempos antigos, escrita há três mil ou quatro mil anos, ainda está viva, é lida e estudada na Índia. As artes indianas, música, dança, pintura, etc., encontram a sua base nesses dias antigos, e, estão tão vivos hoje como ontem. Os primórdios da música indiana se perdem na névoa da antigüidade. Há evidências provando que mesmo nos tempos pré-históricos a música era uma arte altamente desenvolvida na Índia, e era estimada como tesouro por reis e fidalgos. Muito antes da era cristã, desenvolvera leis definidas sôbre teoria e interpretação, e mesmo extensas teorias sôbre crítica e apreciação. A mesma base continua a guiar a música indiana nos dias atuais. Há na Índia mais de 500 instrumentos musicais, de origem genuinamente indiana.

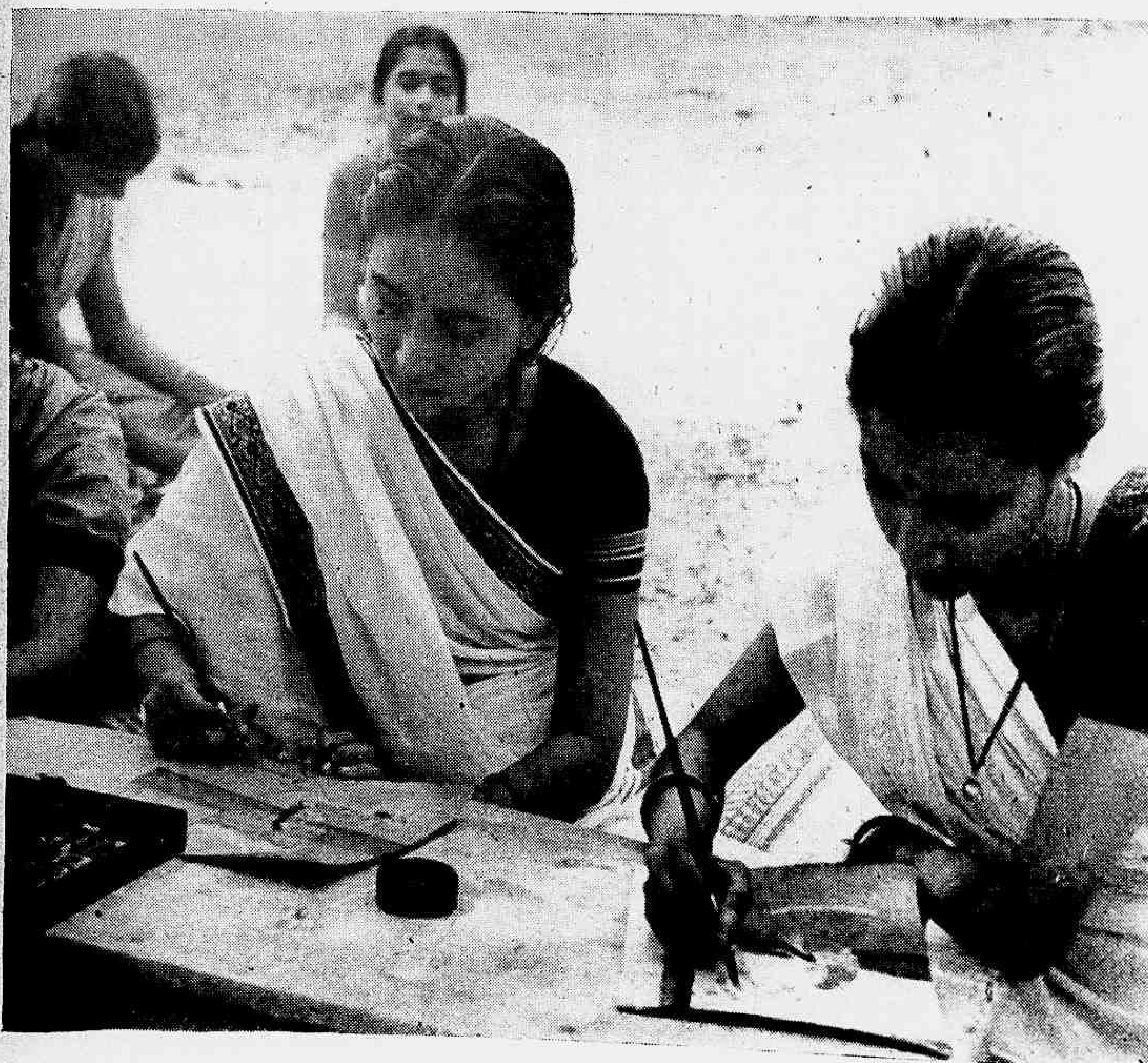
Quanto à dança, a considerada como clássica encon-



Não se trata de desfile de circo. Êste elefante pertence ao cortejo de um dos muitos marajás da Índia, dêsses nababos bastante opulentos.



Não há país neste mundo, que possa competir com a Índia em riqueza folclórica, através de suas tradições multi-milenárias. Aqui vemos um grupo de belas mulheres de Punjab, cantando canções do vasto e aplaudido folclore nacional, sendo acompanhadas por um Dholak.



O estudo das artes é dos mais freqüentes e populares entre as jovens e estudiosas indianas, como demonstra esta foto com diversas alunas de Shri Rukmani Dovi's Kakakshetra, em Madras, fazendo complicados esboços, cada qual procurando dar mais beleza ao seu trabalho.

tra-se altamente desenvolvida e constitui lin
fácil compreensão. Nela, gestos e efeito
grande importância, expressando quaisque
ou emoções. Sua linguagem tem a elo
poesia e não a eloqüência realista da p
sugestões, mas nunca imitações. Lembram
lidade, mas nunca afirmam. Existem na
ou quatro Escolas de dança clássica,
oriundas das mesmas bases. Sua teoria
provém de fontes milenares.

No campo da arquitetura, há construçõe
templos da gruta de Ajanta, que foram
há mais de 2.000 anos. Há templos enorme
na rocha. Algumas das pinturas encont
paredes dessas grutas, e as esculturas
restam, continuam sem igual pelo seu vigor

Nos dias que correm, não obstante a
tornado uma república democrática moderna
milhões de eleitores inscritos, o modo pe
povo encara a vida, é fundamentalmente
Tratores substituíram os velhos arados pu
bois, aviões tomaram o lugar de antigos
meios de comunicação, cidades novas e
surgiram através do país obedecendo a linh
nas. O fato permanece, porém, que o po
continua apoiado na civilização dos Vedas
nads, que datam de milhares de anos.

O próprio método através do qual, sob a
de Gandhi, o país conseguiu a sua indep
é prova do pouco efeito que o modo
ocidental teve no país. A luta pela inde
foi realizada sem violência. Os planos
principalmente em uma completa não-cooper
o Govêrno, causando assim a completa p
de tôda a maquina administrativa. Como
cia, os indianos se recusaram a pagar im
govêrno britânico, recusaram-se a utilizar
ções britânicas, não compravam artigos e
deliberadamente desobedeciam tôdas as leis
e faziam o possível para serem presos e,
neira, lotavam as prisões; deitavam-se
trens, e muitos morreram, com o intuito de
os sistemas de transporte. A repressão
foi violenta, mas em vista de uma não-co
tão obstinada, e da completa paralisação d
governamental, os estrangeiros não tive
escolha senão abandonar o país.

ÍNDIA NOVA

O que mais impressiona, porém, ao estran
agora visita a Índia, é o extraordinário prog
o país conseguiu realizar nestes cinco anos
pendência. Quando os britânicos partiram,
um país dividido e empobrecido pela e
estrangeira e a braços com imensos probl
siderados, por muitos, como impossíveis
solucionados. Hoje, o país se ergue como u
unida, com planos definidos para o futuro e
mais sólidas economias do mundo. O Pla
qüenal para o desenvolvimento econômico p
por alguns dos homens de maior capacidade
está sendo realizado mais depressa do que
lecido no prazo. Em sòmente 5 anos de indep
o país está produzindo seus próprios na
planos, locomotivas, fertilizantes, automóveis
diesel, tecidos, equipamento elétrico, etc.,
desenvolvendo com rapidez várias outras
Nada menos que 135 projetos para irrigação e
de energia hidrelétrica, estão em plena
e dentro em breve estarão recuperando zona
e fornecendo energia a novas indústrias.
projetos incluem-se entre os maiores const
mundo e um dêles será o maior quanto ao
mento da fôrça da gravidade. Depois de
irrigarão 16 milhões de acres e fornecer
2 milhões de k.w.

Todos êstes enormes planos estão sendo
tados, mas ninguém pense que isto afasta
de sua própria filosofia. Enquanto estas o
sendo realizadas, cuida-se zelosamente do g
de uma nação com 361 milhões de habitant

A MULHER

A Constituição proíbe qualquer discrimi
seada em diferença de sexo.

O homem e a mulher têm na Índia, direi
para se candidatarem a eleições parlame
ocupar altos cargos no funcionalismo públic
pela independência, por exemplo, as mulhere
[illegible] a serviços sociais, auxiliand
[illegible] estava na prisão, mas



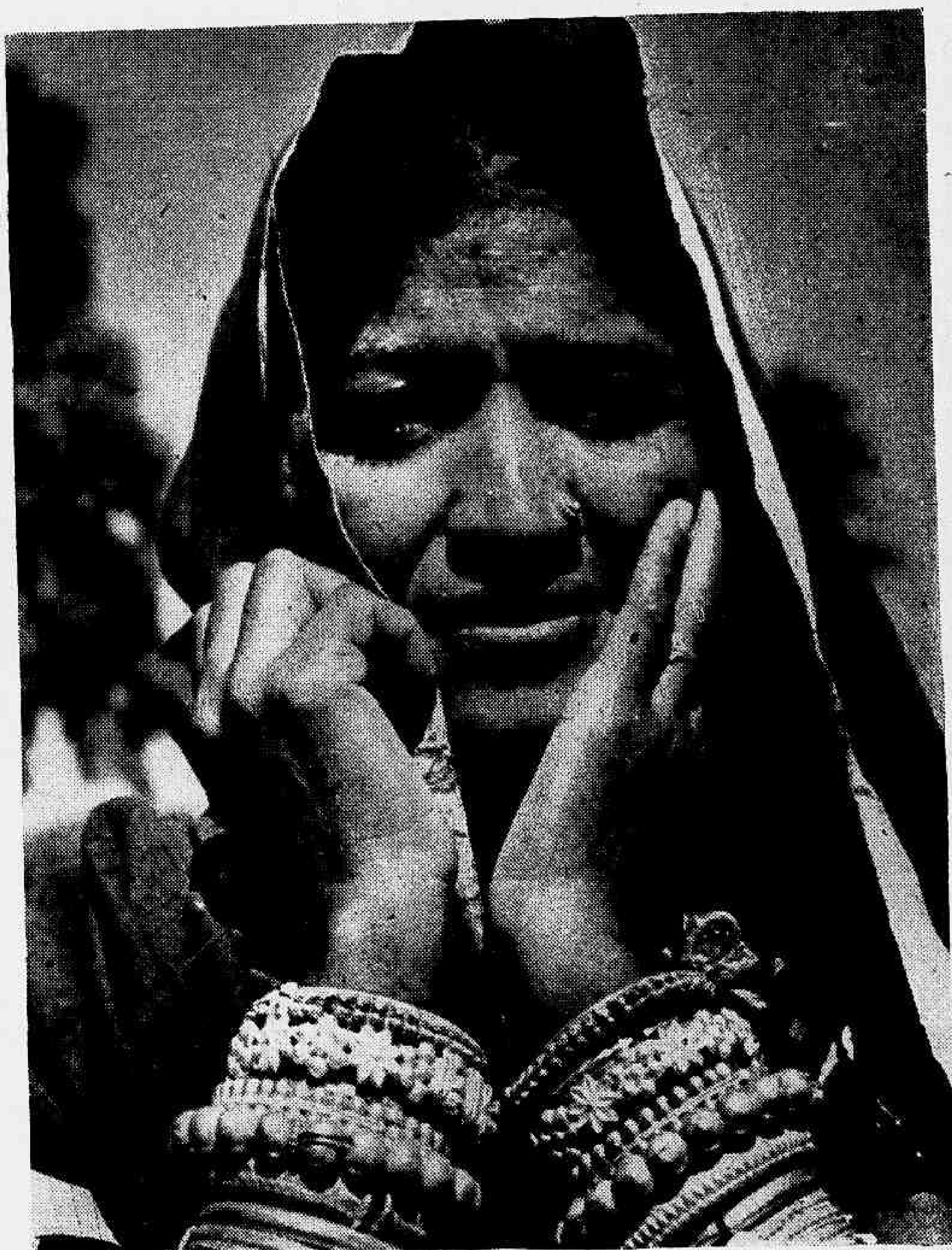
cultura científica é bastante intensa nas Universidades indianas. qui está uma jovem fotografando micróbios, para os necessários estudos.



A dança indiana é interpretativa e rica de motivos históricos. Aqui vemos a dançarina Tara Chaudhri, numa dança de sua interpretação.



A influência ocidental nos esportes tornou-se uma realidade. Vejam esta jovem numa competição natatória em Nova Delhi, no ano de 1952.



Os estrangeiros não cansam de admirar os indumentos nativos. Esta é uma indiana da localidade de Hydradad, tipicamente enfeitada.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 71

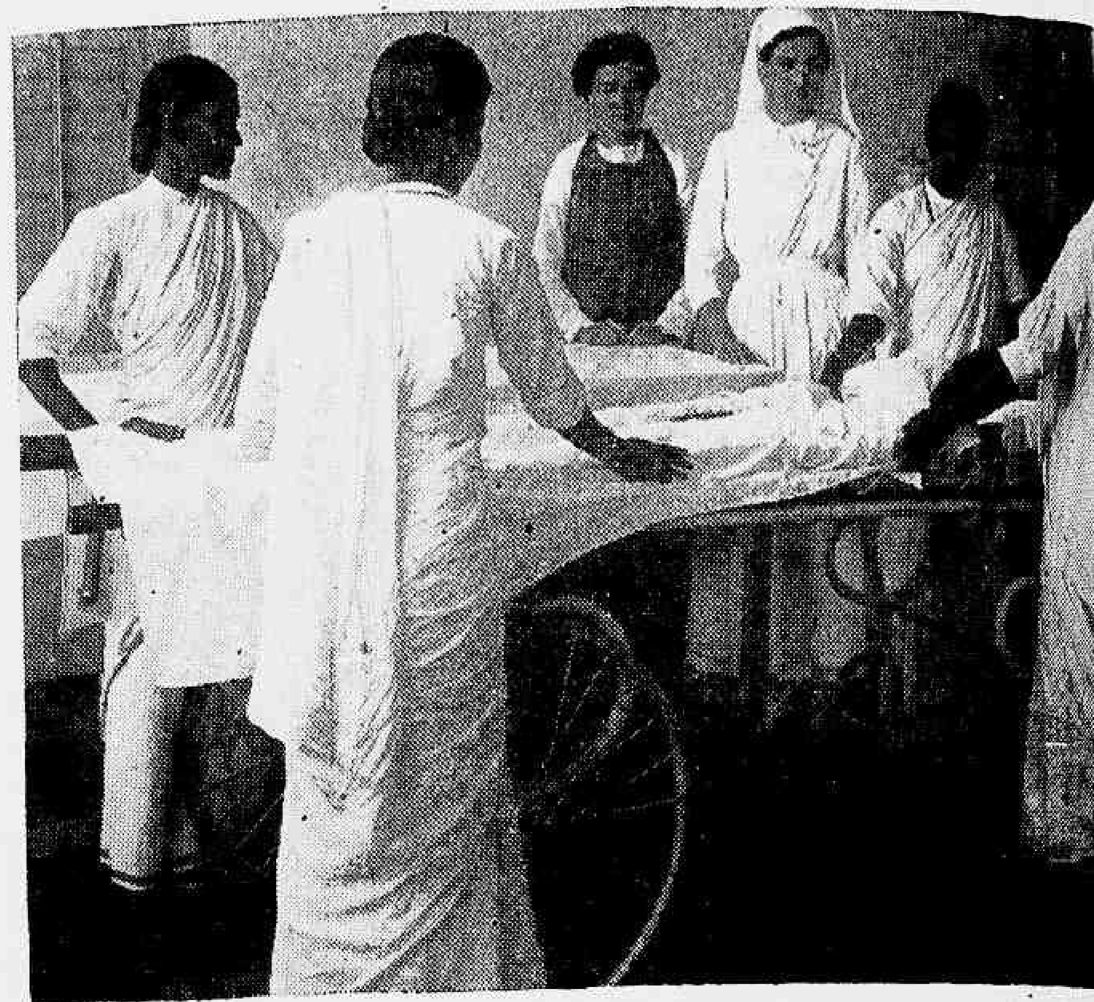
A	Nem sólido, nem gasoso →	19	2	149	31	121	138	158
B	Que se cobriu →	48	139	17	115	5	102	77
C	Os que não trabalham →	91	1	15	117	66	147	82
D	Pêjo; pudor →	64	8	134	153	80	■	■
E	Viscoso; xaroposo →	141	100	70	4	11	98	87
F	Oculte →	88	104	79	112	32	10	68
G	A rubiácea que dá ouro para o Brasil →	83	156	61	7	■	■	■
H	Fendas; lacunas →	44	23	59	74	97	152	■
I	O tempo passado →	108	3	24	84	94	■	■
J	Possuíram →	105	25	71	125	111	96	30
K	Ordenam →	88	54	40	28	103	157	■
L	Consertam →	81	67	151	43	33	135	122
M	Abastecidas; armadas →	85	35	154	69	53	120	148
N	Gênios das águas →	20	86	57	72	101	123	146
O	Arraia-miúda →	143	45	62	119	■	■	■
P	Sacerdotes muçulmanos →	90	38	52	126	110	27	■
Q	Carícias →	42	99	133	124	26	73	■
R	Teve sonhos →	140	29	56	114	75	93	■
S	Época geológica →	106	92	49	136	58	■	■
T	Divindades mitológicas →	50	150	36	65	22	■	■
U	Cobrem os peixes →	46	21	95	37	127	137	118
V	Objeto chato e circular (pl.) →	116	145	16	107	34	159	■
W	Velhos →	129	109	39	12	55	76	■
X	Jogamos; atiramos →	41	6	113	142	13	63	■
Y	Respeitam →	14	132	128	51	144	9	■
Z	Gestos combinados; sinais →	60	18	47	155	131	78	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Transportam-se depois as letras das palavras achadas para o quadro de baixo, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e trazem os sinais de pontuação.

G 1	A 2	I 3	E 4	B 5	X 6	■	G 7	■	D 8	Y 9	■	F 10	E 11
W 12	■	X 13	Y 14	C 15	Y 16	■	B 17	Z 18	A 19	N 20	U 21	■	T 22
H 23	I 24	J 25	Q 26	P 27	■	K 28	R 29	■	U 30	A 31	F 32	L 33	V 34
■ ,	M 35	T 36	U 37	■	P 38	W 39	K 40	X 41	Q 42	L 43	H 44	O 45	■
U 46	Z 47	B 48	S 49	T 50	Y 51	P 52	M 53	K 54	■ ,	W 55	R 56	N 57	S 58
■	H 59	Z 60	■	G 61	O 62	X 63	D 64	T 65	C 66	■	L 67	F 68	M 69
E 70	■	J 71	N 72	Q 73	H 74	R 75	W 76	B 77	Z 78	■	F 79	D 80	L 81
C 82	G 83	I 84	M 85	■	N 86	E 87	■	K 88	F 89	P 90	C 91	■	S 92
R 93	I 94	■	U 95	J 96	H 97	E 98	■	Q 99	E 100	N 101	B 102	K 103	F 104
J 105	S 106	Y 107	I 108	■	W 109	P 110	■	J 111	F 112	X 113	R 114	B 115	V 116
C 117	U 118	■ .	O 119	■	M 120	■	A 121	L 122	N 123	Q 124	J 125	P 126	■
U 127	Y 128	W 129	X 130	■	Z 131	Y 132	Q 133	D 134	L 135	S 136	U 137	■	A 138
B 139	R 140	■	E 141	X 142	O 143	Y 144	V 145	N 146	C 147	M 148	■	A 149	T 150
L 151	■	H 152	D 153	M 154	Z 155	G 156	K 157	A 158	V 159	■	Otaner-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 70 — A. GRIECO. S. FRANCISCO DE ASSIS. "Os campos exalam a frescura das grandes searas e das videiras floridas, rescendem a pão e a vinho, coisas tão santas que compõem todo o sacramento da eucaristia".

A ÍNDIA SEM INGLÊSES



Costumes e tipos da lendária Índia. Enfermeiras da Sociedade Mi... nária Metodista da moderna cidade de Madras, com um recém-oper...

frentes de combate. O heroísmo demonstrado pelas mulheres, em geral, sofrimentos intensos, levou-as a merecer homenagens de homens como o Mah... Gandhi. Pouco depois da independência, as mulheres se dedicaram, junto co... homens, à tarefa de reconstruir o país. Muitas foram eleitas para a Assem... Constituinte que elaborou a nova Constituição. Outras foram nomeadas cargos de enorme importância. A sra. Vijayalakshmi Pandit foi embaixadora... Índia em Moscou e mais tarde em Washington e, recentemente, foi escolhida... líder da delegação da Índia nas Nações Unidas. A grande poetisa Sa... Naidu, tornou-se governadora de Uttar Pradesh, o maior estado da Índia... Kumari Amrit Kaur é ainda Ministro da Saúde da Índia, e trabalhou como presi... da Organização Mundial de Saúde. Grande número de mulheres ocupam o ... de Ministro nos Governos Estaduais da Índia, e as delegações a Conferê... Internacionais têm incluido uma alta proporção de mulheres. A Fôrça Po... Feminina iniciada em alguns estados, tem dado bons resultados e seu trab... nas tarefas menos árduas do policiamento, tem sido muito elogiado. Hoje... mulheres são encontradas nos mais diversos ramos de atividade. Há mul... juízes, advogadas, médicas, enfermeiras, cientistas, jornalistas, negociantes... na direção de companhias particulares ou de repartições do Govêrno. Estão ... bem representadas no serviço diplomático indiano. Tomam parte ativa nos es... e campeonatos. Recentemente, a senhorita Prem Thapar, venceu a «Corrida ... da Índia», derrotando os homens por ampla margem.

Nos assuntos culturais, também desempenham papel importante. Escritoras ... Satyavati Malik, Shanta Nag e Sita Devi Chaudhuri, encontram um vasto p... para as suas obras. Pintoras como Amrita Sher Fill, que faleceu há algum ... era um dos melhores pincéis da Índia. É quase desnecessário mencionar ... papel na dança, teatro e cinema, exceto, talvez, para dizer que os seus ... só são excedidos pelos de Hollywood. No cinema aparece uma Amala. ... uma Índia sem elefantes, sem faquires tocando gaita para as serpent...



A Índia também possui o seu Portinari, o pintor Prannath Mago, e o seu quadro ao qual deu o nome de «O Contador de Histórias». Gos...

OITO

Melita apo... lado da por... absurdamente... ivado, a ru... No Moinho... As freguesas... savam de fo... atendia — ... parecia brinc... massa que ... E, destacand... negra, com l... r crescendo, ... nacessível p...

«OITO

Melita pres... acontecia ne... em quando ... perguntando ... — Quem ... partido?

E, no intir... de que não ... desse o e... marcado, co... da casa cor...

O bulício... chas cha... mpulsionava... odos ali fal... udo parecia... hada musica... branco.

Súbito, en... se a presen... que dava, ... fazia com ... ambia, ent... Ao chegar, ... sobressaía.

A empreg... — Quanto... dê o dinhe...

A garotin... deu-lhe a ... partido e s...

— Vale o...

— Claro ... Com ela ... massa.

Enquanto... outras freg... dente olhar... que não t...

Já estava... sava cheg... «O ôvo d... oito centav... hoje não t... Veja!».

Sentado ... o seu irmã... compungido...

— Mamã ... curou você...

— Fui co... da minha ...

— Foi, ... porta do ... Topetuda ...

A menin... agora, ha... vazio e — ... palavra —...

Militar. N... tado-Maio... com o E... novos ca... dos e um... neral e ... pasta do... então. Fô... assegura... de Resta... organiza...

Uma v... general ... sentou s... Presiden...

OITO CENTAVOS

(Cont. da pág. 19)

Melita apoiou-se numa parede, ao lado da porta do Moinho, procurando absurdamente colar, com um dedo ensalivado, a ruptura irreparável.

No Moinho, o movimento era contínuo. As freguesas formavam fila, não cessavam de falar. A empregada que as atendia — de cara risonha e feliz — parecia brincar com a enorme bola de massa que descansava sôbre o balcão. E, destacando-se do conjunto, na pedra negra, com letras brancas, que pareciam ir crescendo, crescendo, preço já agora inacessível para a menina:

«OITO CENTAVOS O QUILO»

Melita prestava atenção a tudo o que acontecia nesse lugar. Só de quando em quando observava os que passavam, perguntando a si própria, desconsolada:

— Quem poderá comprar êste ôvo partido?

E, no íntimo, convencia-se plenamente de que não haveria ninguém que lhe desse o equivalente ao que estava marcado, com alvaiade, no quadro negro da casa comercial.

O bulício tornava-se ensurdecedor: o chas chas da correia mecânica que impulsionava o motor fazia com que todos ali falassem em voz alta; às vêzes, tudo parecia quebrar-se com a gargalhada musical da empregada de gorro branco.

Súbito, entre os que faziam fila, notou-se a presença de Melita. Cada passo que dava, aproximando-se do balcão, fazia com que se sentisse nervosa, e cambia, então, a boquinha exangue . . . Ao chegar, apenas a sua cabeça se sobressaía.

A empregada observou-a, sorrindo.

— Quanto quer, freguesinha? . . . Me dê o dinheiro, para eu saber.

A garotinha, na ponta dos pés, estendeu-lhe a mão, mostrando o alvo ôvo partido e sussurrou:

— Vale oito centavos, não vale?

— Claro que vale! Me dê a «bolada»! Com ela você me paga o quilo de massa.

Enquanto lhe fazia o embrulho, as outras freguesas comentavam o incidente olhando com simpatia a menina, que não tirava os olhos da vendeira.

Já estava ficando tarde e ela precisava chegar e dizer a Mamã Lala: «O ôvo de minha Topetuda «valeu» oito centavos. E a senhora disse que hoje não tínhamos nem para a massa. Veja!».

Sentado à entrada do cortiço estava o seu irmão, que, ao vê-la lhe disse compungido:

— Mamã Lala vai te bater. Ela procurou você por tôda a parte.

— Fui comprar massa. Troquei o ôvo da minha Topetuda . . .

— Foi, não? Mas deixou aberta a porta do galinheiro e roubaram a Topetuda . . .

★

A menina olhou para o fundo, onde, agora, havia um lugar para sempre vazio e — sem acrescentar uma única palavra — começou a chorar.

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS

RECIBO DE TELEGRAMA

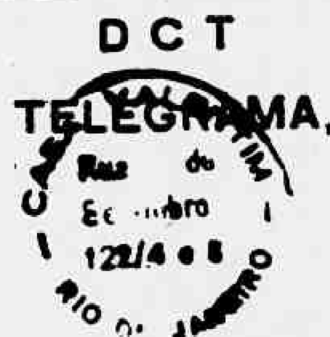
DESTINA-SE

ÀS FAMÍLIAS DO BRASIL



SERÁ PREENCHIDA PELO EXPEDIDOR

DCT TELEGRAMA



URGENTE

INDICAÇÕES EM SERVIÇO TAXADAS

ENDEREÇO

DESTINATÁRIO: FAMÍLIAS DO BRASIL

(Rua, avenida, etc.) (Bairro)

CIDADE: ESTADO:

(ou nome da estação móvel nos radiogramas) (ou nome da estação terrestre nos radiogramas)

HORA DA TRANSMISSÃO

INICIAIS DO OPERADOR

C.V.

TEXTO E ASSINATURA

REMETEMOS MAXIMA URGÊNCIA

SEU DESEJO ENVIANDO ROUPINHAS

PARA SEUS FILHINHOS



Casa Valentim

PEÇAM CATÁLOGOS — REEMBÔLSO POSTAL

EXPEDIDOR: CASA VALENTIM TELEFONE: 43-2423

RUA: 7 DE SETEMBRO, 122/24/28 — BAIRRO: RIO DE JANEIRO

FILIAIS: S. Paulo — P. Alegre — B. Horizonte

O PRESIDENTE ODRIA NO BRASIL

(Continuação da página 5)

Militar. No pôsto de tenente-coronel e com as funções de chefe do Estado-Maior da Primeira Divisão Ligeira, destacou-se no conflito armado com o Equador, sendo promovido ao pôsto de coronel. Após ocupar novos cargos e efetuar três estágios no exterior (dois nos Estados Unidos e um na Zona do Canal do Panamá), foi promovido ao pôsto de general e nomeado chefe do Estado-Maior. Em janeiro de 1947 assumiu a pasta do Govêrno e Polícia, mediante solicitação do Chefe de Estado de então. Fêz parte de dois gabinetes ministeriais e batalhou no sentido de assegurar a ordem social e as garantias constitucionais. No Movimento de Restauração Nacional passou a presidir a Junta Militar de Govêrno organizada, cujo escopo era a volta do país à constitucionalidade.

Uma vez preparada a nação para eleger livremente o seu govêrno, o general Odria renunciou à presidência daquela Junta Militar e apresentou sua candidatura nas eleições de 2 de julho de 1950, sendo eleito Presidente Constitucional da República.

Não podemos deixar de assinalar que esta é a primeira vez em que um Chefe de Estado do Peru pisa solo brasileiro em pleno exercício do mandato. Isto vem demonstrar cabalmente as relações de amizade entre os dois países irmãos que marcham, juntamente com as demais nações da América, para o progresso e a concórdia em nosso continente.

Muitos assuntos de interêsse imediato podem e devem ser tratados entre o Brasil e o Peru, destacando-se dentre êles o da política do petróleo, do aproveitamento da Amazônia, das pesquisas sôbre as verdadeiras nascentes do Amazonas, da intensificação do comércio entre ambas as nações pela rêde fluvial que, descendo dos andes peruanos, vem desaguar no Atlântico, atravessando imensa região do território brasileiro. Seria ainda da maior utilidade, que, entre Peru e Brasil, fôssem estabelecidas condições turísticas que viessem facilitar visitas recíprocas entre as duas nações, ambas possuindo panoramas naturais, culturais e históricos, do maior valor para a nossa civilização.

Os sócios e responsáveis pela continuidade e tradicionalidade de Alberto d'Almeida & Cia. Ltda.: srs. Alberto Correia Lopes, Manoel Pombo Figueiredo, d. Maria Rosa [illegible] Pinheiro, Antônio Duarte Netto e Antônio Soares Pinheiro da Silva, vistos da esquerda para a direita.

UM SÉCULO DE LABOR HONESTO E FECUNDO

COMO APRENDER A DANÇA

9ª EDIÇÃO AMPLIADA

MATA-SE EM CAIXAS A METRALHADORA

Sensacional!

ARABELLE a última sereia



John percebe que seu amigo Nat não liga a mínima importância ao seu protesto e, cheio de indignação por essa atitude, lhe arremessa o cartaz na cara.



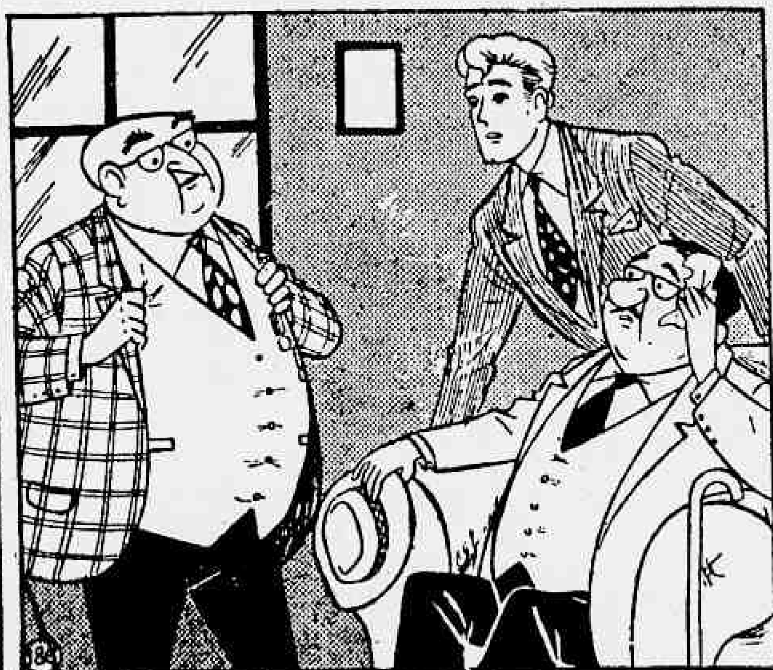
O jornalista sorri, enquanto John Bimbleton procura seu pai, a fim de saber do Chefe de Polícia o verdadeiro paradeiro de Arabelle.



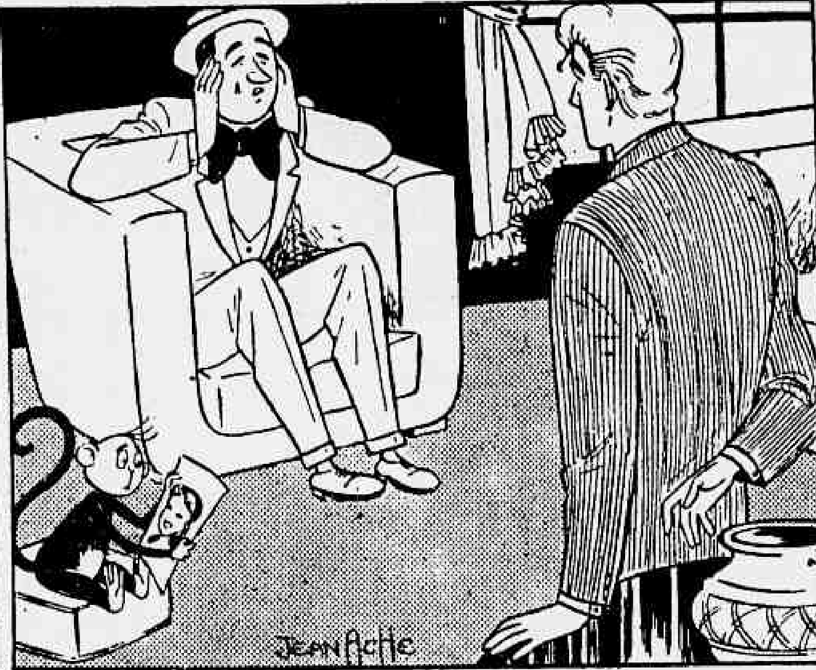
Mas, também, a autoridade não quer revelar nada. Bimbleton se irrita e, prêsa de grande estado nervoso, lhe diz as mais duras palavras.



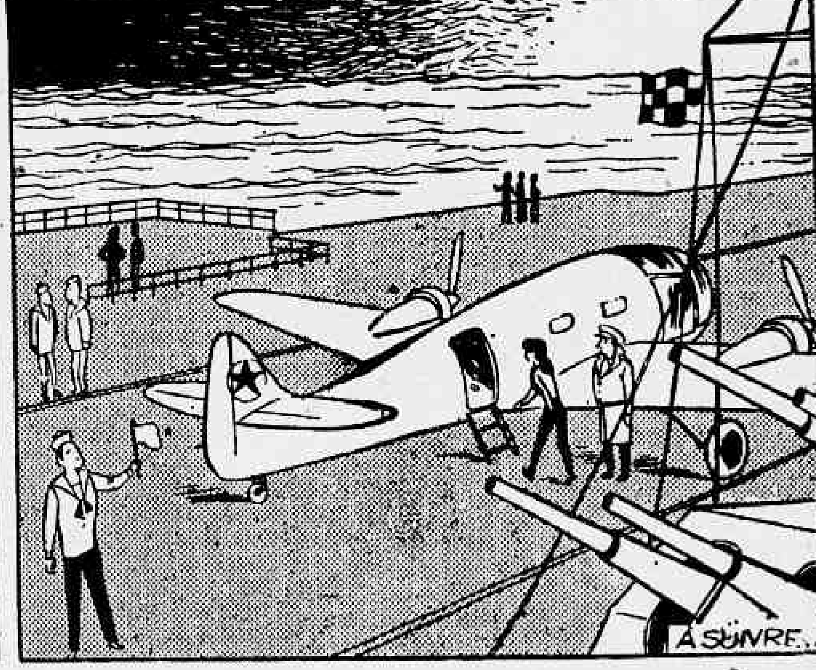
Finalmente, acossado pela cerrada ofensiva dos dois Bimbleton, seus velhos amigos, Pat, o Chefe de Polícia, vencido, resolve revelar o que há.



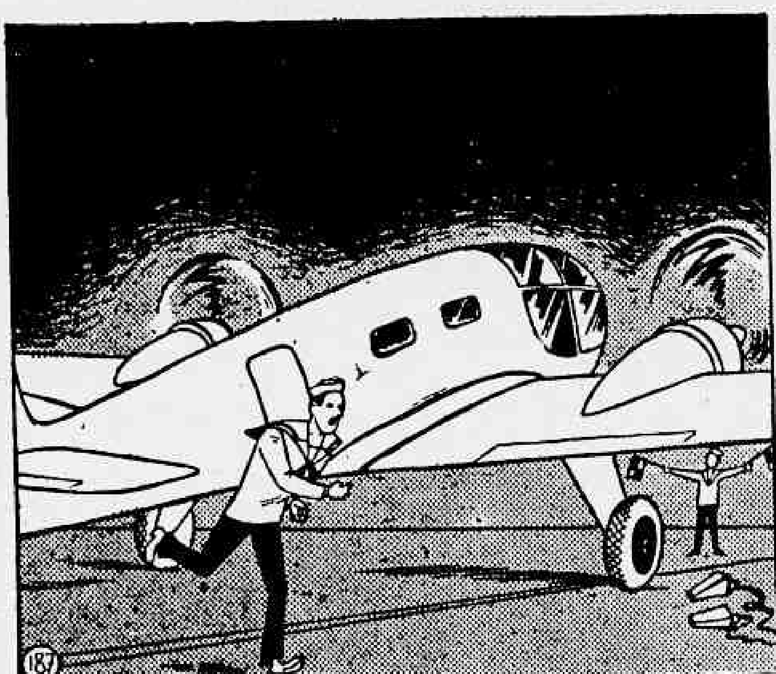
Sob a forte impressão que lhes deixou o relata minucioso do Chefe de Polícia, mister Bimbleton e o filho John, desolados com o destino da jovem Arabelle, tomam o caminho de casa.



John conta a «Flor-Azul» tudo o que ouvira acêrca da nova missão que foi confiada a Arabelle, agora «morta» para o mundo e sob a tutela do govêrno do país, que a incumbiu de um serviço secreto..



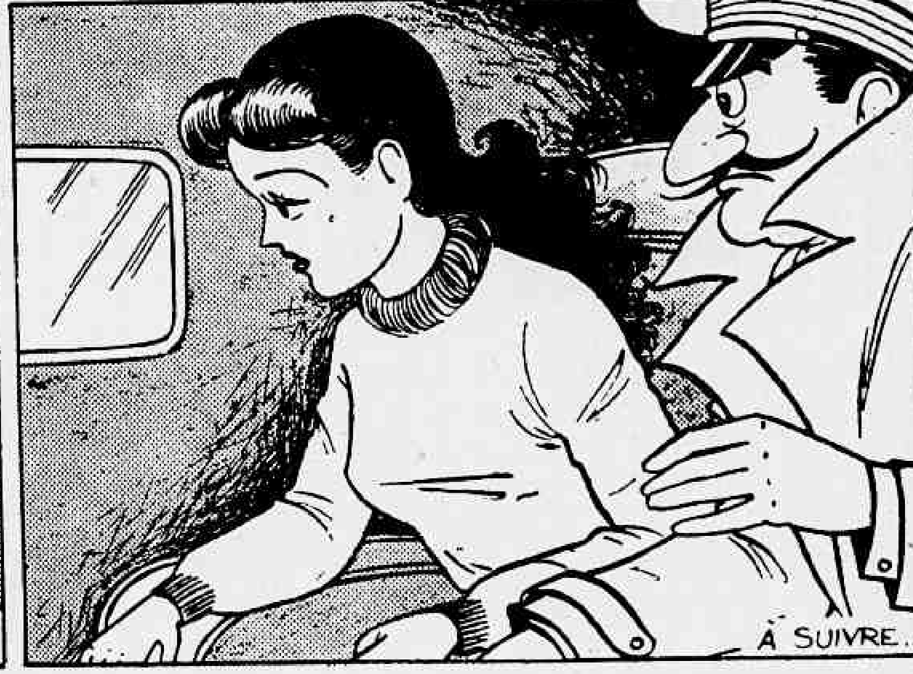
«Flor-Azul» não pôde conter as lágrimas, enquanto Arabelle era conduzida para bordo de um avião da Marinha de Guerra, no qual deveria seguir o seu destino, isto é, o desempenho de sua missão.



As hélices vibram a tôda velocidade. Os motores roncam. O comandante recebe as últimas ordens que lhe são transmitidas dentro dos planos prèviamente traçados para o longo vôo.



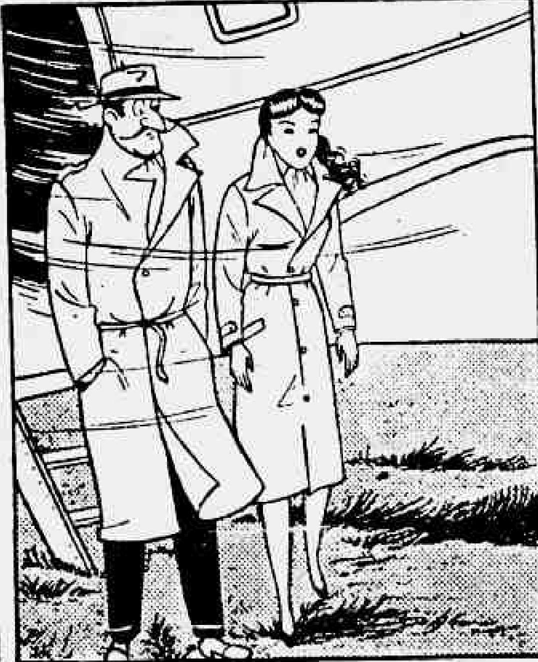
Súbito, o radiotelegrafista recebe nova ordem: «Mude o itinerário Mau tempo na zona A. X 27. Dirija-se a Xangai. O pilôto deixa transparecer a irritação que isso lhe causa.



Quando o avião subiu, o oficial que acompanhava Arabelle lhe perguntou: — «Você sabe atirar de revólver? Creio ser necessário e mesmo indispensável para uma pessoa encarregada de missão tão delicada e perigosa.»



Após uma viagem muito longa e bastante cansativa, e ter enfrentado zonas tempestuosas, chegou o avião, por fim, a um aeroporto.



O dia vem amanhecendo. Arabelle mal distingue as coisas. A seu lado, o companheiro de viagem lhe inspira inteira confiança.



Surge um nativo. E' o «X. 27», que sorri e os recebe, conduzindo-os, imediatamente, para um automóvel, que se acha dissimulado entre as árvores.



Arabelle está aflita. O carro em que viajam tem todos os vidros pintados de negro. A seu lado, para aumentar seu nervosismo, o companheiro empunha uma arma.

História de VANIA LAUREZ — Desenhos de JEAN HACHE



CAPITAL SOCIAL

3.000.000,00

(Integralizado)

Carta Patente n.º 146

Oferece o formidável

PLANO DE ECONOMIA

Série "C"

O plano Série "C" da Brazília além de ajudá-lo a cultivar o hábito sadio da economia, proporciona-lhe as seguintes vantagens:

a) — Prêmios de Cr$ 200.000,00; Cr$ 100.000,00· Cr$ 30.000,00; Cr$ 20.000,00; Cr$ 10.000,00, etc.

b) — Resgate por antecipação;

c) — Resgate por falecimento;

d) — Dividendos ou bonificações anuais;

e) — Seguros contra acidentes pessoais;

f) — Sugestões relacionadas a viagens, repousos ou excursões;

g) — Informações sôbre matéria de interêsse turístico;

h) — Reembôlso integral.

MENSALIDADE — 50,00

Peçam informações

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.

SEDE PRÓPRIA: **Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4.º pav.**

Agências e Sucursais em todos os Estados

TELEFONE: 43-3475

AS MÃOS DE OURO

(Cont. da pág. 25 do nº 35)

Como terá nascido essa idéia? perguntarão todos. E logo esclarecemos que Yves Joly descobriu que as mãos poderiam expressar ação, alegria e tristeza, por um acidente. No caos que sobreveio à Segunda Grande Guerra, êle organizou sua pequena «troupe» e começou a apresentar os espetáculos em troca de ovos, pão ou qualquer gênero alimentício que lhe dessem. Exibindo o número que consistia num tipo de capa e longos bigodes, calçando grandes luvas brancas, êle pôde sentir a reação da assistência aos movimentos rápidos de suas mãos. E novas idéias cresceram e surgiram em seu cérebro, criando assim o espetáculo único no gênero, que ora é apresentado aos cariocas na «Boite Beguin».

«Les Mains Jolies», êste o título original do espetáculo, compreende diversos quadros, que variam de lugar para lugar. Tanto pode ser apresentada uma luta de box, como um «ballet» clássico ou mesmo evoluções de algas, polvos e peixes no fundo do mar.

No Brasil, o conjunto está apresentando apenas quatro números, cada um com a duração aproximada de seis minutos. Assim, em «Arabesque», as mãos se movimentam num bailado original cujo estilo é capaz de fazer inveja a muito bailarino. Em «Paisagem Submarina», temos uma visão perfeita do que se passa no fundo do mar, com lutas entre peixes e polvos. Já em «Noturno na Praia», apreciamos um casal de enamorados num banho em trajes paradisíacos, cujo idílio termina com a chegada de dois policiais. Finalmente, em «Parque de Diversões», vemos reproduzidos em miniatura todos os brinquedos para gente miúda e gente grande, desde a Montanha Russa até o Auto-Pista.

Por mais que se escreva a respeito, o realce e o grande valor dêsse espetáculo só pode ser perfeitamente ressaltados quando se assiste ao mesmo, pois todos os quadros são baseados nos movimentos ora ligeiros ora lentos dessas mãos bailarinas, que deram início a uma nova fase, talvez a mais arrebatadora do teatro de marionetes.

QUEM SÃO OS COMPONENTES DO QUARTETO:

Yves Joly — Antigo comediante ambulante. Iniciou seu teatro de marionetes sob o domínio dos alemães. É o fundador e animador da companhia.

Helène Joly — Espôsa de Yves. Êste a conheceu no teatro de comediantes ambulantes. É mãe de quatro meninas e dois meninos.

Dominique Gimet — Conheceu o chefe da companhia no curso de um estágio do teatro de marionetes em Marly. É a ensaiadora e costureira da equipe.

Jean Marie Lancelot — O mais novo elemento do conjunto. Substitui o antigo «partenaire» Georges Tournaire. É casado com Dominique.

PUXE PELO CÉREBRO
RESPOSTAS DA PÁGINA 36

1 — Latina
2 — Itatiaia
3 — Fluminense
4 — S. Paulo
5 — Feira de Santana
6 — O Monte Pascoal
7 — Mataruna
8 — Querido
9 — Medeiros e Albuquerque
10 — Ceará
11 — Manuel de Carvalho Pais de Andrade
12 — Afonso Celso
13 — Antônio
14 — Governador das possessões holandesas no Brasil
15 — Camilo Castelo Branco

A MULHER SABE ESCOLHER

Na escolha da fazenda para o seu vestido, na escolha do seu sapato, de sua meia, de seu chapéu, dos produtos destinados à sua maquilagem, enfim, na escolha de todos êsses mil e um objetos que formam o cabedal de uma mulher elegante e moderna, ela põe tôda a sua atenção, todo o seu cuidado e medita às vêzes por vários dias. Por muito maior cuidado, muito maior desvêlo, muito mais atenção deve merecer a escolha do remédio para os seus males íntimos, porque aqui se trata de sua saúde, sem a qual a sua boa aparência e a sua beleza não subsistirão, por mais belos que sejam os seus vestidos, por mais vistosos que sejam todos os seus objetos de adôrno e por mais eficazes que sejam os seus cremes, batons, rouges, etc. Os males femininos são de duas naturezas diferentes: os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta ou diminuição de regras. Por isso exigem dois remédios diferentes. Esta a razão pela qual o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes: O Nº 1 e o Nº 2. O Regulador Xavier Nº 1 só se aplica nos casos de regras abundantes e hemorragias. E o Regulador Xavier Nº 2 só se aplica nos casos de falta ou diminuição de regras. Ao adquirir, pois, o remédio para os seus males, exija o Regulador Xavier — o Nº 1 ou o Nº 2 — conforme o seu caso e esteja certa de que fez uma escolha sábia e feliz. O Regulador Xavier combaterá com eficácia os seus males e os afastará de maneira definitiva garantindo-lhes assim a perpetuação de sua saúde o que equivale a dizer a conservação de sua alegria, de seu bem estar, de sua mocidade, de sua beleza. Não se esqueça, pois escolha bem os seus vestidos, os seus sapatos, enfim todos os objetos destinados a realçarem a sua beleza, mas escolha o remédio capaz de garanti-la de perpetuá-la exigindo o REGULADOR XAVIER.



BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Rua de Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

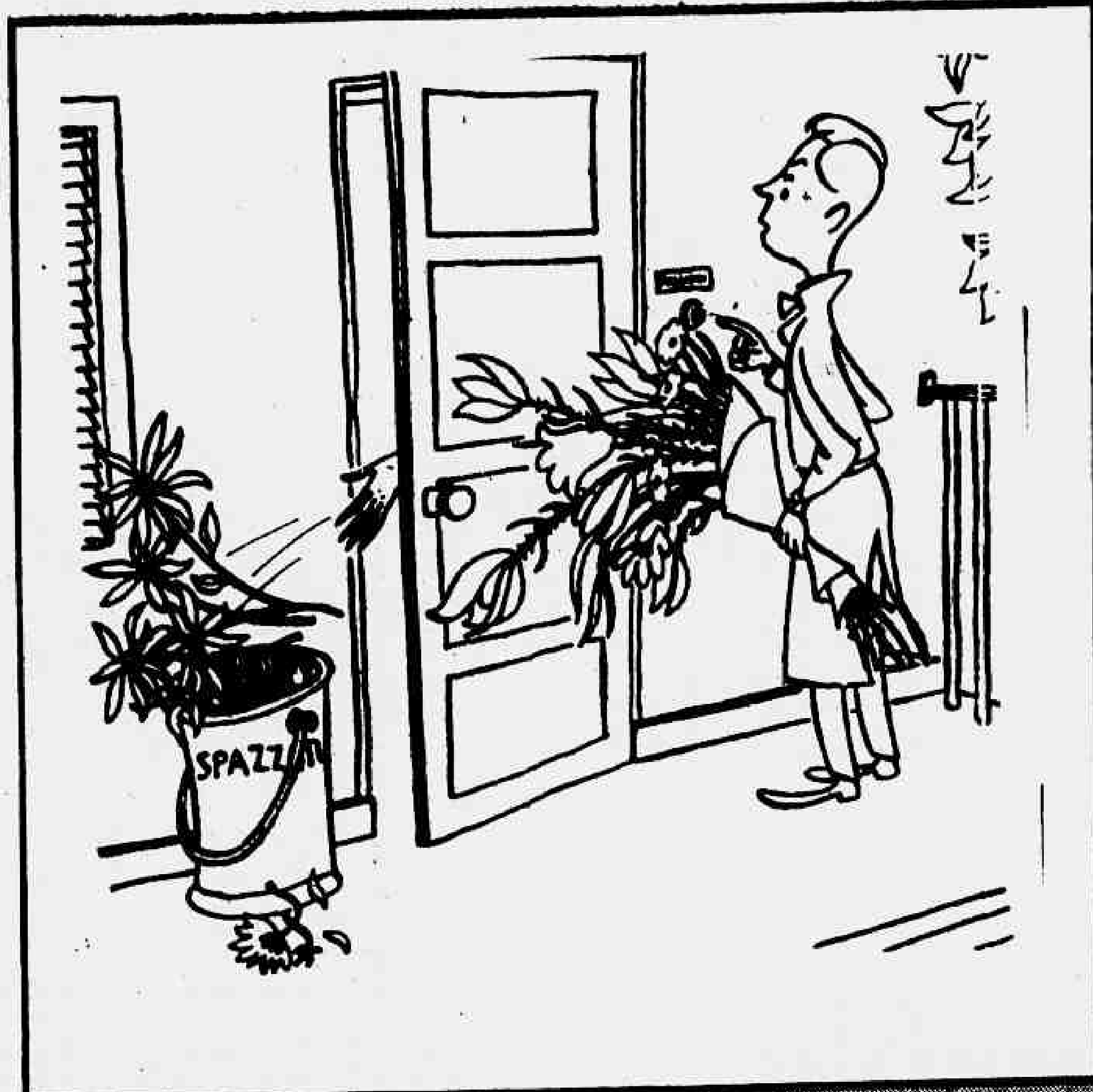
Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

UM PERFUME DE GRANDE DISTINÇÃO



EMBRUJO
DE SEVILLA

M Y R U R G I A



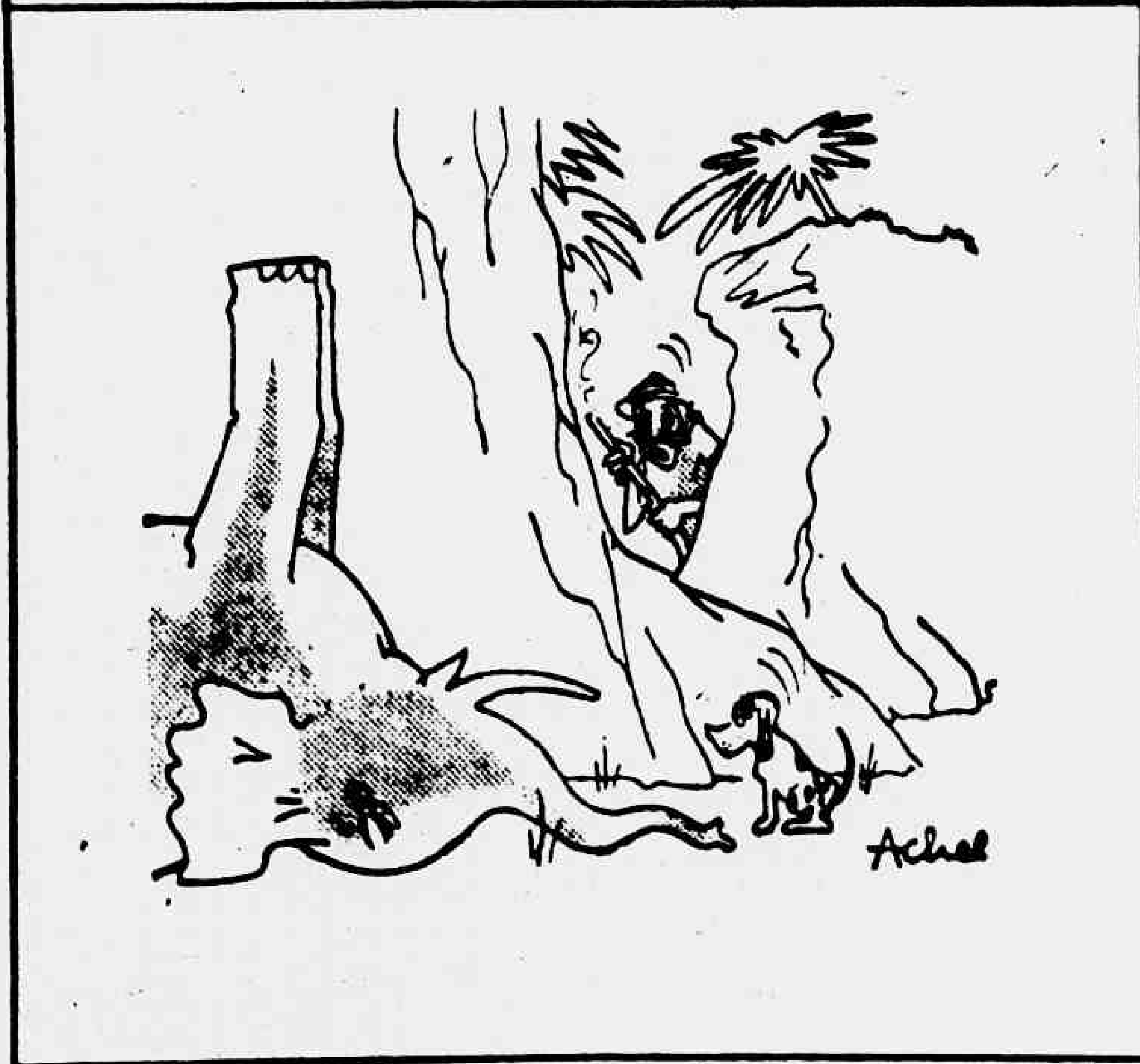


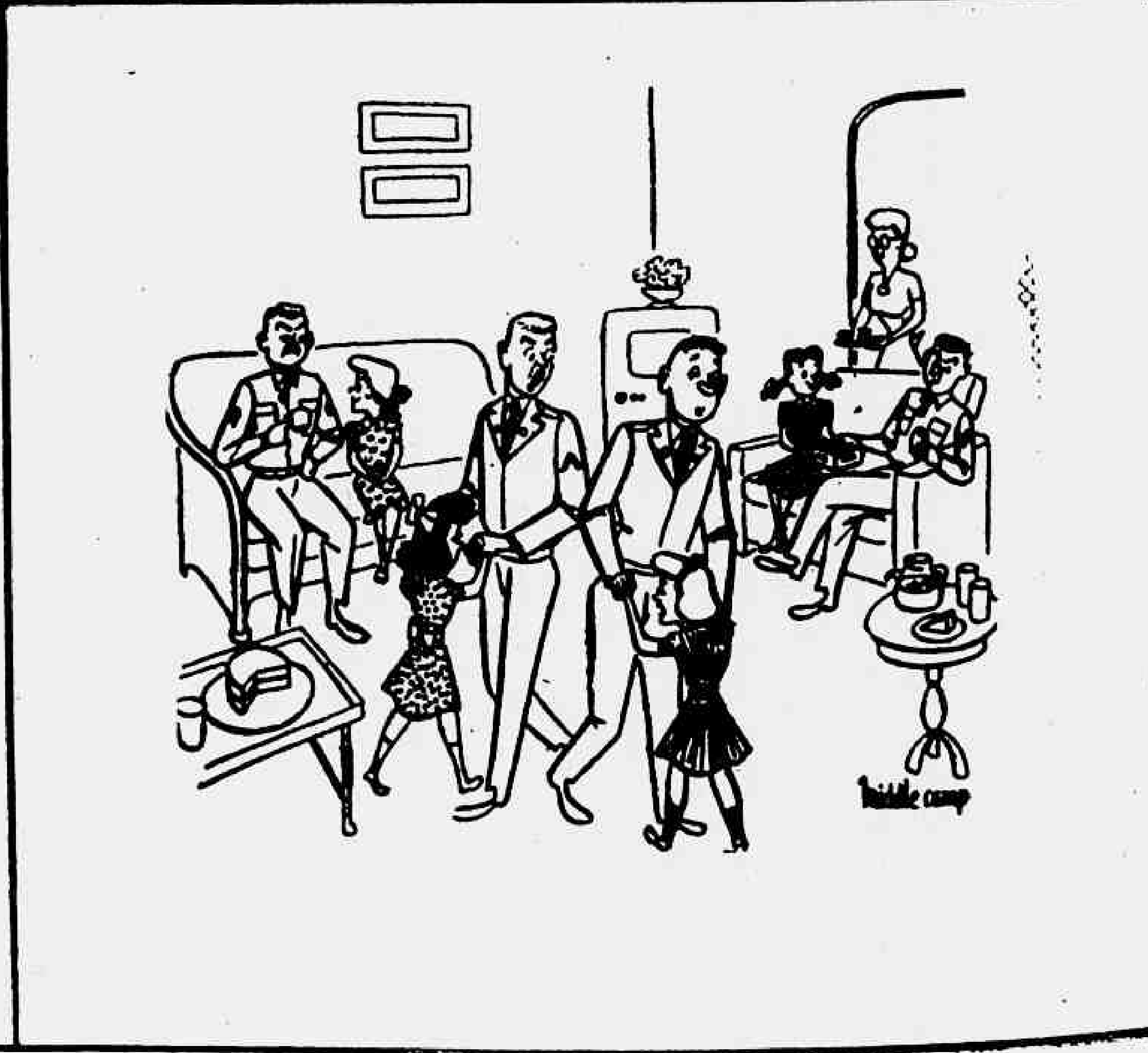
O RISO DOS OUTROS











Cenas c
delegad

COM

M

EM m
Duque d
respons
gada d



Cenas comoventes se registraram na câmara ardente do desventurado delegado Albino Imparato, armada na residência de seu cunhado, na Praia de Icaraí, em Niterói. Sua espôsa, senhora Gleusa Imparato, derrama sôbre o corpo do policial assassinado, dolorosas lágrimas.

COMO SE REVÓLVER NÃO BASTASSE...

MATA-SE EM CAXIAS A METRALHADORA

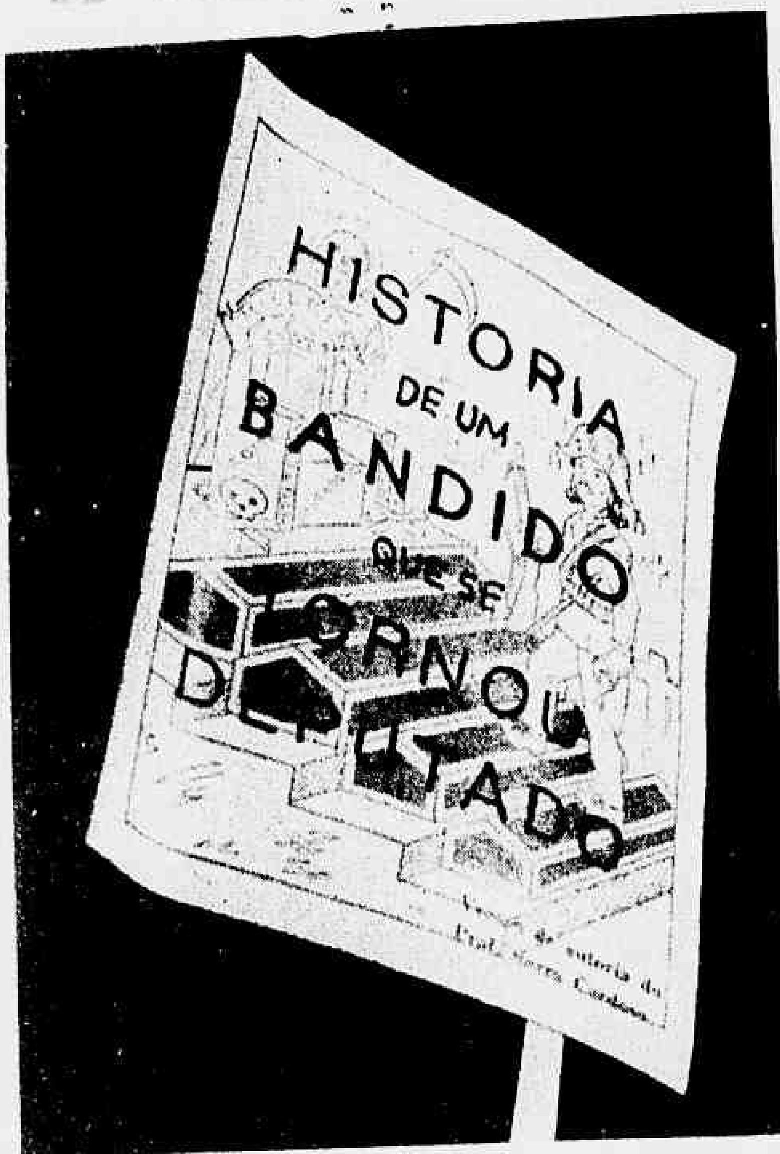
COM OS ASSASSÍNIOS DO DELEGADO IMPARATO E DE ARNALDO BERECO, TEM PROSSEGUIMENTO A NOVELA DE SANGUE QUE SE INICIOU, HÁ TEMPOS, NA CIDADE FLUMINENSE ★ O DEPUTADO TENÓRIO CAVALCANTI É APONTADO PELA POLÍCIA COMO RESPONSÁVEL PELA CHACINA DA MADRUGADA DE 28 DE AGÔSTO ★ DEFENDE-SE E ACUSA O FAMOSO PARLAMENTAR NORDESTINO ★ "VALENTE MORRE PELAS MÃOS DE OUTRO VALENTE" ★ TRISTE FAMA DA VÍTIMA BERECO ★ O ANDAMENTO DO INQUÉRITO ★ LOCALIZADO O AUTOMÓVEL QUE FOI USADO PELOS ASSASSINOS.

Texto de JOSÉ MARIA NEVES — Fotos de ARNALDO VIEIRA, PIETRO FANTAPPIÉ e ALBERTO FERREIRA

EM menos de 48 horas, o sangue correu por duas vêzes nas ruas de Duque de Caxias. Mal havia sido iniciado o inquérito para apuração de responsabilidades pelos sangrentos acontecimentos ocorridos na madrugada de 26 do mês passado, quando investigadores, ou simplesmente «capangas» a serviço da polícia fluminense, puseram a cidade em sobressalto e afrontaram a sua população, eis que novos e mais brutais atentados ali se registraram na madrugada de 28. Para muitos, é possível que os lamentáveis fatos constituam surprêsa, mas para nós, da im-



Imparato, vítima da própria imprudência, pois tudo fizeram para que êle não fôsse a Caxias, na funesta noite dos tristes acontecimentos.



No cemitério de Maruí, ao baixar o caixão à sepultura, um dos presentes jogou sôbre êle um livro, cujo título diz todo o seu conteúdo.

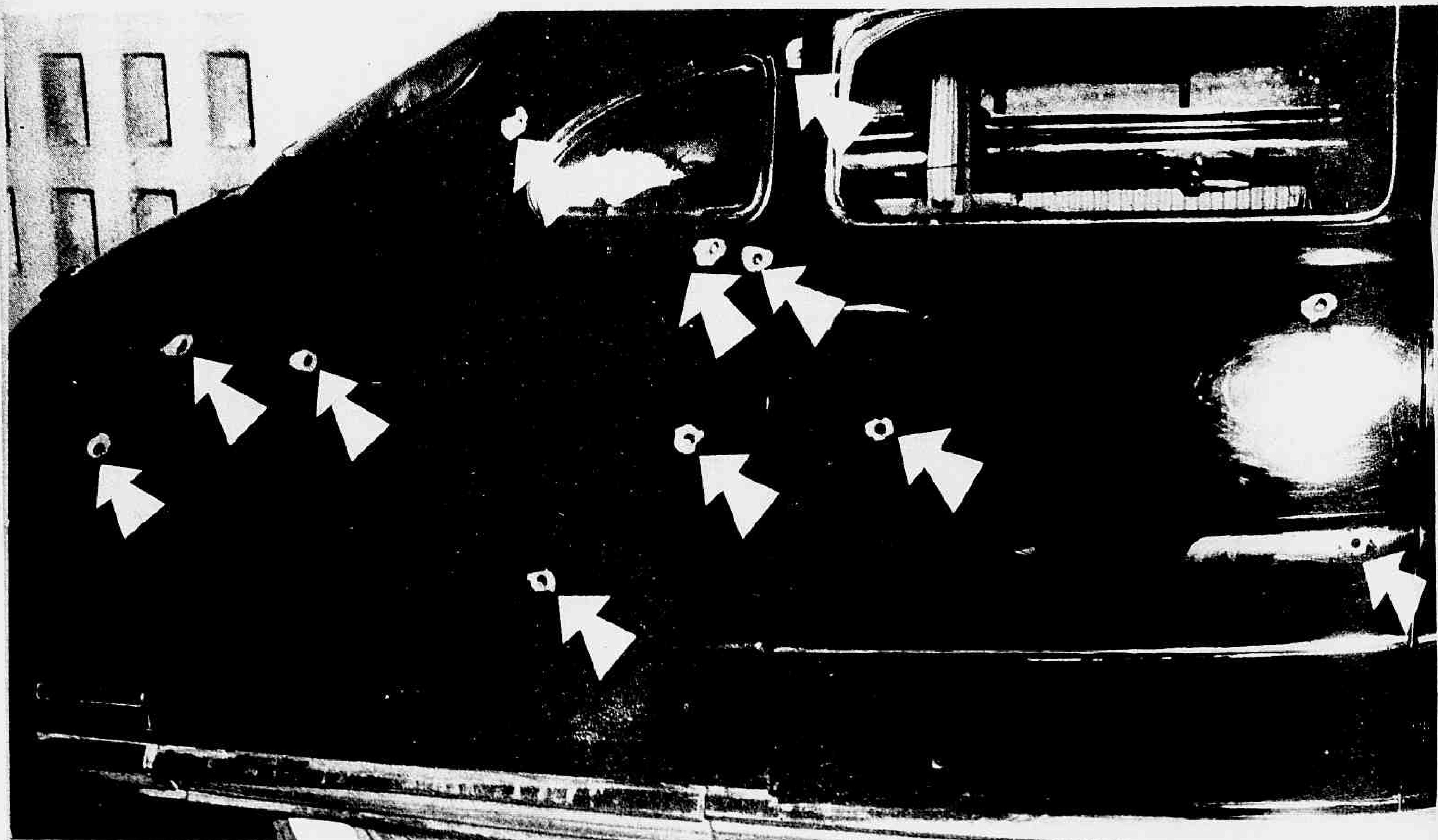


As senhoras Ana de Souza Moreira Imparato e Gleusa Correia de Medeiros Imparato, respectivamente, mãe e espôsa do delegado Albino.

prensa, que estamos acostumados a escrever sôbre as histórias de sangue da vizinha cidade fluminense, tudo não passou de mais um capítulo de uma novela cujo final infelizmente não sabemos prever. Sabe-se que o seu início data de alguns anos, quando ali foi residir o deputado Tenório Cavalcânti. Desde então, estabeleceu-se tremenda rivalidade entre o parlamentar, que pertence a um partido de oposição, e as fôrças do govêrno. E, então, iniciou-se em Caxias a era do cangaço. Nunca mais os que ali residem tiveram dias calmos. E o nome da próspera cidade do Estado do Rio, apesar dos pesares, passou a figurar em manchetes de jornais do país repetidas vêzes. Até no exterior sabe-se que Caxias é «o império do crime», uma cidade diferente de tôdas as outras dêste Brasil imenso, onde se mata com a maior naturalidade dêste mundo. Andar armado ali é coisa comum. Qualquer potentado do lugar tem em casa um arsenal. A fama de Caxias, por isso mesmo, faz com que para lá imigrem perigosos facínoras, que não mais podem viver entre gente civilizada. Procuram «emprêgo» em Caxias. E não passam um dia sequer desempregados, segundo nos afirmaram pessoas de responsabilidade que ali são obrigadas a residir por fôrça de ofício.

Foi a meia-noite de 26 do corrente que se registraram os lamentáveis acontecimentos em frente à Associação Comercial; a 28, 48 horas após, na mesma cidade de Caxias, na mesma rua — Estrada Rio-Petrópolis — por volta de 24 horas, foram assassinados o delegado Imparato e o seu auxiliar Arnaldo Fernandes Bereco. Os métodos adotados pelos crimi-

Foi à meia-noite de 26 do corrente que se registraram as lamentáveis prêto conduzia 5 indivíduos dispostos a matar ou a morrer. Mataram porque as suas vítimas foram colhidas de surprêsa. Depois de constatarem que as suas vítimas viajavam em outro automóvel, também de côr preta, os criminosos aguardaram que o veículo parasse à frente da





A única testemunha sobrevivente à tragédia é o investigador Wander Morais, que ia no banco trazeiro do automóvel e que também foi ferido.



Norma Barbosa, companheira do delegado metralhado, que, de sua casa, diz ter visto o carro dos criminosos afastar-se em grande velocidade.



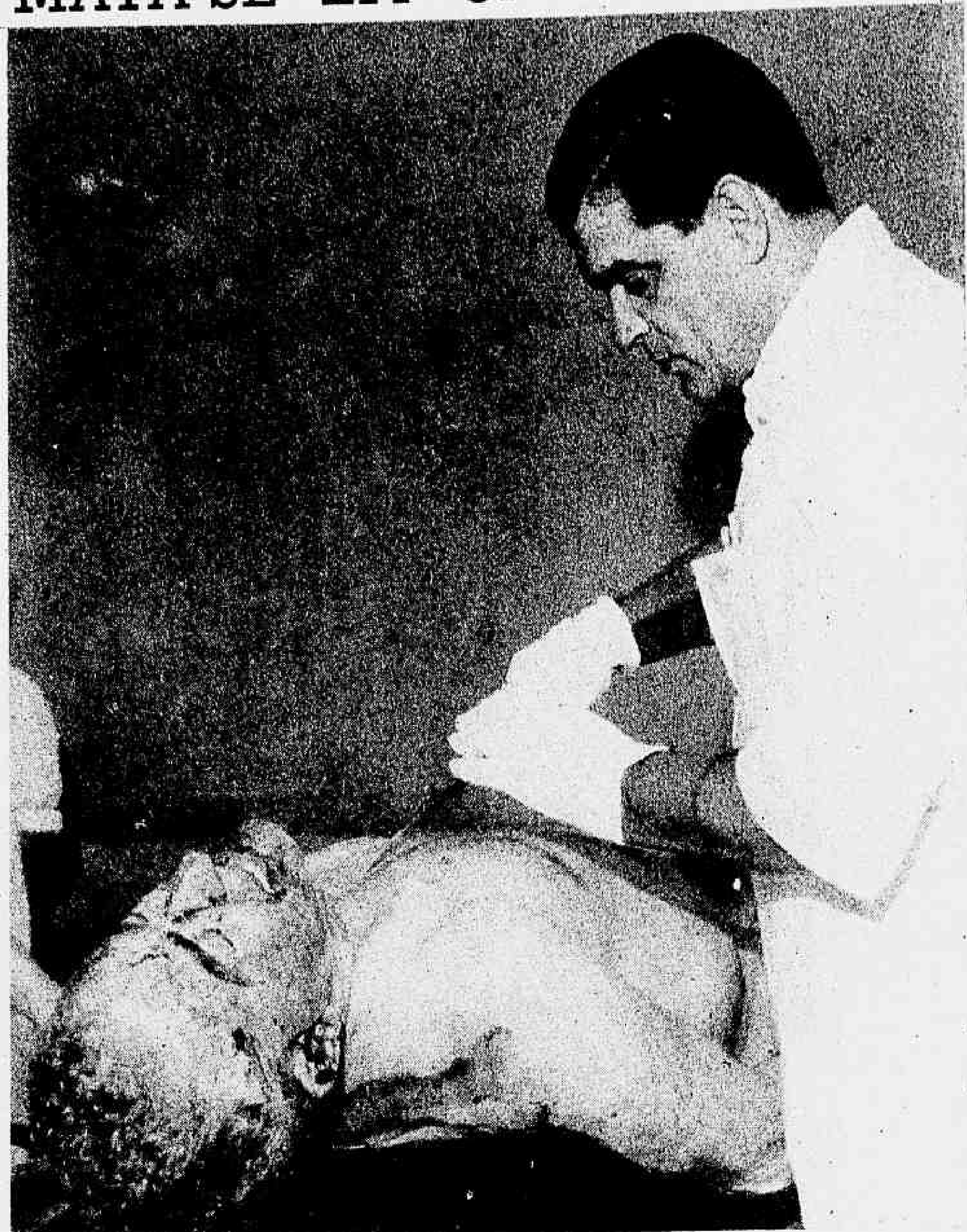
casa do ex-delegado de Caxias. Escondidos por trás de um prédio, os bandidos aceleraram o automóvel e, em disparada, passaram rente ao que estava estacionado. Uma rajada de metralhadora foi ouvida. Não chegaram o delegado e seus companheiros sequer a abrir as portas do veículo para dêle sair. As balas os atingiram depois de perfurarem a lataria do «Hudson» do delegado. Levados para o Hospital Getúlio Vargas, ali veio a falecer, logo ao dar entrada, Arnaldo Fernandes Bereco e, por volta das 4 horas da madrugada, o delegado Albino Imparato. O outro, o investigador Wander Morais, recebeu apenas um balaço na perna.

E tudo foi planejado friamente, não tendo faltado nenhum detalhe para a execução do que fôra previsto. E o valente Arnaldo Bereco que, de uma feita, matou a tiros de revólver oito pessoas que serviram de testemunha num processo contra êle, que acabou jogando-o na cadeia, sucumbiu como sucumbem todos os valentes. Também o ex-delegado Albino Imparato, homem conhecido pelo desassombro com que enfrentava situações as mais perigosas, foi vítima da própria imprudência. Nada mais era em Caxias. Apesar de advertido, foi ao encontro da morte.

Soldados da polícia montam guarda à delegacia local e rondam as ruas, enquanto o deputado Tenório Cavalcânti, enclausurado em sua residência, ali, aguarda, a todo o instante, novo atentado à sua vida. Está, entretanto, preparado para o que der e vier, conforme nos declarou. Realmente, em sua casa, em todos os cantos são encontradas metralhadoras e revólveres. Os «empregados dedicados» estão atentos, sem dor-

A rajada de metralhadora atingiu em cheio o «Hudson» do delegado Albino Imparato. Perfurando a lataria do carro os projéteis disparados transfixaram a cabeça da autoridade e a de Arnaldo Bereco, que viajava a seu lado. O assento dianteiro do automóvel ficou ensopado de sangue, como mostra a foto colhida uma hora após o brutal homicídio. As vítimas devido aos ferimentos, nem chegaram a abrir a porta do carro.

MATA-SE EM CAXIAS A METRALHADORA



A última cena de uma vida turbulenta: Arnaldo Bereco, na fria lousa do necrotério, oferece, inanimado, o peito ao bisturi do dr. Seve Neto, do I.M.L., para a necropsia. Bereco tombou com a cabeça varada por 8 tiros.



Ao entêrro de Imparato compareceu o representante do governador Amaral Peixoto, e o Secretário de Segurança do Estado, trajando roupa de luto, pegou nas alças do caixão mortuário, até ao cemitério de Maruí.

mir noites a fio, revesando-se. Só as empregadas domésticas do parlamentar o abandonaram. A sua espôsa e filhas é quem estão resolvendo os trabalhos caseiros. Nas ruas da cidade não se fala em outra coisa. O assunto é sempre o mesmo: «o que estará para acontecer novamente?»

Os adversários de Tenório Cavalcânti, acusam-no como o único responsável por tudo. O parlamentar não pára de dar entrevistas aos jornalistas. Aí, o deputado nordestino acusa o govêrno do sr. Amaral Peixoto de «estar criando um clima de animosidade para lançar o país na confusão»e, disto, segundo as suas palavras, tirar o govêrno proveito para dar um golpe. Diz o deputado que é o cel. Barcelos Feio quem contrata os criminosos.

O inquérito está aberto pelo delegado Wilson Federici, nomeado para substituir o seu colega Imparato que, antes de ser assassinado, havia sido afastado do pôsto para apuração dos fatos em que se viu envolvido juntamente com Arnaldo Bereco. O que foi apurado pela polícia até agora, é que os responsáveis pela morte dos dois policiais, são cinco indivíduos do serviço do deputado Tenório Cavalcânti, sendo que dois dêles são parentes do parlamentar: Pedro Tenório e José Tenório. O primeiro é o proprietário do automóvel «Hudson», modêlo 1937, do qual partiu a rajada de metralhadora, veículo encontrado no dia seguinte ao do crime, numa garage da Praia de Botafogo, onde também é guardado

(Cont. na página 48)



Populares curiosos aguardam a saída do féretro do delegado Imparato. Até esta jovem esportiva deixou a p... e v... ver de mais perto.



Foram numerosas as coroas fúnebres que se acumularam junto ao coche mortuário, homenagem prestada por amigos e colegas do morto.



Olga Suely, que estêve tanto em evidência em acontecimentos em Caxias, como devem estar lembrados, foi prestar homenagem ao morto.

r Ama-
a de lu-
Maruí.

o para
havia
volvido
cia até
o cinco
ue dois
ório. O
o qual
inte ao
ardado
ina 48)

vidência
vem es-
o morto.

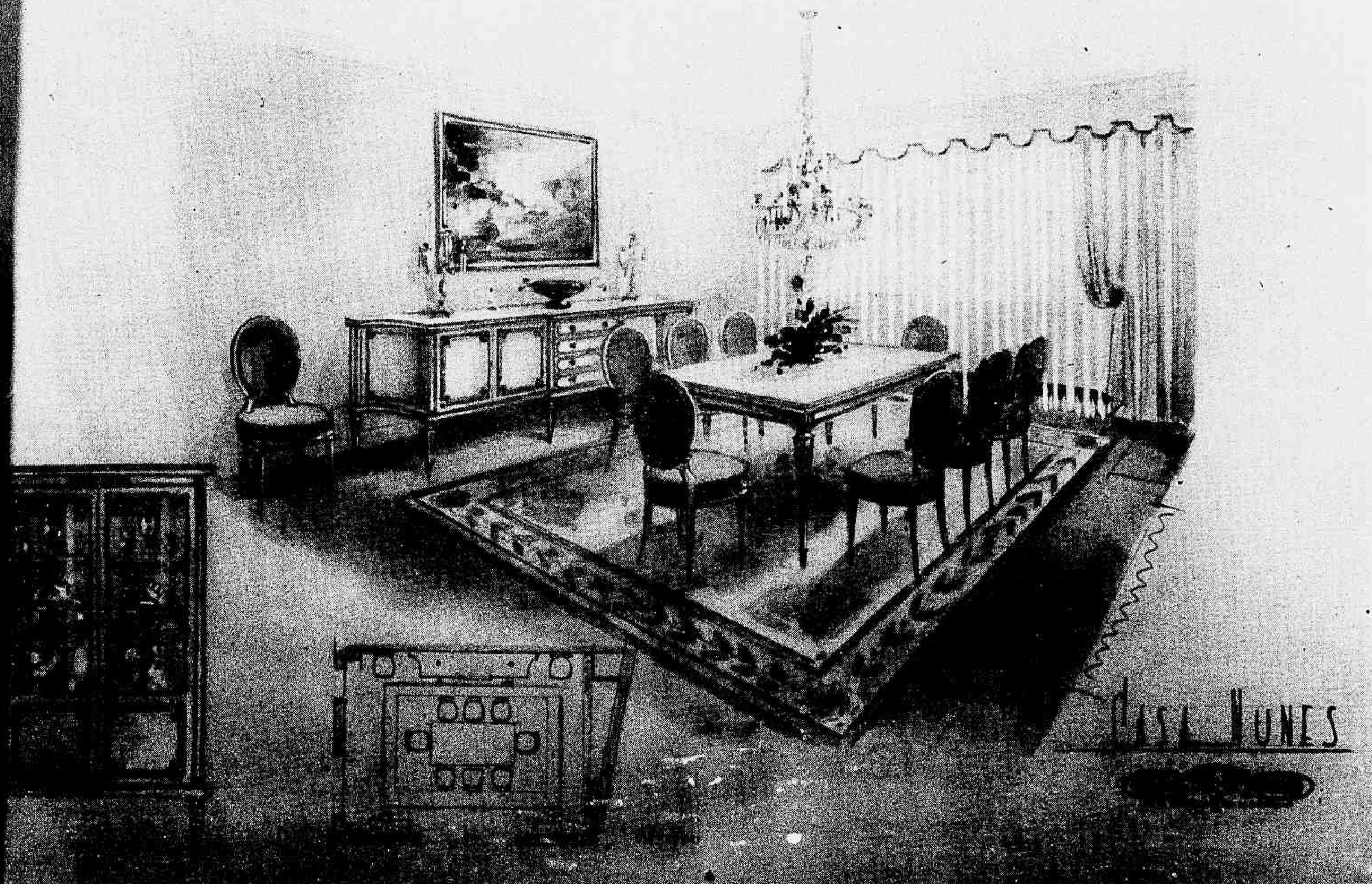
O último adeus dos pais do assassinado, entre soluços convulsivos, e pranto de pessoas da família e de seus inúmeros amigos.

ÚLTIMO FLASH



EIS a reconstituição parcial do que foi o ato de vandalismo que terminou com a morte do delegado Albino Imparato e de um dos seus auxiliares, o investigador Bereco. No 3º prédio à direita, assinalado por uma seta, residia o delegado. Na noite da sua morte, êle parou o seu automóvel, como usualmente o fazia, sôbre a calçada do lado esquerdo da Av. Rio-Petrópolis, conforme a posição do conversível na foto. Imediatamente apareceu o veículo dos assassinos que, aqui, é representado pelo Ford visto à direita. E do mesmo partiu a rajada de metralhadora, seguida por tiros de revólver e pistola. O número de balas disparadas foi tão grande (mais de trinta) que chegou a danificar a porta de aço que se vê por trás do automóvel, aqui figurando como sendo do delegado Imparato. O veículo dos atacantes, de certo, vinha acompanhando o carro das vítimas e, assim, ambos os automóveis iam no sentido Rio-Petrópolis. Entre o primeiro e o segundo edifício, há um espaço vago, onde existe uma garagem-oficina. Ali, Imparato costumava deixar o seu carro.

MÓVEIS, TAPÊTES E CORTINAS



Projeto da CASA NUNES



TAPÊTES E PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO

em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —

TAPÊTES FEITOS A MÃO

verdadeiras obras de arte

VENDAS A VISTA E A PRAZO



Uma tradição de bom gôsto

CIGARROS
Hollywood



UM PRODUTO SOUZA CRUZ